

*aqueles sem guarda-chuva contam suas
histórias em meio à tempestade.
aqueles com guarda-chuva apenas ouvem em
silêncio tais anedotas, em uma leve garoa.*



ECOS DE *TODOS os* *TEMPOS*

uma obra de
HENZO ALEXANDRE

ECOS *de* TODOS OS TEMPOS

**A AREIA DA AMPULHETA
CAI COMO AS GOTAS NA CHUVA.**

PREFÁCIO

-POR JÉSSICA MINEIRO

O tempo nos revela mais do que a sucessão de dias e noites; ele é o tecelão das experiências que nos atravessam e das escolhas que nos definem. Em cada época, deixamos fragmentos de nós mesmos, pedaços que, entrelaçados, formam a tapeçaria de nossa identidade. A cada ciclo, acumulamos camadas de sabedoria, esperança e, por vezes, feridas que ainda latejam.

Ecos de Todos os Tempos nos convida a percorrer essas camadas, resgatando histórias que ora aquecem, ora desafiam. Neste compêndio de novelas, exploramos personagens que, ao lidarem com os ciclos da vida, expõem nossas fragilidades e resistências, oferecendo vislumbres de quem somos e do que desejamos ser. Aqui, o tempo não é apenas testemunha, mas uma presença viva que pulsa nas dores e nos sonhos, refletindo as complexidades de uma humanidade em constante construção.

Em *Ecos de Todos os Tempos*, o tempo emerge como uma força implacável, onde o passado ressurge para confrontar cada personagem com memórias e escolhas que definem suas vidas. Maria Serafina, uma mulher forte, precisa encarar as sombras que permeiam seu lar e, em meio ao luto e à descoberta de um crime brutal, se liberta das correntes que lhe aprisionaram, ainda que com marcas que o tempo não apagasse. Alessandro, atormentado por uma época em que a voz era silenciada e a repressão era lei, torna-se prisioneiro de suas próprias obsessões, até o momento final em que a amizade e a dor se confunde no ato derradeiro.

Na infância de Ian e Matheus, o tempo é uma faca de dois gumes; de um lado, traz as pequenas alegrias da amizade e da inocência; de outro, os arrastam para uma realidade em que violência e sobrevivência se misturam. A promessa de um futuro fora da favela se torna o sonho de uma vida possível, mas ao custo de uma amizade perdida para sempre. Janaína, uma mulher cheia de esperança, busca um futuro melhor para sua família, mas se vê engolida pela força das águas, em uma tragédia que revela a vulnerabilidade humana diante da natureza e o sacrifício de quem sonha.

Cada história lança luz sobre o quanto somos moldados pelo tempo e por suas consequências, numa espiral em que passado e presente colidem. E você, leitor,

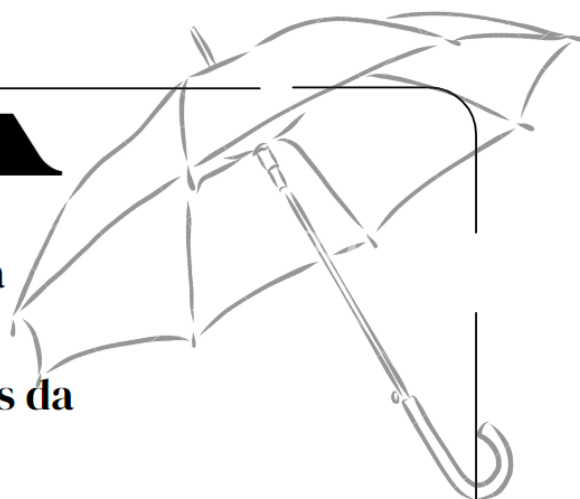
é convidado a refletir sobre o peso do tempo, o poder da escolha e as marcas que ficam, invisíveis, mas sempre presentes.

“Tudo o que precisamos decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado”. – J. R. R. Tolkien

Profa. Me. Jéssica Mineiro

um **GUARDA-CHUVA**

Ele vai ser o seu melhor amigo nessa jornada. Segure-o, e ele contará as histórias que ele já escutou nas gotas da chuva e nos estrondos dos trovões.



ATO 0



ninho ATO I **de palha**

— Ainda é um lar confortável, faça sol, faça chuva.
É melhor que você o aproveite enquanto pode.



ATO I

Um vestido tão lindo, tão facilmente destruído.

A televisão finalmente foi desligada. A caixa de madeira que continha imagens de vidas distantes, amores antigos e palavras irreais era selada no singelo pressionar de um botão, e apenas o vazio cor de carvão iluminava os olhos dos inexistentes espectadores.

Olhos castanhos e relativamente cansados fixados em uma realidade tão irreal perdiam seu foco, e viravam para olhar a grande e retangular janela à esquerda do sofá. Podia se ver uma bela e ilustre igreja ao final da rua, pavimentada por pedras organizadas em um simples, mas complexo padrão.

De tal lugar, saíam os mais diversos indivíduos. Faziam orações e promessas, algumas vazias, para aquele cuja cabeça é perfurada por uma coroa de espinhos. Para aquele cujo corpo permanece atado a uma cruz. Para aquele cujos ditados servem de abrigo a alguns, e de nada a outros.

A missa das sete tinha acabado.

A dona de olhos tão graciosos então levantava suas pernas e olhava a igreja em sua total beleza. Arrependia-se de não ter comparecido a essa reunião de devotos, mas sua leve gripe, no momento, a debilitava, e era aconselhável que ela não fosse.

Eram dias chuvosos. Gripes poderiam correr livremente pelas ruas como os pequeninos corriam atrás de bolas de tempos em tempos. No entanto, infelizmente, não havia ninguém para interromper as brincadeiras de mau gosto que assolavam os habitantes das coloridas casas que ficavam lado a lado.

Não estava tão chuvoso no momento, no entanto. Nublado seria uma palavra melhor para descrever o humor dos céus. Humor esse que era bom o suficiente para deixar aqueles abaixo de si mesmo irem e virem como tanto proclamam.

Ligava então as luzes da casa um tanto pequena. Simbolizava que ali permanecia Maria Serafina - uma senhora de altura relativamente média, e se escondia atrás de um vestido de tecidos finos, estampados com flores das mais diversas cores e formatos.

Cores que ela não via mais. Se via, eram acinzentadas, como as nuvens naquele pequeno momento.

Estava em seus 40. Mais especificamente, em seus 43. Tinha os cabelos ondulados castanhos curtos e soltos, não indo para muito longe além de seu ombro. Seu rosto amarronzado já começava a ficar enrugado à medida que as luas e os sóis alternavam suas posições e suas tarefas. Seus lábios um tanto carnudos e rosados permaneciam fechados, em um raro momento onde não se debatiam.

Serafina então saía da janela para ir perante à porta e então abri-la. Se posicionava encostada na parede amarela da casa, adornada por faixas, pilares brancos e belas flores em pequenos potes.

Seu aroma de lavanda chamaria a atenção daqueles que lá comparecessem. A suavidade e doçura daquele belo e efêmero cheiro era o suficiente para corroer os narizes das pessoas próximas, como uma praga consome seu hospedeiro. Então, Maria Josefina deixou de ficar encostada na parede e passou a girar seu corpo completamente em direção à igreja, que antes estava à sua esquerda.

Após um momento olhando para o final da estrada, a mulher passava a adentrar sua casa novamente. Ao lado da parede amarelada dentro do lar, uma pequena caixa de cigarros já aberta descansava, ao lado de um isqueiro. Ambos utilizavam uma pequena mesa de madeira como sua cama.

Quatro, mais especificamente. Quatro cigarros estavam embrulhados dentro da caixa, enquanto o restante já estava desmanchado de várias maneiras, jogado dentro de um cinzento cinzeiro.

Dez se tornavam cinco. Quatro se tornavam três.

Na medida que o cigarro se encontrava com o isqueiro, uma voz fina, gentil e macia se encontrava cada vez mais próxima da fumaça e do fogo que se formariam ali perto. Estava antes a dez passos de distância, agora cinco. Depois quatro, três, dois...

— Manhê!

...e um.

— Pera aí, minha filha. Deixa eu só...

Em um breve movimento, o cigarro se acendia. O isqueiro voltava para o seu sono acima da pequena mesa, e o cigarro ia para a boca daquela que o acendeu. Ele havia exercido sua função, e nada mais além disso. A voz fanha era inaudível.

Uma garota então aparecia ao lado da mãe. Usam vestidos semelhantes, diferentes apenas em tamanho e nos seus portadores. Tinha cabelos encaracolados, também castanhos e pele um pouco mais clara que a genitora. Suas bochechas eram como pequenos pães macios, e seus olhos esverdeados eram inocentes como um brinquedo recém-comprado.

— O que foi, Cecília?

— A senhora pode me levar pra brincar um tiquinho? — Dizia, passando a segurar uma boneca e pressioná-la à barriga. — Lá na pracinha?

A mulher teve um dia relativamente difícil e sobrecarregado. Era professora de uma escola próxima, e esse dia em particular exigiu muito de seus esforços, tanto físicos quanto psicológicos. Em soma com os afazeres domésticos que ocuparam praticamente sua tarde inteira, seu tempo reservado para a filha acabava cada vez mais encurtado.

— Por quê tu não espera teu pai chegar? Ele pode te levar lá, a mamãe tá tão cansada...

— Não!

Os olhos da mãe arregalaram repentinamente. Estava surpreendida que a filha tinha levantado o tom tão subitamente para ela. Tal surpresa era vista também nas mãos de Cecília, que tamparam a sua boca rapidamente.

— Desculpa, mãe...

A mulher estava confusa. Não era corriqueiro que a suave voz da garota se transformasse nesse estrondo. Pelo menos, não em sua frente.

Mesmo assim, cansada, ela colocou os floridos chinelos em seus pés. Era visível que teria mudado de ideia. Decidiu acompanhar a filha neste momento de júbilo.

— Ah! Então a senhora vai? Que bom! Já tô arrumada!

A mulher olhava para a menina, e então sorria, seguindo com leve tosse. Era um de seus maiores prazeres: ver a felicidade e o sorriso de Cecília, e era esse um dos prazeres que queria manter até que sua morte chegasse. Até lá, os dentes, com já amadurecidos, de Cecília já teriam terminado de beber seu copo de leite, mas seu sorriso continuaria mais e mais belo. O mesmo de seu eu infantil. O mesmo cabelo castanho. O mesmo vestido florido. A mesma voz.

É como se ela nunca fosse crescer. É como se sua perfeição se mantivesse através dos sóis e das luas, das nuvens e das chuvas, da terra e do céu.

— Sim, Ceci. Vamos? — Indagava, estendendo a mão.

A pequenina segurava a mão da mãe firmemente. Não era sempre que passavam esse tempo juntas, mas, quando passavam, era inesquecível.

Então, ambas saíram pela branca porta de madeira e a fechavam, já do lado de fora. Tal transição entre mundos deixava a pequena garota animada, mais do que já estava. Era visível que queria sair um pouco de casa e espaiar. Tanto é que já saía do quarto vestida com suas roupas prediletas. Era uma ocasião especial.

Na medida que as pessoas iam e viam da pequena igreja ao final da rua, a mulher e a menina andavam de mãos dadas. Algumas andavam paralelamente, outras para outros rumos, outras até esbarravam nas duas por tamanha pressa. Eram como linhas, e essas linhas que faziam o mapa daquela rua ser tão especial.

A pequena linha então se curvava à direita. Após acenar umas aproximadamente 13 vezes para aqueles que passavam na rua, via o seu lugar desejado. O seu paraíso, o seu lugar seguro, o seu pequeno parque, e o seu grande mundo de maravilhas. Não havia espaço em 100 praças para conter o sorriso das crianças que lá já estavam, e da que acabara de chegar.

— Vai lá, Ceci. A mãe vai ficar aqui esperando. Não tô legal pra brincar hoje.

— Mas eu não quero brincar com elas! Quero brincar com você! Faz tempo que a senhora não brinca comigo!

— Menina, eu sei, mas...

Cecília já sabia o que ela iria dizer. A mãe já era previsível demais para ela, mas não era uma criança desafiadora. Não ansiava por um desafio maior que a mãe, e se acostumava com suas negações. Apenas aceitava que a senhora poderia não ter tempo ou simplesmente poderia estar exausta, com suas forças exauridas depois de milhares da mesma rotina cansativa. Estava disposta a fazer sacrifícios.

— Tá, mãe... — Dizia a menina, após um pesado suspiro. — Num precisa dizer nada. Eu só vou lá brincar com as outras crianças, tá?

O pardal aceitava que as migalhas de pão novamente seriam desmanchadas pela chuva. Já tinha se acostumado com suas penas ficarem molhadas, então não adiantaria tentar secá-las. Teria de se satisfazer com sementes e insetos, mesmo que pão fosse sua refeição predileta. Refeição esta que dela cada vez menos desfrutava. Não tentava lutar contra a chuva, mas sim amava o seu abraço e seu aconchego. Não queria que parasse de chover, mesmo que isso significasse não ter o que mais quer.

Cecília saía em direção aos brinquedos de madeira cabisbaixa. Não queria ser um incômodo nem um fardo para uma pessoa tão esforçada e admirável quanto a própria mãe. A boneca que segurava então era arrastada pelo concreto, relativamente úmido. As folhas das árvores derramavam suas lágrimas em cima da cabeça da menina enquanto percorria seu breve caminho.

Já Serafina ficava sentada e olhava para as árvores e para o céu nublado. Era dona de alguns maus hábitos, mas também de bons hábitos. Não sabia discernir se era uma pessoa de bem ou de mal. Não havia necessidade.

Questionava-se sobre a sua função materna. Apesar de sempre nutrir a menina com o maior carinho e amor possível, nos últimos meses, vêm ficando cada vez mais distante. Passou a fumar e assistir mais à televisão para lidar com seu estresse crescente tanto do marido quanto do emprego. Ama as crianças para as quais dá aula, e ama ainda mais a filha, mas é cada vez mais difícil passar tempo com ela. Era cada vez mais difícil sorrir genuinamente.

Questionava se realmente merecia ser mãe de uma criança tão boa e pura como Cecília. Não era essa Maria Serafina que a pequena Ceci merecia ter. Era a Maria Serafina cuidadosa, brincalhona e mais amável, e não a Maria Serafina que fumava, empestava a casa com fumaça, era estressada em todo tempo e que passava a maior parte dos momentos livres em frente à televisão, deixando a filha sozinha no quarto com os próprios brinquedos. Amava-a mais que tudo, mas simplesmente não conseguia demonstrar. Não conseguia demonstrar amor por muitas coisas que antes adorava, exceto pelo marido que tanto a "amava".

Ambas olhavam em um espelho de sua realidade com um olhar trêmulo, angustiado e tristonho.

Após um devaneio no banco da praça, Serafina caiu em um leve sono. Não teve tempo de sonhar, no entanto. Apenas uma hora não foi o suficiente para explorar seu subconsciente e todos os seus relevos discrepantes. Ainda sim, era um momento incomum, no qual sua tosse, já crônica, não seria um obstáculo para seu sono.

— Mãe! Tá começando a chover! Vamo pra casa!

A senhora se espantava. Seu breve sono foi logo interrompido enquanto seu braço era segurado pela filha, na medida que as mangas quase maduras caíam no chão e as outras crianças tropeçavam e corriam para debaixo de seus tetos.

Apenas seguia a filha e estava confusa, mas a menina corria em direção à própria casa. Não interessava para ela se sua vestimenta estivesse relativamente suja e molhada. Afinal, toda brincadeira mancha a roupa de uma criança, vez ou outra. É parte do processo.

Seus pés pisavam na pedra molhada e criavam belos padrões nas ondas reverberantes da água. Era quase como um espelho distorcido, que fazia o céu ser chão. As pontas das vestimentas se molhavam, e Maria sabia que tinha de lavá-las no dia seguinte, e esse pensamento já a atormentava. Mesmo assim, não queria deixar a filha com trajés sujos e manchados.

Ambos os pardais, então, chegavam ao conforto do seu ninho, com as asas molhadas pela garoa.

Enquanto Serafina colocava suas mãos enrugadas e molhadas em sua boca para espirrar, era interrompida logo por um som estrondoso.

— Essa hora?

Uma voz grossa e áspera entoava então por todos os cantos da casa. Aqueles que uma vez dormiram agora acordaram de vez. Era um terremoto que não quebrava as paredes, e nem rachava o chão. Ainda mantinha a casa bela, mesmo com sua imponente.

Os belos cristais amarronzados nos olhos de Maria Serafina arregalaram com o susto.

— Oi, pai. — Dizia a menina, enquanto tentava passar reto pelo sofá em que o homem sentava.

— Oi, minha...querida. — Dizia em uma voz levemente arrastada. — Vem cá, vem...

A garota era puxada pelo braço e logo levada ao pai soluçante. Recebia um abraço, mas não o abraço que sua mãe daria. Não o abraço carinhoso e aconchegante das ondas do mar na areia. O abraço que os espinhos de uma rosa davam nos floricultores.

Após cinco segundos, a filha já queria se desprender daquelas garras. daquelas cordas que a amarravam. Mesmo assim, o rosto relaxado e as pupilas dilatadas do homem o davam forças para puxar a garota para si mesmo por mais um tempo.

— Te amo... — dizia, soluçando. — ...viu? Minha...filha.

Era notável a embriaguez do homem relativamente alto, de pele clara e um tanto rechonchudo. Sua barba roubava a maioria dos cabelos de sua cabeça, assim como Adauto Peixoto Oliveira da Silva roubava o espaço vazio de seu nome em sua certidão de nascimento.

— Também te amo, pai...

Ela então empurrava o próprio corpo para longe do sofá.

— Eu vou trocar minhas roupas, mainha.

A garota andava e cruzava a sala, a cozinha e o banheiro para encarar a parede com uma porta, logo abrindo e fechando em seguida.

— E tu? Hein? Onde...é que tu tava?

— Eu fui levar a menina pra praça ali perto, Adauto. — Dizia ela, em uma voz-quase-sussurro, enquanto fechava, mas não trancava, a porta de madeira. — E tu?

— Eu tava...trabalhando. Tu é burra assim pra...não perceber?

— É por quê tu tá assim, né. Mais uma vez. Rapaz, pare com essas coisa.

— Escuta aqui. — Gritava, enquanto seu corpo desengonçado tentava levantar do sofá. — Tu não tem... pra quê falar assim comigo não, viu? Eu sei... das coisa que eu faço e... deixo de fazer. Cala a tua boca!

Ela então suspirava, e andava pelo mesmo percurso da filha para chegar até o próprio quarto. Amava o seu marido, e não queria arcar com as consequências de contrariá-lo. Sabia que era adúltero e insensato, mas as suas palavras a hipnotizavam. Ela seria e deixava de ser o que ele diria, e não o que ela sempre foi, e passava a se ressignificar cada dia que vivia com Adauto. Já não era mais Maria Serafina Mendes de Jesus. Seus sobrenomes já eram de pouca relevância para si mesma.

Ela então entrava no quarto e fechava a porta, ligando o ventilador. Queria pensar em tudo, e em nada. Estava apenas cansada e queria ter um longo descanso em sua cama. Já era corriqueiro.

— Ai, que mulher... intrometida, viu. Eu, hein... — Dizia uma voz fraca, advinda do final do corredor. — Não me deixa... em paz. Não vale nada essa daí. Não presta pra nada.

Serafina também passou a concordar com esse discurso depois de tanto ouvi-lo.

Logo então apagou as luzes, deitou na sua cama e fechou seus olhos. A milésima repetição de um mesmo dia acabava ali, no cessar da visão, na saída do claro e na entrada do escuro.

Era uma noite sem estrelas, sem lua, sem sonhos. Os desenhos que as Três Marias fariam já foram desmanchados pela água e pelas nuvens. Uma bela técnica de pintura, sem sombra de dúvidas.

Mas esse belo quadro já havia sido trocado pelo retrato da manhã fria e fresca, após as dez horas de sono de Maria. Ali, seus olhos cansados e levemente enrugados abriam novamente e viam o mesmo mundo que já tinham visto por tanto tempo. Um ciclo vicioso.

Levantava da cama com as mesmas roupas do dia anterior, e ela já estava bagunçada novamente. Ao lado dela, apenas as marcas do corpo do marido dormiam em sua cama, apesar dele já estar distante, e já ter acordado há muito tempo.

Espreguiçava-se. Usava suas pernas como garras que fincavam o chão, e olhava no espelho em frente de si mesma.

Olhava com certo estranhamento inexpressivo. Sua imagem já estava cada dia mais estrangeira para si mesma. Não sentia mais vontade de pentear seus belos cabelos naquele momento assanhados, nem de trocar seu vestido bonito, mas ultrapassado. Ainda assim, tentava o seu melhor a cada dia. Não queria decepcionar a única pessoa que ainda tinha esperanças nela. Não queria decepcionar a pequena Cecília.

Talvez isso fosse recíproco.

Logo, ela tirava o seu vestido e o jogava em uma pequena gaveta de madeira, que se abria com a outra mão antes livre. Pegava um médio short de tecidos cinzentos e uma camisa vermelha, que levava até o banheiro próximo.

Entrou, banhou, escovou, vestiu, penteou, perfumou. Pelo dia, não teria de ir até a escola em que trabalhava, mas, mesmo assim, se preservava e se embelezava com o belo aroma do bom e do melhor perfume que poderia comprar. Doce e suave como lavanda. O mesmo cheiro de sempre.

Não queria que sua fragrância mudasse.

Estranhando o silêncio na casa, Maria foi até a porta do quarto da filha.

Toc, toc, toc.

Apenas os ecos de uma voz silenciosa e inaudível a respondiam. Já se passavam trinta minutos das seis, e a garota nem sequer havia levantado da cama para ir à escola. Deveria estar cansada.

— Cecília! — Dizia Serafina, em uma voz gradativamente mais alta. — Você precisa se arrumar!

Silêncio total. Interrompido apenas pelas esmurradas que a senhora dava na porta.

— ACORDA, CECÍLIA!

Ela então abria a porta, em um golpe de impaciência. Seus olhos então congelavam juntamente com seu corpo. Parecia até que uma bela fotografia havia sido tirada, de um momento agora eterno. Um que a mudaria para sempre.

Daguerre havia inventado o primeiro aparelho fotográfico para isso, afinal. Toda câmera tem a função de registrar uma memória para eternizá-la, por mais primitiva que seja.

Na cama, havia um urso de pelúcia amarronzado um tanto velho e rasgado, mas manchado de vermelho. Olhava com seus olhos plastificados para a princesa que a rainha jurou proteger, com sua vestimenta e seu corpo rasgados pelos espinhos das roseiras do jardim imperial. Seu corpo tinha manchas roxas como as violetas desse mesmo jardim. Seu rosto era imóvel, estático e eterno. Seus olhos já sem brilho fixaram seu foco até o telhado. O vestido daquela pequena menina estava pintado de vermelho, e seu cheiro metálico infectava o pobre e inocente quarto. Sua boca era aberta, mas não falava sobre suas amadas bonecas. Ninguém realmente a escutaria.

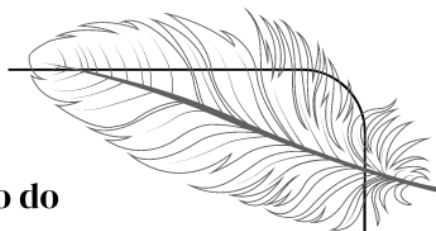
Ela não respirava mais. Era quase impossível respirar em meio ao odor forte de sangue no quarto e na cama.

— CECÍLIA!

Lágrimas corriam uma maratona no rosto da mulher. Davam a largada, e caíam no ponto de chegada - o corpo já frio da garota.

pena azul, pena marrom

ATO 2



— **Elas se encontraram ali, como o encontro do mar e da areia. Como o céu e a terra.**

Ela soube daquilo por muito tempo. Mais do que devia.

Soluçava, gritava e manchava as roupas de vermelho enquanto encostava na menina e tentava abraçá-la, deitando rapidamente na cama.

Estava trêmula e transtornada. Nada poderia tirá-la daquele pesadelo, de ver a única pessoa da família que ainda a amava ter se esvaído em panos sangrentos. Sua boca estava levemente aberta, mas não falava, conversava, nem sequer cantava uma canção de ninar.

A palma de Serafina se tornava vermelha na medida em que tocava no sangue seco no vestido da menina. Cecília havia pedido, por muito tempo, ele para a mãe nas noites de sururu, e nas manhãs de cuscuz. Era seu favorito, mas não é como se ela quisesse ser enterrada com ele. Não caberia em seu corpo adulto, afinal.

— Minha filha! MINHA FILHA! ACORDA!, ACORDA, POR FAVOR!

Apesar dos pedidos constantes, a menina não levantava um dedo sequer. Não acordaria, mas não por que teria aula de matemática. Não é como se ela odiasse tanto assim a aula para faltar o dia todo e deixar de ver suas amigas.

A mulher se esgoelava e gritava. Começava a perder a voz, e as pessoas na vizinhança se assustavam com tamanha comoção.

— ME DESCULPA, ME DESCULPA! POR FAVOR! LEVANTA! EU VOU BRINCAR MAIS COM VOCÊ, EU VOU...EU VOU...

Ela então engolia a seco.

— ACORDA, CECÍLIA. POR FAVOOOOOOOOR!

Ela deitava em cima do corpo da menina. Da filha que tanto amava, da filha que tanto esperou e da filha que provavelmente decepcionou. Prometia a ela uma vida excelente, prazerosa e livre, mas muitas promessas são feitas para serem quebradas.

Começava a chorar de forma mais baixa, soluçando incontrolavelmente.

— Minha filha, quem fez isso contigo? — Dizia ela, transicionando seu tom de voz para um grito de fúria. — QUEM? QUEM FEZ? EU VOU CAÇAR!

Ela então levantava e via, abaixo do travesseiro, um cabo de madeira. Ia até ele e então o agarrava com suas mãos, que já eram garras, e revelava uma faca ensanguentada. Não estava muito afiada, mas não era cega. Não era culpada, mas não era inocente.

A mão trêmula segurava o objeto e olhava para ele como se ele devesse a ela algum tipo de resposta. Nisso, levantava da cama com a faca na mão.

Era até como uma intertextualidade da obra pintada na noite passada. A figura segurava a faca ensanguentada, e olhava para o corpo sangrento, pouco tempo após vê-lo. Eram dois quadros semelhantes. Duas cantigas com a mesma letra.

Ainda sim, ela estava determinada a encontrar aquele do quadro anterior, e não iria parar por nada no mundo até achar aquele que tirou a vida da sua filha amada.

— Eu vou te achar. E quando isso acontecer, eu vou... — Murmurou, segurando a faca com força gradativamente maior. — ...eu vou...

Mas o que ela faria? Não é possível que uma mulher tão frágil quanto Maria Serafina poderia fazer algo para descobrir esse assassino. Ou sentava e chorava pela morte de Cecília, ou tentava investigá-la, e acabar em pedaços como uma bela boneca de porcelana.

Largava então a faca no chão atrás da porta aberta. Tentava esconder suas lágrimas e seus soluços, mas as tentativas eram falhas. Foi então que ela escutava batidas apressadas na porta, que aumentavam em quantidade rapidamente na medida que nervosismo tomava conta de quem ficava dentro e fora daquele lar.

Não faz parte do comportamento de uma boa vizinha deixar aqueles que visitassem seu lar verem corpos já mortos. Não era uma paisagem que qualquer um gostaria de ver, e a mulher que ficava de pé diante da filha tão próxima, mas tão distante simultaneamente sabia disso mais do que qualquer outra pessoa.

Após um tempo no quarto, ela saía para a cozinha em passos pesados e fechava a porta do cômodo, limpando suas mãos e suas lágrimas com a água de uma pequena bacia de plástico.

— Maria! Tá aí, flor?!

Ela tremia, ofegava e soluçava enquanto fazia o seu percurso até a porta branca. Sua garganta era como um nó serpente, que fincava suas presas e espalhava seu veneno doloroso em Maria.

A mesma serpente que segurava o fruto proibido em sua boca peçonhenta. Para Serafina, no entanto, aquele fruto do Jardim do Éden tinha o gosto torturante da dor e do arrependimento. Não era uma refeição prazerosa, e nem um aperitivo que ela merecia.

Não era a pecadora que merecia uma mordida de todas as lágrimas e angústias do mundo, mas, mesmo assim, ela mordia dessa maçã corrosiva com seus dentes relativamente amarelados.

Depois de um tempo, ela finalmente abria a porta da frente, lentamente.

— Maria! O que foi? O que aconteceu?

Dizia uma voz um tanto madura, mas ainda sim suave. Suave como o canto de um sabiá, e como a brisa das cinco da manhã. No entanto, não era suave o suficiente para acalmar a agitação da amiga.

— Raimunda! Entra aqui, por favor.

A senhora de 46 estava assustada com os gritos que ouviu, assim como todas as casas próximas. Mesmo assim, apenas ela foi corajosa o suficiente para bater na porta branca, que escondia um enorme jardim de rosas vermelhas. Apenas ela tomou a iniciativa de visitar o belo canteiro florido.

Ela então entrava, e Maria Serafina fechava a porta.

A senhora de calças e uma camisa floral então entrou na sala e foi ao encontro de uma pequena mesa com um pequeno cinzeiro, e uma estátua menor ainda da Virgem Maria. Seus braços pardos e com pulseiras ficavam acoplados em seu corpo, e seu cabelo preto e cacheado se mantinha firme.

Maria Serafina puxava as janelas acima de um dos seus sofás com todas as suas forças e a abria. A luz solar fazia sua entrada triunfal na parede oposta à janela, na parede na qual se situava, ao lado, uma pequena cristaleira. Nela, no entanto, não havia troféu algum que Serafina pudesse mostrar aos visitantes do lar.

Então, a terra amarronzada se encontrava com o rio azul cristalino. Dois pares de olhos se entreolharam. O sol iluminava a floresta onde montanha e água se abraçavam.

Esse encontro apenas duraria cerca de dois segundos.

— Ai, Raimunda...

— O que foi, Maria? Fala o que aconteceu!

Serafina já estava com uma voz chorosa. Suas mãos cobriam seu rosto, tal como era feito quando alguém sentia vergonha, ou tal como era feito quando alguém queria esconder suas lágrimas.

— A Ceci, ela...ela...

Vendo que sua amiga estava prestes a chorar, Raimunda vai até ela e senta à sua esquerda, colocando a mão em suas costas.

— ...ela morreu, Raimundinha! Mataram a minha filha! MATARAM A CECÍLIA!

Serafina voltava então a gritar e chorar. Raiva, tristeza e angústia eram como temperos em uma grande panela de caldo, pronta para servir um grande banquete entre reis, rainhas, princesas e príncipes.

Raimunda, por outro lado, permanecia boquiaberta enquanto recebia a notícia de que a melhor amiga de sua filha havia falecido. Suspirava intensamente, e tentava abraçar a mulher devastada à sua direita.

— Ôh meu deus, a Cecília? Não acredito...

As duas se abraçaram e choraram. O conflito de lágrimas leves e pesadas gerava uma cacofonia tão dissonante que passava a gerar um único som harmonioso. Serafina gritava até não conseguir mais. Suas mãos seguravam sua cabeça e suas garras eram pressionadas contra seu couro cabeludo.

— Por quê, Raimundinha? Por que tem gente que tem coragem de fazer essas coisa com uma criança! A menina era a coisa mais linda do mundo, era meu amor! E agora ela tá morta, Raimundinha! Eu não sei mais o que fazer da minha vida!

O abraço se cessa, e então Serafina limpa seus olhos com a mão, ainda manchada com um pouco de sangue.

— Bateram na bichinha! Esfaquearam ela! Eu quero saber QUEM FOI!

Sua voz subitamente se transforma em raiva. Suas lágrimas ainda corriam, mas agora era um resíduo derivado da mistura entre depressão e fúria.

— Calma, Maria. Respira comigo.

Raimunda inspirava, e expirava.

— Mas-

Raimunda inspirava, e expirava novamente. Dessa vez, fazia um barulho que abafaria a voz da amiga.

Serafina entendia a mensagem. Inspirava, e expirava.

Após um tempo repetindo esses padrões, Serafina finalmente se acalmava. Sua voz ainda escondia a raiva, a tristeza e a angústia. Seus lábios eram bons nessa brincadeira de esconde-esconde quando se falava de sentimentos. A prática leva mesmo à perfeição.

— Eu só acho que...eu não fui uma boa mãe para ela, sabia, Raimundinha?

— Ham?

A mulher com voz menos chorosa inclinava sua cabeça enquanto dirigia suas costas ao encosto do sofá.

— Sabe, eu sempre quis ver a Ceci feliz. Sempre quis ver ela ser a menina mais feliz do mundo. E, por muito tempo, eu achei que conseguia dar isso para ela. Mas, recentemente... eu nem sei mais.

— Todo mundo notou que tu tá diferente, Maria. Não sai mais com a gente, não oferece os bolo que tu fazia, não vem mais jogar baralho comigo, com a Severina e com a Tia dos Anjos. Não faz mais quase nada se não for pra ficar enfurnada aqui na tua casa assistindo esses negócio que tu assiste. Nem pra tu regar tuas florzinha que tu tanto amava antes! O quê que tá acontecendo contigo, flor? A gente cresceu junta e agora a gente nem se fala mais direito...

— Sabe, mulher, o Adauto fica falando que as flor são feia, que os meus bolo não presta, que eu sou uma inútil... — Dizia, sendo interrompida pelo próprio suspiro. — E isso sempre me desanima. Parece mesmo que eu piorei em tudo que eu sabia fazer. Sei lá, não tenho mais vontade de sair de casa, de falar com ninguém. Eu fico triste com essas coisa, sabendo que eu era tão boa nelas. Parece que todo dia eu só pioro. Eu tento não escutar as coisa que ele fala, mas é só verdade...

— Olha, minha filha, eu vou lhe falar aqui uma coisa. Deixe o Adauto. Ele não é pra ti, porque ele é quem não sabe fazer nada. Tu sabe fazer de tudo minha fia. Esse aí não tem coragem de te dizer porque ele quer ficar em cima de ti o tempo todo, mas quantas vezes eu não já vi da calçada ele andando com um monte de mulher aí, ou com bebida? Quantas vezes tu não já viu isso? Tu ainda insiste num homem desses, Maria? Quantas vezes tu vai deixar ele pisar em cima de ti desse jeito?

— Mas ele tá falando a verdade. Eu piorei em tudo mesmo. E mais, ele sempre me dá tudo do bom e do melhor...

— Olha, Maria. Eu vou te fazer uma pergunta, mas eu não quero que tu me responda agora. Quero que tu pense, mas pense mesmo. Pense como a pessoa mais decisiva e assertiva que eu já vi. Pense como Maria Serafina Mendes de Jesus.

Maria foi pega de surpresa. Não havia escutado essa porção restante de seu nome por muito tempo.

— Se ele realmente te dá do bom e do melhor, por quê que tu tá assim? Por quê que tu anda triste o tempo todo? A melhor coisa que um marido pode dar pra esposa é amor, e parece que o Adauto te dá tudo menos isso.

Raimunda levantou.

— Agora, eu vou indo. Preciso ir pro emprego e deixar a Iasmin lá na escola. Nem sei como contar isso pra ela...

Ela vai então até a porta. A cachoeira e a montanha se encontram pela última vez.

— Mas pense no que eu te falei, Maria. Pense mesmo. Eu disse isso pois a gente é amiga desde pequena, e eu me importo muito contigo. Até mais, querida. Fica bem. Qualquer coisa chama, viu?

A mulher abre a porta e sai após levantar seu indicador até o rosto de Maria.

— Até.

Serafina estava estática. Aquela pergunta perfurou sua mente como uma adaga. Era um espinho de uma bela roseira.

— Será se isso é verdade? Não... num pode ser uma coisa dessas. Ela tá ficando doida.

Era a mesma coisa que ela escutava muitas vezes da boca do povo, mas sempre achava que era algum tipo de mentira ou besteira.

Ela então se levanta e vai até a porta do quarto da filha, logo a abrindo. Encarava novamente o corpo já sem vida da pequena Ceci, e então começava a chorar novamente. Dessa vez, no entanto, de forma mais silenciosa e discreta. Tentava mesclar palavras entre lágrimas, mas o quebra-cabeça nunca se montava.

Após muito tempo e após se sentar na beirada da cama, Serafina finalmente consegue falar compreensivelmente uma única frase.

— Eu vou melhorar, Cecília.

Era uma promessa que ela não estava nem um pouco disposta a quebrar.

Após algumas horas, chegava a lua com todo seu esplendor. Estavam todos reunidos na pequena igreja no final da rua. Em um raro momento onde toda a família se reunia, choravam, gritavam e desmaiavam diante do caixão amadeirado que protegia o corpo de Cecília. Maria rezava e pedia paz para a filha incessantemente, assim como os tios, os avós, os primos...

...menos Adauto.

Ela olhava para o lado, olhava para o outro, para trás e para frente. Adauto não era visto em lugar algum. Isso poderia até render maus olhares e cochichos, e Serafina saberia disso melhor do que ninguém.

— Por quê ele não tá aqui? — Dizia Maria Serafina, em um sussurro apenas audível para si mesma. — Não é possível que ele não apareça no velório da própria filha...

Não era uma atitude inerente de um pai que se diria tão bom e amável. Talvez ele realmente tenha dado tudo para a sua família, menos o essencial. Pelo menos foi ele quem deu o vestido preto que a esposa vestia no velório.

Após algumas rezas, Maria andava até a própria casa cabisbaixa, mas curiosa. Enquanto segurava as abas do seu vestido, olhando para o final do quarteirão, conseguiu ver um bar.

Cadeiras de madeira se juntavam em mesas com copos repletos de bebidas. Algumas transparentes, algumas alaranjadas, algumas roxas, algumas amareladas, mas todas teriam o poder de revelar o verdadeiro eu de qualquer um que delas ingerisse o suficiente. Segurando uma dessas cores, estava Adauto. Sorria, brincava e gritava em um momento onde provavelmente diria que estaria trabalhando. Talvez estaria trabalhando na sua resistência a álcool, mas nem isso daria frutos. Nenhuma de suas mentiras daria.

Serafina escutava o coro de risadas estrondosas de múltiplas vozes masculinas, mas não se sentia contagiada com felicidade. Na verdade, era pelo contrário. Essa melodia a deixava furiosa após ver o que já sabia que ocorria, e sabia que naquele momento teria de mudar algo. Foi a única vez em muito tempo que ela estava determinada a mudar a sua vida, após meses de sofrimento, negligência e culpa. Foi a primeira vez que ela fechava os seus punhos e tinha coragem de ter de volta o que sempre foi seu.

Aquele foi o momento em que a frase de sua amiga e vizinha martelou na sua cabeça de forma quase infinita.

— Talvez realmente seja verdade...

Se arrependia de não ter dado ouvidos aos conselhos que sua amiga tão esporadicamente lhe dava. Nos raros momentos que se falavam na sala dos professores, e nas casas umas das outras. Nos momentos de café em xícaras de porcelana, e de cadeiras de balanço diante do sol das cinco da tarde.

Andava rumo à própria casa. Escutava as ameaças das nuvens marrons colidindo umas com as outras, mas nenhum pingo cairia ainda do céu. Ainda não era hora.

Nisso, ela chega em sua porta branca, trancada pela chave metálica que tinha em mãos. Antes que pudesse entrar em casa, foi interrompida por Raimunda, que segurava em uma mão um guarda-chuva preto, e na outra, a mão de sua pequena filha - Sandra.

— Boa noite, tia! Tudo bem com a senhora?

A voz infantil da criança de ainda um dígito de idade espantava a mente dispersa de Serafina, que virava sua cabeça para a esquerda enquanto abria a porta da casa.

— Boa noite, minha querida! Tudo bem comigo! E contigo, como tá? — Dizia, em um tom estranhamente feliz enquanto virava para ver a figura do dobro do tamanho ao lado. — Boa noite, Raimundinha. Vocês querem entrar? Eu posso passar um café aqui...

— Boa noite, flor. A gente veio te fazer companhia, não é? — Falava, sacudindo o braço no qual segurava a filha suavemente.

— Sim, mãe! Vim ver a Cecília!

O sorriso falso de Maria Serafina então se esvaiu, e logo ela virou o rosto para a porta, entrando em casa.

Toda parede de material frágil deve cair, cedo ou tarde. Muitas vezes, apenas um minúsculo empurrão, por mais bem-intencionado que seja, é necessário para transformar uma obra arquitetônica em ruínas e escombros.

A luz acende. A visita, após um profundo suspiro, entra e senta no sofá. A menor senta ao lado.

A dona do castelo vai até a cozinha, e logo volta para a sala, juntamente com o aroma amargo de café em uma panela. Sentou-se no sofá, e logo seu olhar colidiu com o olhar da amiga, que desviava para a filha ao lado.

Em poucos momentos, dois pares de olhos se voltaram à uma mesma estrela.

— Então, tia, cadê a Ceci? Todo mundo sentiu saudade dela na escola...

Ela começava a lacrimejar. Tentava segurar a enchente que empurrava a barragem que mantinha com todas as forças.

— Minha filha, a gente precisa te contar um negócio. A Ceci...

A barragem se rompia aos poucos. Lágrimas começavam a cair dentro do castelo, enquanto a chuva começava a cair fora dele.

— ...ela não vai mais pra escola. Ela não vai mais brincar com vocês.

Vendo o choro da professora e a explicação da mãe, a inocência da menina a enchia de questionamentos.

— Por quê? O que aconteceu? Ela foi embora?

Os pingos caíam cada vez mais rápido.

— Sim, minha querida, e ela não vai voltar mais. Desculpa...

— Não! Mas...

Vendo o estresse crescente da filha, Raimunda percebeu que não poderia continuar ali. Não com a filha confusa sobre algo que poderia deixar sua amiga mais triste ainda.

— Vamo pra casa, Sandra! Desculpa, Maria, eu...

— Não precisa se desculpar, minha querida — Gaguejava Serafina, limpando os olhos e indo rumo à cozinha. — Se é pelo café, pode ficar mais um pouco! Jajá tá pronto!

— Não é isso, Maria. Eu tenho certeza que o café tá ótimo! É só...

Raimunda foi interrompida pelas constantes puxadas de braço da filha.

— Mamãe, por quê ela tá chorando?! O que aconteceu?

— Fiquem mais um pouco, eu insisto!

Maria então se acalmava um pouco. Ainda com a voz trêmula, limpava o nariz e os olhos e corria até a cozinha, da qual vinha um cheiro forte de café. Mais forte que antes.

Um verdadeiro fiasco. Um coro de sons dissonantes e desarmônicos, desprazeroso para qualquer ouvido que o escute.

Após um tempo, com xícaras em mãos, Maria foi até a sala de novo. Encontrava então sua vizinha e sua aluna sentadas, uma ao lado da outra, em uma calmaria um tanto estranha.

— O café está pronto, querida. Peguei pra tu uma xícara.

Serafina dava para Raimunda uma xícara de porcelana pequena com mãos pouco trêmulas. A barragem havia se reerguido.

Novamente, as mulheres e a garota estavam sentadas em paz. O que antes era uma dissonância seria agora um solo cantado apenas pela chuva, e pelas vozes suaves na casa.

As com xícaras em mãos esfriaram, e tomaram um gole. A sem xícaras apenas olhava.

— Quer um pouco de café, Sandra?

— Não tia, brigada. Não gosto de café.

Após o gole, Sandra indagava.

— Tia, e a Cecília? Ela realmente não vai mais brincar com a gente?

Raimunda olhava para a filha com olhos arregalados, mas, dessa vez, Serafina insistia em responder. Não deixaria uma aluna sem respostas para as suas perguntas. Não decepcionaria uma pessoa que só quer conhecer o mundo e suas piadas de mau gosto.

— Não vai, querida. Desculpa, Sandra.

Sandra estava cabisbaixa e triste, mas logo se animou um pouco.

— Tia, então ela deve tá brincando em um lugar muito legal!

A mulher mostrava um sorriso. Já era uma relíquia, uma raridade. Mas não valia qualquer quilate ou real, nem para sua portadora.

— Eu tenho certeza disso. E eu tenho certeza que é muito melhor do que aqui, sabia? Lá deve ter os brinquedos que ela mais quer no mundo!

— Mas não tem a senhora, tia.

Ela olhava com estranhamento para a menina.

— Como assim, Sandra?

— Ela disse que só queria brincar com a senhora. Disse que acha a senhora o máximo, e queria muito passar mais tempo com você, mas não conseguia. Eu acho que isso quer dizer que não ela não queria ficar longe da senhora.

Serafina novamente questionava-se enquanto mãe. Era o mesmo dilema de sempre, mas, dessa vez, sentia coragem para mudar. Não apenas desejo. Sentia determinação.

Um sentimento já estrangeiro.

— Tia, ela também me disse uma coisa sobre o pai dela. Eu não acho que a senhora vai gostar muito...

Serafina e Raimunda olharam para a garota com susto em seus olhos. Ambas não sabiam o que se escondia à vista de todos. Apenas aqueles que escolheriam virar o olho seriam incapazes de ver.

— O quê, Sandra? Por favor, conta pra tia!

— Ela falava que...o pai dela ficava batendo nela e ficava falando um monte de coisa ruim quando ela não fazia o que ele queria. Dizia que a amava muito, mas ela não gostava do jeito que ele falava. Não gostava do jeito que ele abraçava ela.

Cecília sempre dizia que o único “te amo” com o qual se sentia mal escutando era o do pai. Sentia que não poderia dizer para ninguém, pois todos os “te amos” que escutava até então eram genuínos, como o calor de um abraço. Mesmo assim, quando o pai voltava do “trabalho”, a mãe muitas vezes estava dormindo. Nessas situações, eram comuns brincadeiras de mau gosto entre o pai alterado e a filha inocente.

Mas, ao contrário das histórias que lia, não havia nenhum príncipe para salvá-la do dragão que a assustava. A coroa da rainha cegava a sua portadora, enquanto o rei abusava de sua autoridade e ignorância.

Nunca que uma história de uma princesa acabaria bem sem um príncipe encantado. Pelo menos, não aquelas que Cecília já viu. Mesmo assim, ela ainda esperava ansiosamente por esse príncipe. Ela ainda tinha esperança que, um dia, veria além das nuvens.

Agora, ela não precisa mais segurar na mão dessa esperança.

VOO sem asas ATO 3



— **Ela nunca havia voado tão alto.
Ainda sim, havia algo que a puxava até o solo.
Algo que nunca iria embora.**

Um pedido de perdão um tanto inconveniente.

— Não...não...

Ambas as senhoras estavam no mais profundo choque.

— Filha, é sério isso? Por favor, me diz que isso não é uma brincadeira...

— Não, mãe! Ela falava isso mesmo, pra mim, pra Roberta, pra Chiquinha...

Serafina interrompia o início da fala da sua amiga

— Eu num acredito nisso...EU NUM ACREDITO NISSO! NUM É POSSÍVEL!

Maria Serafina se enfureceu como o havia feito de manhã cedo. Lágrimas, gritos e soluços. A história era a mesma.

— Calma, Maria! Respira, respira...

— RESPIRA, RAIMUNDA? COMO QUE EU RESPIRO? ESSE HOMEM ME SUFOCA TODO DIA E TU QUER QUE EU RESPIRE?

Raimunda nunca quis colocar lenha no fogo. No entanto, teria feito o exato oposto. Na falta de opções, apenas gaguejava e recuava lentamente até a porta após se levantar.

— Serafina, a gente tá indo agora, viu? Tá ficando tarde e a Sandra aqui precisa dormir pra acordar cedo amanhã, não é, Sandrinha?

— S-sim, mãe!

Maria olhava para elas e ia logo de encontro às duas. Com força sobrenatural abria a porta como se fosse arrancá-la, e instaurava medo nas vizinhas que estavam ali dentro.

— Tch-tchau, tia... — Dizia a pequenina, assustada, enquanto acenava para ela.

— Tchau, Maria. Qualquer coisa pode falar comigo, viu?

— Tchau, meninas...boa noite.

— Boa noite, Maria.

— B-boa noite, tia...

Então, Raimunda segurava na mão da filha e abria o guarda-chuva. Andava até a porta da própria casa em frente da casa de Serafina, e entrava com a pequena.

Já era hora das crianças dormirem, e dos adultos conversarem.

No fechar da porta, a raiva adentrava na casa tal como a fumaça do cigarro que Serafina havia pego. No entanto, no momento em que soprava a fumaça para fora da boca, lembrava das vezes em que Cecília reclamava do cheiro intoxicante da fumaça. Maria não o sentia antes, mas, naquele momento, lembrou do odor perfurante do cigarro e da sua sensação. Sentia finalmente o que sentia Ceci. Uma pena que ambas não estavam mais juntas para compartilhar esse ódio.

Ela então soprava rapidamente a fumaça em uma tentativa de se livrar dela logo, e colocava o cigarro residual no cinzeiro. Deixando as xícaras vazias de café para trás, foi até o quarto da filha, com passos pesados, e pegou a colcha de sua pequena cama para trocá-la, como uma forma de se acalmar.

Pegou a colcha verde — uma das cores prediletas de Ceci — do armário ao lado e a colocou na cama. Esticava para os cantos e puxava para os lados até que formasse novamente uma bela cama, mas os travesseiros ainda estariam sangrentos.

No momento em que ela pegou eles para trocar as fronhas, escutou o estrondo do bater de uma porta. Sua amada porta branca de madeira, adornada por uma pequena janela da qual podia ver o mundo afora, batia na parede com força estrondosa.

Maria corria até a sala para encontrar o marido, mais uma vez, alterado. Ternos sujos e manchados, olhos avermelhados, face relaxada e boca repleta de soluços.

— Oi...Maria.

— Seu cara de pau. SEU DESGRAÇADO, SEU BANDIDO, SEU VAGABUNDO! — Gritava, empurrando a porta e a fechando.

Era rápida a alteração de humor de Maria. Após um tapa que havia dado na bochecha de Adauto, ela retornou para frente dele.

— Epa! Tá...doida é?

O homem então levantou a mão, e deu um tapa na bochecha dela. Não doeu muito, mas foi o suficiente para acender o pavio já curto daquela bomba.

— TÔ! TÔ DOIDA SIM, ADAUTO! TU ME DEIXA DOIDA! TU SABE O QUÃO CANSADA EU TÔ DISSO TUDO?

— Cansada de quê? TU NÃO...FAZ NADA! EU TE DOU...TUDO O QUE TU QUER!

A professora esforçada era taxada como o contrário. A mulher que não recebia nada era estigmatizada como o contrário. A senhora que já estava cansada por tantos meses era dita como o contrário. Era mascarada, não por si mesma, mas pelo marido.

Mas, dessa vez, ela não iria manter essa máscara. Muitas vezes tentou falar com Adauto dessa maneira e, por mais que quisesse, não conseguia levantar seu tom para além da voz mansa e calma.

— EU TÔ CANSADA DE TU NÃO DAR NADA PRA GENTE! PRA MIM, AGORA! TU NÃO DÁ ATENÇÃO, NÃO DÁ AMOR, SÓ DÁ ESSA CASINHA AQUI E DÍVIDA! TU PELO MENOS SABE O QUE ACONTECEU HOJE?

— VOCÊ FALE BAIXO COMIGO!

Serafina não o escutava. Sua voz ficava cada vez mais trêmula e chorosa. Era um grito de desespero, mas também libertador. Já era a milésima vez que tentava lutar contra aquela força avassaladora, mas era a primeira na qual tinha a coragem para falar como igual. Para ter o mesmo tom, e a mesma imponência.

— TU SABE O QUE ACONTECEU HOJE, ADAUTO? ACHARAM A CECÍLIA, A TUA FILHA, MORTA! EU ACHEI! EU VI ELA DEITADA NO QUARTO, E...

Maria começou a chorar de raiva. O marido, por outro lado, estava minimamente boquiaberto, mas não de uma maneira que transcrevesse surpresa. Não de forma genuína.

— A CECÍLIA?

— SIM, ADAUTO! ELA MORREU! Ela morreu, e me disseram que tu ficava triscando nela de um jeito que ela não gostava, que ela tava se sentindo mal! Como que tu pode ser um demônio desse jeito?! Um pai tu não é!

— ME RESPEITE, SUA VAGABUNDA!

Outro tapa da outra mão, na outra bochecha.

Ainda assim, Maria se mantinha de pé. Dessa vez, o tapa foi forte, mas não o suficiente para derrubar seus muros. Apenas dobrava seus joelhos em um leve recuo.

— Tu assediou ela, não é? Nessa bebedeira aí tua, tu fica doido, e começa a fazer de tudo enquanto. Tu tá perdendo teu emprego, já perdeu uma filha e me perdeu já faz muito tempo! Quem sustenta tudo nessa casa hoje é praticamente só eu!

— Perder? Eu só ganhei! E, rapaz, eu... fiz isso mesmo! Ela... era tão lindinha! E sabe... tu é horrorosa, e...

Maria se espantava com a maneira que o marido admitia ter cometido tais atrocidades como se não fosse nada. Realmente, não era nada para ele, mas, para quem realmente se importava com a filha, era muito. Muito e mais um pouco.

— Eu não preciso mais escutar nada, Adatao! Nada! Olha o que tu tá falando! Tu tem noção alguma disso? Ela era uma menina perfeita! Ela não merece um pai como tu, Adatao. Ninguém merece.

Ele também concordava que ela era perfeita. Era a primeira vez em muito tempo que eles concordavam em algo.

— Mas ontem ela...tava um saco, viu? Tava chata...não queria fazer nada!

Maria se calava em uma rara abstração do que dizer. Logo, perguntava uma pergunta cuja resposta esperava por muito tempo.

— O que tu fez com ela ontem, Adatao? RESPONDE!

— Ai, eu me...

Não era mais necessário qualquer tipo de investigação, procura ou pesquisa. A resposta estava ali, em sua frente.

— ...livrei dela.

Às vezes, o rei e o dragão podem ser o mesmo.

— O quê? Repete, Adatao.

— Ai, eu...matei logo a menina. Ela... era antipática... e só dava gasto pra mim.

Serafina mantinha seu choque, sua tristeza e sua raiva. Não conseguia acreditar na naturalidade da fala do homem, do monstro em sua frente. Falava como se houvesse o feito como se fosse uma coisa qualquer, sem remorso ou tristeza. Pelo contrário, ele sintetizava um sorriso no canto da boca.

Uma pintura com um chiaroscuro que poucos ousariam ver.

A mulher começava a respirar profundamente, gradativamente ficando furiosa novamente. Sua boca era um quebra-cabeça completamente desmontado — não formava nenhum cenário, figura ou palavra sequer. Até, pelo menos, o momento em que finalmente falou algo.

— Quem deveria ter morrido era EU! Não ela! Se fosse pra alguém morrer, me levava! Por quê ela? Ela não me mereceu, e muito menos TU! TU, ADATAO, É UM NOJENTO! UM ASSASSINO!

Ela então pegou a estátua da Virgem Maria ao lado, e a batia com uma força sobrenatural na cabeça do marido. Era um golpe repentino, do qual Adatao não poderia escapar.

Bem na cabeça. O suficiente para deixá-lo caído no chão.

Não era de se subestimar a força da estátua. Era necessário apenas um escultor experiente, e o trabalho seria feito. As aparências realmente enganam.

Aquela que clamava por paz e amor era testemunha do contrário. Era usada como arma, como meio de nocaute. Algo contraditório com o que era dito dentro da igreja no final da rua.

Mas eles não estavam mais dentro da igreja.

Maria então corria para o quarto da filha, e pegava a faca que havia escondido atrás da porta. A mesma faca com a qual Adauto assassinou a filha. A mesma lâmina ensanguentada. A mesma testemunha do cessar de um longo sofrimento.

Passos corriam de volta para a sala. Para trás do sofá.

Uma mão, a faca. Outra mão, a estátua. Dois objetos geralmente contraditórios.

Mas contradição ou moral ali não importavam. Apenas justiça pela filha. Apenas um justo julgamento pelo assassinato de uma pessoa tão inocente como Cecília. Apenas um pedido de perdão.

Maria se ajoelhava no chão como havia o feito mais cedo, e começava a perfurar o marido em várias partes do corpo. Não rezava, nem fazia nada do tipo.

Uma. Duas. Três. Quatro. Cinco...

A contagem apenas aumentava. O sangue no chão, a fúria de uma mãe e de uma agora viúva e o desejo por liberdade aumentavam na mesma proporção. Com cada corte, um grito e uma lágrima desciam até o chão da casa. O linóleo antes bege já estava vermelho como vinho, como rubi.

A porta branca, as paredes amarelas, os sofás marrons, todos manchados com essa tinta com um odor metálico e forte. Não era um cheiro muito difícil de tirar, mas Serafina sempre se lembraria dele vez ou outra. Mesmo se não quisesse.

Vinte e quatro, Vinte e cinco, Vinte e seis.

A contagem acabava ali.

Ofegante e lacrimejante, Maria voltava aos seus sentidos. Estava dominada pela raiva, pela angústia e pela culpa. Ali foi o pedido de desculpas dela para Cecília. Para a sua princesa com a qual não passou mais tempo, e a qual falhou em proteger.

Então, se levantava lentamente, deixando a faca ao lado do corpo já morto. Tinha um sorriso leve no rosto, mas era contrastante com as lágrimas em seus olhos e o sangue em suas roupas. Não era de se preocupar muito, no entanto. Era difícil vê-los em um vestido preto.

Era a primeira vez em muito tempo que sentia paz quando estava perto de Adauto. Talvez ali tenha sido como os velhos tempos, nos quais Adauto não havia sucumbido à bebida, à agressão e às apostas.

Ali era quase como uma doce memória longínqua do passado. Lembrava dos abraços e dos beijos agora distantes, tão voláteis e frágeis como o belo vitral colorido de uma igreja, e o vestido favorito de uma criança.

Ela então fechava os olhos do marido suavemente com as mãos. Ela ainda sentia um mísero carinho por ele. Pela pessoa que ele já foi, e que nunca mais será. Pela paz que tinham antes, e pela paz que ela teria agora.

Era mais outra madrugada chuvosa. Mas, dessa vez, ela não teria mais de esperar por ninguém. Ela poderia finalmente dormir tranquilamente.

Ela parava de sorrir, e chorava mais ainda. Ela se tornava aquilo que tomou a vida de sua filha, se tornou aquilo que ela mais odiava. Não sabia o que fazer, nem quem seria após aquilo. Talvez ela tenha finalmente se libertado, mas nunca deixaria de se culpar por não ter passado mais tempo com Cecília.

De qualquer maneira, ela estaria cansada demais para falar qualquer coisa. Apenas ofegava, com lágrimas saindo esporadicamente de seus olhos.

Levantava, e ia em direção ao banheiro. Tirava o vestido, e o deixava ao lado da pia. Tomava seu banho, escovava seus dentes e colocava uma pequena calça de tecido e uma camisa qualquer. Não eram nada sofisticados, mas eram tudo e mais um pouco para quem gostaria de ter uma boa noite de sono.

Ainda sim, essa noite nunca chegaria.

Na manhã, Maria foi surpreendida com batidas na porta. Estrondosas, quase como o rugido de um leão.

Levantava a sonolenta.

— Quem é? — Gritava de longe, na porta do quarto, antes de abri-la. — Quem é?

Ela era respondida apenas com maiores batidas na porta.

Então, ela saía do quarto e ia até a sala. Desviava os pés do corpo do marido, antes de sintetizar uma expressão de choque, e lágrimas em seus olhos.

A porta abria. O sol da manhã cegava a mulher, mas a leve brisa fria a acalmava.

— Bom dia, senhora. Eu vim...buscar o corpo de seu marido.

Um homem com uma calça, um terno e uma máscara. Cabelos grisalhos e face enrugada faziam sua entrada no lar solitário da mulher.

Ela se afastava e colocava as mãos na cara, escondendo seu choro.

— Por favor, leve ele! Eu...não consigo ver ele assim! Quem que fez isso?! Por quê eu deixei a porta apenas fechada, e não trancada? POR QUÊ?!

— Senhora, eu entendo que é um momento difícil, mas, por favor, tente se acalmar. Descobrimos que o assassino de seu marido era um cobrador de dívidas. Ele teve essa reputação de endividado por tempo demais, já. Apreendemos ele ontem de madrugada, mas ele disse que não havia assassinado o Adauto.

Claro que o homem não iria acreditar nessas mentiras. Criminosos são extremamente bons em enganar os outros.

— E ele tá preso agora, né? Ele não vai mais mexer com ninguém por aqui, né?

— Sim. E não se preocupe com as dívidas do seu marido. O que ele fez, morreu com ele.

Ela tirava as mãos do rosto inchado enquanto via o homem encapsular o cadáver em um invólucro de couro preto.

Após tudo ter acabado, o grisalho virava para a mulher.

— Qualquer coisa que você precisar, pode falar com a gente. Não tenha medo de denunciar nada, viu?

— Tá. — Demorava para dizê-lo, com voz trêmula.

O homem saía com o saco de couro, e a mulher fechava a porta, mas abria a pequena janela dela.

Limpava suas lágrimas, lavava seu rosto e sentava no sofá.

Se uma daquelas gotinhas foi genuína, já era muita coisa. Suas mãos apenas cobriam o sorriso escancarado em sua face enquanto o policial estava na casa dela. Acabava de tirar a máscara da tristeza, para abraçar a sua nova vida.

Na medida que os dias passavam, Maria passava a ver mais as cores no mundo. Suas flores eram mais vivas, seus bolos eram mais deliciosos, suas aulas eram mais produtivas, tinha cada vez mais carinho por cada momento de sua vida.

Voltavam lentamente as tardes de baralho com suas amigas e suas reuniões com café. Voltava lentamente Maria Serafina Mendes de Jesus. Os bolos de Maria Serafina eram ruins, mas ela nunca se pôs a provar nem uma mordida deles. Apenas seguia o julgamento de Adauto, e seguia com suas ambições impossíveis. O café dela era amargo demais, a sua comida era muito salgada, tudo era muito ruim, insatisfatório.

Maria Serafina Mendes de Jesus, no entanto, achava o próprio café delicioso, e suas comidas mais ainda. Passava menos tempo em frente à televisão de madeira, e suas flores eram mais vivas, seu cinzeiro mais vazio, e suas risadas mais puras.

Seu céu mais azul, as árvores mais verdes, seu sorriso mais genuíno.

Ainda sim, uma coisa ainda era cinza. Era a única coisa que nunca mudaria de cor.

— Tchau, gente! — Exclamava Maria, enquanto saía da casa de Raimunda após uma pequena tarde de café. — Até!

Ao acenar, virava então para a praça próxima. Em um suspiro profundo, andou até ela, contemplando as mangas das mangueiras, e as folhas das árvores. Estavam mais maduras do que nunca, se comparadas à sua juventude na última vez que as viu com Cecília.

Adentrava a pracinha e via os brinquedos de madeira, olhando-os fixamente sem dizer qualquer palavra. Tinha muito a falar, mas não ali. Sua filha não a escutaria dali.

Nisso, após um tempo, foi andando até depois do parque. Abria o portão enferrujado, que rangia com uma onomatopeia tão irritante quanto o riscar de um garfo de aço em um prato de vidro, e entrava no lugar onde dezenas de pessoas se reuniam após a sua morte.

Lápides, pessoas chorosas, pessoas felizes, pessoas assustadas. Todo tipo de pessoa, tanto viva quanto morta, permanecia ali. Alguns acendiam velas, outros rezavam, e outros simplesmente ficavam parados, contemplando o seu destino inevitável.

Andava, andava e andava até uma pequena lápide de pedra.

“Cecília Maria Oliveira de Jesus. 1944-1956.”

Sempre será lembrada nos corações da família.”

Ajoelhava-se, enquanto a primeira gota de um leve chuvisco caía em sua nuca.

— Me desculpa, Ceci. Por não ter brincado mais contigo enquanto pude, por não te dar a atenção que tu precisava, por não perceber quando tu tava precisando de ajuda minha, por não ter sido uma boa mãe. Por empestear a casa com fumaça de cigarro, por passar tanto tempo na frente da televisão, por não te levar mais ali na pracinha. Por não fazer mais vezes o sururu que tu tanto ama. Desculpa por tudo. Eu espero que você me perdoe. Eu melhorei agora, me liberei de tudo que me fazia mal, e...

Menos da culpa. Menos do arrependimento.

— ...passei a ser uma pessoa melhor, mas nunca deixei de pensar sobre você, minha filha. Já faz dois meses, mas parece que já faz uma eternidade que fico sem você. Eu espero que tu olhe pra mim daí do céu e fique feliz por mim, pois tudo o que eu fiz foi por ti. Foi pra tentar me redimir contigo. Me perdoa, Ceci?

Esperava por uma resposta, mas não escutava nada além da chuva e não sentia nada além do cheiro de terra molhada enquanto se levantava.

— Eu vou esperar pela sua resposta, Cecília. Não interessa o tempo que levar pra eu escutar ela. Não importa se for um dia, um mês, um ano, ou uma década. Eu vou ficar aqui, como tu sempre quis ficar. Vou viver por ti, Ceci. Prometo.

Ela passava a rezar uma oração para aquela que partiu. Conseguia ver a lápide de Adauto, mas preferia não ir até ela. Não queria ler as mentiras escritas em seu epitáfio. Apenas fechava os olhos e juntava seus punhos.

Então, seus pés andavam em direção ao portão, e Serafina saía da mesma forma que entrava. Arrependida, disposta a esperar pelo perdão da filha. Não sabendo nem se o merecia, sequer.

O príncipe encantado do qual Cecília tanto precisava havia chegado tarde demais.

Mais mangas, agora maduras, caíam no chão. Apesar de amadurecidas, algo nelas indicava que ainda não estavam prontas para serem ingeridas. Não naquele momento.

— A mais bela orquestra, tocada pelos mais irrelevantes.

UM REBANHO DE Ovelhas

ECO 2

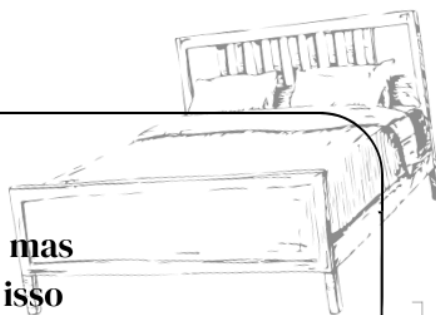
26 de Maio de 1976 — Petrópolis, RJ

uma casa limpa

— Sua mente era bagunçada e estilhaçada, mas sua casa continuava limpa e organizada. É isso que importa, afinal.

ATO 1

Entre tijolos e metais, um mundo completamente diferente existe.



A porta abria — ou melhor — era esmurrada na parede. As luzes estavam apagadas, as janelas fechadas e a escuridão reinava dentro da casa.

Um homem de cabelos grisalhos, aparentemente assustado, com olhos arregalados e olheiras evidentes, entrava na casa após o que aparentava ser um longo dia.

52 anos. Ofegava.

Havia corrido o que aparentava ser uma maratona até a sua casa. Os ombros de sua camisa já estavam manchados por vários pingos de água, assim como sua calça.

— Por quê que eu não levei meu guarda-chuva? Agora vou gripar, com certeza...

Ele sussurrava para si mesmo, como o fazia tantas vezes por tanto tempo. Conversava mais com o próprio eco do que tudo, mas sempre acreditava que havia alguém ali para escutá-lo. Talvez as figuras que via vez ou outra ao seu lado eram a audiência de seu grande espetáculo.

Ainda assim, apenas escutavam. Não aplaudiam, não pediam bis, nem respondiam nada. Eram apenas ouvintes ávidos e silenciosos.

— Agora...

Ele acendeu os holofotes de seu palco. A sala passava a ser iluminada pela pequena lâmpada fluorescente. Um milagre do advento tecnológico.

Milagres esses que são proporcionados cada vez mais para cada dia que passa. A águia e o urso disputavam pelo trono, e competiam entre si para ver qual deles alimentava mais os seus amados filhos. Só assim que um deles ganharia a coroa.

Alessandro Josué Carvalho Filho. Era ele um dos filhos da águia. Mesmo se não quisesse. Era filho de Alessandro Josué Mendes e Catarina Carvalho Chagas.

Eram agora apenas ecos, apenas sons que ecoavam na cabeça de Alessandro e provocavam a mais dolorosa enxaqueca. Seus ditados, suas discussões...
...e suas expectativas.

Ele fechava a porta e se dirigia até o pequeno quarto ao lado da sala. Via a cama desarrumada, e logo foi até seu lado e ajeitou seus panos.

— Tua cama já está bagunçada de novo, Alessandro! Tu não aprende?

Ninguém havia entrado, nem saído. Era apenas ele. A voz de sua mãe apenas ecoava nas paredes de seu cérebro, e em nenhum lugar além dali.

— Desculpa, mãe. — Dizia em um breve sussurro. — Eu prometo que eu vou melhorar na próxima.

Suas mãos tremiam levemente enquanto nivelava os desníveis do pano que envelopava seu colchão.

— É bom mesmo, Alessandro! Quem que vai querer ver um menino desses que não sabe arrumar uma cama depois de acordar?

A voz ficava mais alta. Era agora uma mistura entre as vozes da mãe e do pai.

— Tu é um imprestável, Alessandro! Não faz nada! A gente te dá tudo do bom e do melhor e é assim que tu agradece?!

Era uma sonoridade insuportável. Uma que dava dores de cabeça até em quem não escutaria nada além do silêncio.

— Eu sei, eu sei! Eu só...

A dor de cabeça aumentava rapidamente. Suas mãos trêmulas já passavam a segurar a sua cabeça em um firme agarro.

Repentinamente, a cama logo se desarrumou enquanto ele se sentava nela. Tentava respirar, mas o ar era sufocante demais. Não conseguia encher e esvaziar seus pulmões pacificamente.

Nisso, Alessandro apenas escutava um fiasco de vozes. Primos, tios, pais, irmãos...

...família.

O fiasco que o torturava desde sua infância, na adolescência, e até na fase adulta.

Todos reunidos ali para gerar um acorde dissonante que deixava Alessandro em estado de surto. Um som horrível, que Alessandro não poderia deixar de escutar. Escutava apenas esse barulho, e nada mais. Nem mesmo os carros em sua rua, ou as risadas do bar nas proximidades. Não escutava nada que estivesse além da janela aberta.

Sim. Uma bela reunião de família. Bem como nos velhos tempos.

Foi naquele momento que ele escutou rápidas batidas na porta de sua casa solitária.

Era um som que conseguia silenciar e alinhar todas as vozes que o torturavam naquele momento. O sol nascendo após uma longa noite.

— Alessandro! Tá aí?

Era uma voz familiar. Doce, e serena. Meiga, e pacificadora. Uma brisa leve.

— S-sim! Tô indo! Já vou!

Ele pulava da cama. Sua dor de cabeça ainda persistia, mas era menor. Finalmente poderia respirar. Finalmente conseguia inalar o ar puro de seu lar. O ar tão repleto de chumbo daqueles belos anos.

Após um tempo, a porta abria, e a mão do homem, já aberta e pouco trêmula, guiava a pessoa na porta para um sofá.

— Obrigada, Alê. Com essa chuva aqui, eu não consigo ir pra casa. Acho melhor esperar aqui.

A mulher abaixo do guarda-chuva então entrava na casa, e sentava no sofá, deixando o objeto que segurava no chão. Sua camisa branca de mangas longas abotoada estava relativamente molhada, e sua saia preta que ia até pouco após o joelho também. Mesmo assim, sua suave fragrância ainda era intacta, assim como os seus cabelos lisos e pretos, penteados para formar um coque.

— Ufa! Ainda bem que você tá aqui! Eu teria que andar até lá em casa e me molhar toda nessa chuva. Tô voltando agora da casa da minha irmã...

— Não tem de quê, Tainá. Eu sempre fico feliz em te ver.

A porta fechava, e o homem sentava ao lado da mulher.

Ela limpava o seu óculos um tanto molhado, e o colocava de volta em seu rosto. Suas lentes encantavam o olhar de Alessandro, seu grande amigo...

...e paciente.

Tainá Sales dos Santos Reis. 48 anos. Sua mente fixa e assertiva e sua personalidade compreensiva e solidária eram características um tanto favoráveis para uma psicóloga renomada como ela. Seus pacientes sempre encontravam melhoras e seus tratamentos eram como nenhum outro. Em seu consultório — sua sala de estar — as palavras fluíam como uma leve correnteza. Aqueles que fora dali tinham vergonha, raiva, angústia e tristeza adentravam um porto seguro quando se sentavam no sofá esverdeado, frente à mulher que se escondia de trás do óculos.

Exceto Alessandro.

Era um caso especial. Um amigo de família, e de infância. Um paciente um tanto complicado.

Com outros, era fácil manter a sua postura profissional. Com ele, discernir entre amigo e paciente era uma tarefa aparentemente impossível. Era uma pessoa querida que havia conhecido há alguns anos. Um belo vaso de porcelana. Um tesouro tão bem mantido, e passado por gerações.

Tesouro esse que já havia sido saqueado incontáveis vezes. Privado de seus bens e de seu querer, apenas usado como algo para portar os desejos e ambições de seus criadores.

Alessandro era esse tesouro. Esse baú repleto de riquezas e, ao mesmo tempo, vazio. Privado de sua verdadeira ambição de ser, de gostar e de escolher. Apenas uma projeção dos sonhos não realizados da família. Era extremamente inteligente, educado e quieto, e sempre foi visto apenas como uma mera aquisição, um mero troféu colocado em uma estante decorada.

Troféus não falam, afinal. Talvez a família que o segurava em mãos teve a sorte dele ser tão dourado.

Com ela, no entanto, criava a ambição de deixá-la feliz gradualmente. Era seu único desejo, acima de tudo. Ver o seu sorriso, sua risada, seus olhos verdes como jade. Coisas que nunca queria que acabasse.

Os olhos que olhavam para ele com um brilho tão sincero. O sorriso belo, que sempre estava disposto a escutar e aconselhar Alessandro. A voz que o guiava mesmo nos seus pontos mais baixos. Sua palma, que sempre segurava a dele, mesmo que ele achasse que a própria mão não merecia ter o apoio de outra.

Era a única pessoa no mundo inteiro que estava disposta a escutá-lo.

Criava uma leve obsessão com ela, na verdade. Sua mente fragmentada apenas juntava as peças do quebra-cabeça quando ele se via no reflexo dos olhos da doutora.

Ele já estava olhando para eles por muito tempo.

— O que foi, Alessandro? Aconteceu alguma coisa? Tu ficou olhando pra mim por um tempinho já...

— Ah, mil desculpas, Tainá! Eu só tava um pouco distraído.

— Tu parece...pálido. O que aconteceu? O que você viu?

Ele não queria preocupá-la. Palavras poderiam até mentir, mas o corpo nunca mente.

— Nada, eu só...leveei um susto agora pouco.

— Alessandro, por favor, não mente pra mim. Você viu “eles” de novo, não foi?

Não ousava dizer seus nomes.

— Sim, Tainá. Mas não se preocupa, por favor. Não foi muita coisa.

— Você sabe que pode contar tudo para mim, não? Eu sou sua psicóloga, mas antes de tudo, sua amiga. Eu estou disposta a escutar tudo que você tem a dizer. Até o que você não quer falar.

— Mas...eles...

— Eles não tão aqui. Somos só você, e eu. Como fizemos por anos. A única diferença é que agora estamos em sua casa. Eu prometo que vou escutar.

Após um leve suspiro, ele dizia o que parecia ser a milésima da mesma experiência.

— Eu...fui arrumar a minha cama depois que eu acordei, e minha mãe me falou que...eu não sabia de nada, que eu nunca aprendia, meu pai falou que eu era imprestável, que eles me davam tudo de bom, que eu era mal-agradecido, e...

Ele começava a chorar. Ela era a única pessoa que via suas lágrimas. Já eram muito familiares.

— ...e depois, eu comecei a sentir uma dor de cabeça, escutei tanta gente falando, e tava todo mundo aqui. Me chutavam, gritavam comigo, davam sermão, batiam na minha cabeça, e...

— Calma, Alessandro. Respira comigo. — Dizia ela, inspirando e expirando calmamente.

— Tá...

Ele respirava com dificuldade. Soluçava, mas gradualmente se acalmava. Conseguia novamente elaborar uma frase que não seria tão reticente.

— Me desculpa, Tainá. Eu não queria...

— Não, não. Tá tudo bem, Alessandro. Não tem problema em chorar. Tu tem que sentir tuas emoções. Tu tem que lidar com elas. Chorar é uma das melhores maneiras.

— Mas eu não deveria fazer isso. Eu não deveria ficar incomodando vocês com os meus problemas. Eu já falei demais.

— Você não tá incomodando ninguém, amigo. Tu tem que se sentir livre pra dizer qualquer coisa.

Ambos então adentram em um longo silêncio, penetrado apenas pelos ruídos da chuva.

— Tá um tempo terrível, né? — Dizia Tainá, depois do silêncio.

— É, eu queria ver o sol, sabe? Tomar um solzinho da tarde, mas tá sempre nublado ou chovendo.

— Queria saber como que aquela manifestação vai funcionar...

— Que manifestação?

Ela havia falado alto demais. O que era para ser um sussurro, um segredo, acabou sendo escutado pelo homem ao lado. Já era tarde demais para tentar consertar o seu erro.

— Nada. É só uma coisa que minha irmã havia me contado. Não dá muita atenção pra essa besteira que eu falei.

— Nada que você fala é besteira! Não diga isso.

— De qualquer forma, não dá atenção pro que eu disse, tá?

— Tá...enfim, quer uma água, alguma coisa? Eu posso ir ali pegar na cozinha.

— Sim, por favor. Só uma água já basta.

Na medida que ele se encaminhava até a cozinha, Tainá passava a sussurrar para si mesma.

— Será que eu deveria ir? Não sei...tô com uma sensação ruim...

Era seu sonho tentar ter alguma voz contra a repressão que sofria, que todos sofriam, naquela época. Queria que os militares parassem de torturar pessoas, prendê-las injustamente, e silenciar aqueles que tentavam ir contra seus regimes, mas era uma missão impossível. Queria que aqueles que conhecia parassem de desaparecer.

A única voz que ali existia era a voz da opressão, daqueles que agrediram jornalistas, daqueles que matavam pessoas que tentavam sequer pensar em se libertar daquilo, e daqueles que exaltavam o seu poder acima de tudo. Os “desaparecidos” iam junto com suas falas.

Naquele rebanho, não havia voz para as ovelhas negras dentro do cercado de arame farpado e perfurante.

Alessandro seria um ótimo exemplo. Já tentou muitas vezes combater esse regime ditatorial, mas não houve sucesso. Levantava bandeiras, gritava e cantava por liberdade, mas sua voz

não era escutada. A primeira vez que aqueles acima dele escutaram sua voz, foi quando ele foi preso 4 anos atrás.

Foi quando amarraram ele em uma cadeira. Nela, não conseguia se mexer, nem falar. Apenas conseguia sentir enormes descargas elétricas e apenas conseguia escutar os próprios gritos.

— Não brigue comigo, seu Alessandro! Eu sou tua mãe, e eu mando em ti! Tu vai ver se tu tentar triscar um dedo em mim!

Era uma frase que ecoava na cabeça do homem naquele momento, e agora em muitos outros. Ela sempre esteve lá, em sua consciência, mesmo que ninguém mais a visse. Apenas os militares naquele momento permaneciam diante dele. Aquela mulher já havia deixado de estender a mão para ele por muito tempo.

Sua mão tremia com os choques elétricos quando ela mais precisava de alguém para segurá-la. Mas um adulto deve ser independente. Alessandro não era exceção.

Nunca tentou se rebelar, nunca duvidou, nunca contestou nem indagou, nem em sua mente. Não teria coragem.

Quando finalmente o fez, viu as consequências que teria. Era um momento de liberdade e voz, cortado pelos seguintes anos repletos de culpa e más lembranças. Seus dias eram cheios de pessoas que olhavam para ele e conversavam com ele, mas nunca seguravam sua mão nem o abraçavam.

Ele ainda via a família e os militares o olhando e o julgando frequentemente. Uma plateia inexistente, destinada para um ator eternamente fadado a viver com a culpa e o arrependimento por apenas tirar as máscaras de riso e lágrima, e revelar o que realmente pensa. O seu verdadeiro roteiro.

Para ele, então, a vida não faria sentido se uma pessoa como Tainá não existisse. Era a única pessoa na plateia que aplaudia, afinal.

— Aqui a tua água, Tainá!

Ela parava com o leve devaneio em seus pensamentos. Deixava de pensar no que o amigo já havia passado para ver o seu reflexo na água.

— Obrigada, Alessandro. Eu tava com sede.

Ambos então bebiam seus copos d'água, e os deixavam na mesinha de madeira em frente ao sofá.

— Bem, Alessandro, agora eu tenho que ir. Vou aproveitar que a chuva tá mais fraca agora. Eu tenho que resolver uma coisa lá em casa, mas pode me chamar se acontecer qualquer coisa, tá? Até a próxima, amigo.

— Espera! Eu...

Ela se levantou. Já estava na porta quando escutou essa frase incompleta.

— Hm?

Percebeu que iria fazer o exato oposto do que ela havia sugerido. A curiosidade o consumia, mas era melhor ele respeitar os desejos da mulher.

— Não, não é nada. Deixa que eu abro a porta pra ti.

Ele andou até a porta e deu o guarda-chuva de Tainá nas mãos dela, abrindo a porta lentamente.

— Tu tá com um ótimo cheiro hoje, Tainá. Sabia?

— Obrigada. Minha irmã comprou esse perfume de presente pra mim.

Ela então saía, e seu cheiro floral iria junto. Cheiro esse que era um símbolo de calma e apaziguamento para Alessandro. Ele sempre se sentia deprimido quando deixava de senti-lo.

— Mas que manifestação foi essa que ela falou? Poderia ser...não! Eu não vou nisso! Mas...

Sua indecisão o consumia.

— Acho que vou na casa da irmã dela perguntar sobre isso. Vai que ela me conta...

Eles não eram próximos, mas não é como se ela recusasse a sua visita. Ele então trancava a porta da casa, e saía com a chave no bolso. Corria com o que parecia ser desespero até chegar em uma pequena casa amarela no outro quarteirão.

Ele batia na porta.

— Quem é?

A voz um pouco mais madura do que a de Tainá perguntava. Era distante, mas passos abafados indicavam a sua proximidade cada vez maior.

— Sou eu, Alessandro!

Ela logo abria a porta, e deixava o homem não mais pálido entrar na casa.

— Precisa de alguma coisa? Você parece que veio com pressa, tá molhado da chuva, o que aconteceu?

— Não, nada. Na verdade, eu só queria perguntar uma coisa sobre a tua irmã, a Tainá.

A porta fechava.

— O quê? Aconteceu alguma coisa com ela? Ela saiu daqui faz meia hora. Tá tudo bem com ela?

Era visível o tom de preocupação de Teresa.

— Não, Teresa. Não precisa se preocupar.

— Então o que é?

— A Tainá parou lá em casa e tava conversando comigo sobre umas coisas, e falou sobre uma manifestação. Tu sabe me dizer alguma coisa sobre isso? Será que é o que eu tô pensando?

— Ah, isso? É que tem um grupo de pessoas que querem se juntar pra tentar parar o regime, e incentivar os militares a pararem com essa repressão toda. Tem estudante, tem professor, tem psicólogo, tem jornalista, tem de tudo lá. A gente tá tentando fazer isso pra ver se pelo menos um pingão de voz a gente consegue ter.

O rosto do homem expressava curiosidade.

— Espera, a Tainá tá dentro disso?

— Sim. Tá interessado? Eu posso te passar todas as informações, se quiser. É sempre bom ter mais gente com a gente. A Tainá é uma das fundadoras!

— Eu vou pensar um pouco. De qualquer jeito... — Dizia rapidamente, enquanto abria a porta. — ...obrigado, tá?

— De nada. Tenha uma boa noite, Alessandro. Mande lembranças pra Tainá, viu?

— Pode deixar.

Ele fechava a porta. Corria para casa novamente, esbarrando em algumas pessoas no caminho, mas se desculpando logo em seguida. O céu ainda estava repleto de nuvens, mas, dessa vez, não estava chovendo. Ele poderia descartar a sua preocupação quanto a molhar as roupas que nunca havia trocado desde que chegou em casa.

Logo, lá estava. Abriu a porta, entrou e fechou, e sentava-se no sofá para refletir sobre o que Teresa havia lhe dito.

O que ele mais queria no mundo era ver Tainá feliz. Ver seus sonhos se realizando. O seu sonho era o sonho de Tainá, uma vez que ele mesmo não conseguia sonhar nas várias noites em que não conseguia dormir.

Tinha medo, mas Tainá sempre ajudou a enfrentá-lo. Ela sempre ajudava ele a fechar os olhos e conseguir dormir pacificamente. Agora, o sonho de Tainá seria o que uma vez foi o sonho próprio de Alessandro — conseguir respirar em meio a uma realidade tão sufocante. Conseguir se expressar e falar sem que colocassem as mãos na sua boca.

Agora, essas ambições finalmente convergiram. Alessandro não pararia por nada para tentar realizar o seu sonho recentemente obtido, após tantos anos sem sonhar à noite. O sonho que já existia, mas que era intangível ao toque e invisível ao olhar.

Agora, sabia finalmente a melhor maneira de ver o sorriso da melhor e única amiga.

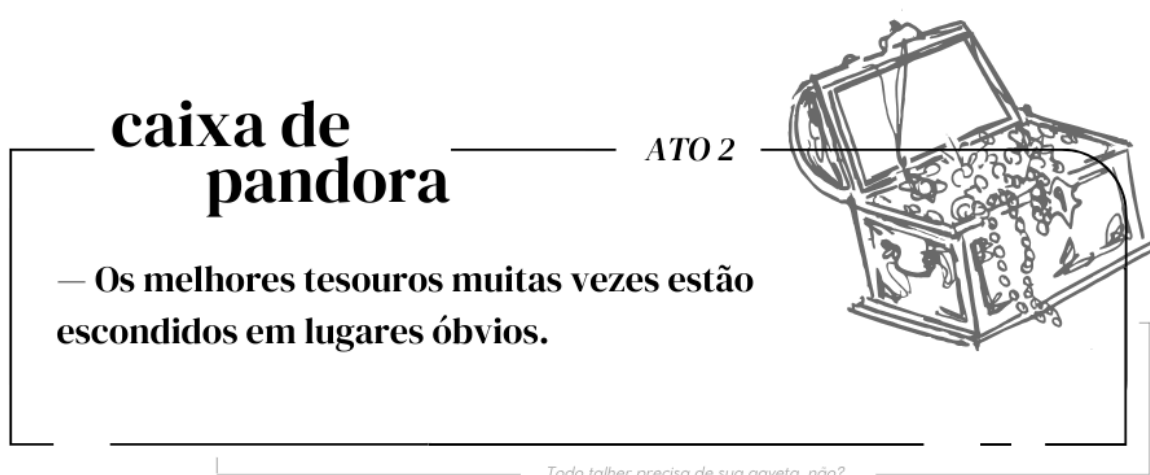
Finalmente sabia como realizar o sonho que pensou que havia esquecido por tantos anos.

Sua mente estava tão concentrada nesse único objetivo que qualquer influência externa seria praticamente reduzida pela metade, no mínimo. Até mesmo a plateia de figuras que ele sempre via se apaziguar em sua mente para dar espaço às suas reflexões.

Lembrava dos ditados da família, e das risadas dos militares. Ainda tinha medo, ainda tinha nervosismo, ainda tinha angústia da guilhotina que cortaria fora sua língua se ousasse falar algo.

Mas nada importava mais do que realizar o desejo de Tainá. O desejo da única pessoa que estava disposta a escutá-lo, e tratá-lo como um ser humano, e não como um objeto, uma lousa vazia na qual as pessoas apenas anotaram o que queriam.

Ele estava disposto a finalmente escrever pela primeira vez nessa lousa. Finalmente escrever o que queria ter. O que ele sempre quis ter.



Então, as horas passavam e seu sono aumentava. Após algumas conversas consigo mesmo, resolvia então deitar em sua cama e adormecer.

Dormia bem, como o fazia esporadicamente. Dormia com os anjos, e lembrava de quando a avó cantava sua canção de ninar favorita nas noites de insônia.

— Nana, neném, que a cuca vai pegar...

Era uma melodia recorrente na infância. A avó de Alessandro era a única lembrança boa que tinha na família, mas havia a perdido com apenas 11 anos. Havia perdido a única pessoa que

se importava em cantar pra criança amedrontada na hora de dormir, e de ajudar o pequenino a colocar suas roupas após o banho.

— ...papai foi pra roça, e mamãe foi trabalhar...

A voz agora madura e envelhecida cantava a mesma canção que a voz suave e jovem cantava nas noites de pesadelos e insônia.

Era uma memória distante, mas nunca esquecida. Por sua gentileza, e por sua calma.

A luz matutina irradiava pela janela e no rosto do homem após algumas horas de bom sono.

Tinha a determinação de mil touros. Um sentimento até então desconhecido por ele. Levantava após se espreguiçar um pouco, e se sentava ao lado da cama.

— Bom dia, dorminhoquinho. Vamo acordar? O dia hoje tá ótimo pra gente brincar ali fora.

A voz distante ecoava.

— Bom dia, vózinha. Já já levanto.

— Hoje é sábado, Alê. Não precisa se arrumar pra ir pra escola, nem nada. Pode ficar nesse pijama que tu gosta. Quem tá tomando conta de ti hoje sou eu.

— Não, vó! Hoje é segunda, tá doidinha?

Ela não respondia. Ninguém respondia.

Naquele momento, o homem coçava os seus olhos e se direcionava ao banheiro ao lado do quarto. Antes de tomar banho, olhava no espelho que tinha na parede, e olhava para os próprios olhos.

Às vezes, esquecia da cor de seus próprios olhos. Sempre lembrava do jade dos olhos de Tainá, do castanho claro dos olhos de sua avó, ou até mesmo dos olhos das pessoas que observavam o seu prestígio quando era mais novo.

Era difícil lembrar que a cor de seus olhos era marrom escuro.

A figura no espelho às vezes era distorcida, às vezes era fragmentada, às vezes nem existia, ao mesmo tempo que às vezes Alessandro podia ver o seu rosto perfeitamente. Cada ruga, cada fio de cabelo, cada coisa.

Não seria diferente naquele dia. Era um dos poucos no qual via sua imagem no espelho com normalidade.

Após tomar banho e trocar de roupa, Alessandro fez o seu café. Não era algo muito complicado, comparado ao que comia na infância. Apenas uma pequena xícara de café, um pão com ovos mexidos e uma fatia de queijo.

Era o suficiente para deixá-lo de bom humor. Concedia a ele a energia que precisava para as tarefas que teria de fazer nos dias seguintes. Não iria trabalhar, apesar de ser segunda. Era o dia no qual não trabalhava. Era o seu dia livre para fazer o que bem entendesse.

E assim o fez. Após comer, dirigiu-se até a casa da senhora que viu ontem, com uma animação um tanto rara. Quando a tinha, normalmente era proibido expressá-la. Era uma sensação com a qual o homem não estava acostumado.

— Teresa! Teresa! Tá aí?

Ela abria a porta, ainda com seus pijamas e seu cabelo bagunçado.

— Sim, Alessandro. Ainda é cedo. Por quê tu tá aqui a essa hora?

— Desculpa, Teresa. Eu só quero saber mais sobre essa manifestação que vai acontecer. Quando é? Eu...tenho interesse.

— Ah, então é isso? Vem! Pode entrar!

O homem entrava, e a porta fechava. Ele se sentava no sofá da senhora, enquanto ela pegava o que aparentava ser um cartaz de uma pilha de papéis na mesa próxima.

— E...aqui! Esse papel tem todas as informações sobre os nossos calendários, os nossos encontros, e tudo mais que a gente organiza. — Dizia com animação, andando até Alessandro. — Toma!

Ele pegava e agarrava o papel com rapidez.

— Hoje? — Perguntava, após olhar o papel. — De tarde? Perfeito! Eu...posso ir?

— Claro! Já te falei! Quanto mais, melhor!

Era um tom de animação um tanto repentino, dado pela sua voz cansada na hora que havia o recebido na porta.

— Que ótimo! E, afinal, o que é esse grupo de pessoas? O que vocês fazem?

— Bem, nós tentamos transformar o nosso mundo que é o Brasil. Transformar em um lugar livre de repressão, e apropriado para qualquer um que queira viver aqui. Organizamos nossas próprias reuniões nas nossas salas de estar, e sempre mantivemos nossos pensamentos entre o nosso grupo de pessoas que cresce cada vez mais. Mas nunca tivemos a coragem de nos manifestarmos antes dessa forma.

— Bem, eu adoraria entrar para esse grupo! Posso?

— Claro! Eu sou uma das fundadoras, então ver uma pessoa tão ávida por nossos objetivos quanto você já é um ótimo sinal.

Tainá ficaria orgulhosa. Tainá vai ficar orgulhosa. Orgulhosa da coragem do amigo que sempre teve medo, e da vontade de lutar por essa mesma causa.

Foi isso que Alessandro pensou.

— Ok, então, muito obrigado mesmo! Desculpa qualquer coisa. Aliás, posso levar esse papel?

— Sim, sim. Tenho mais desses aqui.

Ele saía de uma maneira que quase saltitava. Sua corrida era rápida, seus pés ágeis, e a leve brisa da manhã soprava os seus cabelos. Uma sensação de paz um tanto rara.

No entanto, tinha de esperar. O tempo seria o seu maior inimigo, e a ansiedade para a hora chegar o consumia na medida que ele pegava o papel novamente, repetindo o comportamento pela manhã inteira.

— Então é ali na avenida...será se a Tainá vai estar lá?

O assunto logo estaria ali na rua, andando na calçada enquanto limpava os seus óculos em sua camisa verde.

— Bom dia, Alessandro! O que tu tá fazendo essa hora da manhã? Desse jeito ainda? O que aconteceu pra tu ficar tão animado? Eu fico tão relaxada quando te vejo assim...

— Bom dia, Tainá! Eu tô animado porque eu vou para a manifestação hoje à tarde na avenida!

Ela estava estática. Seu sorriso pequeno se transformava em uma expressão séria, assim como seus olhos antes relaxados ficaram arregalados.

— Tu vai...pra onde?

— Pra avenida hoje de tarde, ué. Tu vai, não vai?

— Quem te disse isso? Hoje de tarde vai...chover! Eu...acho. Tu não quer gripar, né?

— Isso não interessa. Quem me disse foi sua irmã, Tainá! Ontem tu falou de uma manifestação, e eu fiquei curioso, e perguntei pra tua irmã. Parece que vocês têm um círculo de pessoas pra ir contra esse regime! Por quê tu não falou isso antes? Ela até me convidou pra entrar nele!

— E tu aceitou?

— Clarinho que sim! Como eu iria perder isso? A oportunidade de te ver feliz com o meu progresso! Eu melhorei, como tu me disse pra fazer! Enfrentar meus medos, e...

— Alessandro, eu...

Era perceptível a tristeza em sua voz, em completo contraste com a animação de Alessandro. Era o dia e a noite. A noite escura que consumia as manhãs ensolaradas. A sombra que contrastava com a luz em um belo quadro barroco, pouco acessível.

— Hã?

O seu tom desanimava rapidamente. Seus olhos entristecem, e sua voz baixava rapidamente. Era notável a surpresa dela.

— Como assim, Tainá? Não tá feliz comigo? Eu finalmente tô enfrentando os meus medos, tudo isso graças a você! Graças às palavras que você me falou por tanto tempo! Eu fiz algo de errado?

— Não, não, Alessandro! Eu estou...extremamente feliz por ti. É só que...eu não esperava isso. Foi muito repentino.

— Mas esse não é seu sonho? Lutar para ter voz, para criar um lugar de paz e felicidade, onde todos podem pensar o que querem!

— Sim, mas...

Seu sonho nunca deveria ter sido de importância para Alessandro.

— ...esse é o meu sonho. Você precisa ter os próprios sonhos. O meu...é irrealizável, de qualquer forma.

— Mas o meu sonho é realizar o seu, Tainá.

— Não, por favor. Não tente fazer isso. Tu só vai acabar com problemas e mais problemas. Eu já tentei.

— Então vamos tentar de novo. E de novo. Tu sempre diz que errar faz parte da gente.

— Sim, Alessandro, eu realmente disse isso, mas é só que...

Tainá se arrependia de não poder pegar as suas palavras e colocá-las de volta em sua própria boca. Agora, teria de arcar com as consequências.

— ...depois de tudo que aconteceu contigo, tu ainda insiste nisso? Nesse sonho estúpido? Nessa ambição feia pela qual eu ainda luto sem razão alguma?

— Essa é a ambição mais bela que eu já vi na minha vida, doutora. E...sim. Eu ainda lembro de tudo, mas, dessa vez, não quero que o meu passado turbulento manche o seu lindo sorriso.

Ela sorria levemente.

— Eu sou muito grata por isso, mas, por favor, não tente fazer nada. É o melhor para você.

— Agora eu tô confuso, Tainá. Uma hora diz que eu tenho que encarar os meus medos, mas outra hora você diz pra eu ficar parado e não fazer nada?! Por quê tu tá mentindo pra mim? Eu...eu juro que não fiz nada para merecer isso!

Sua voz ficava trêmula, assim como as suas mãos, que amassavam o papel que segurava.

— Alessandro, você não fez nada de errado.

— Então por quê você mente pra mim, Tainá? Por quê?!

— Porque eu quero te proteger, Alessandro. Você já sofreu com isso, e eu não quero que você tente fazer isso de novo.

— Mas...

— Bem, Alessandro, eu tenho que ir agora.

— Para onde você vai?

— Vou caminhar um pouco. Quero aproveitar esse ventinho frio enquanto posso. — Dizia, estendendo a mão aberta. — Quer vir comigo?

Ele estendia a própria mão, e ficava de mãos dadas com a amiga ao lado.

— S-sim, claro!

— Ótimo.

Tainá e Alessandro andavam pelas ruas de Petrópolis, e olhavam para todos os tipos de coisa. Olhavam crianças correndo, outras indo para a escola, adultos indo trabalhar, e os mais velhos em suas cadeiras de balanço, contemplando as ruas e as árvores tanto quanto eles. Era um dos raros momentos que Alessandro havia segurado a mão de alguém com tanta firmeza.

Era um cenário pacífico, tanto dentro quanto fora da mente de Alessandro. Não sentia dores, não tremia, não via nem sua família, nem nada além das verdadeiras cores de uma realidade tão tangível. Apenas paz interior.

A brisa leve levantava os cabelos do homem e a sua camisa levemente. Era um frio refrescante e pacificador, é uma de suas únicas e poucas coisas prediletas. Não era como se ele tivesse tido a oportunidade de desfrutar desse clima maravilhoso muitas vezes.

Após algumas horas, Tainá iria até a rua familiar de sua casa novamente.

— O tempo passa rápido, não é? Já é horário de almoço...

— Sério? Nem percebi que essa manhã passou tão rápido!

O tom surpreso na voz do homem entoava como os assobios do vento na manhã. Enquanto ela andava para a porta da casa de Alessandro.

— Então eu já vou, Alessandro. Foi incrível essa caminhada que tivemos juntos. Lembro um pouco dos velhos tempos.

— É...

— Enfim, tchau, Alê! Até mais!

Eles se abraçavam.

— Até, Tainá.

Ela então iria embora, e ele começou logo a fazer seu simples almoço. Arroz, feijão e carne. Nada muito especial, ao mesmo tempo que essencial para o ser humano. Fazia com mãos rápidas e olhos atentos aos gestos que ainda recordava de seu antigo lar.

Os mesmos temperos, os mesmos movimentos, o mesmo gosto delicioso. Uma refeição revitalizante em um prato simples de cerâmica.

Após um tempo da refeição, Alessandro finalmente se sentava no sofá. Lembrava dos ditados de sua família, mas não dava muita atenção a eles. No fundo, ainda tinha o mesmo medo do que tinha quando sua mãe o repreendia por tentar duvidar dela, ou de quando o pai batia em sua bochecha quando ele derrubava qualquer coisa no chão e a quebrava.

Eram coisas normais de uma criança como Alessandro, e, mesmo assim, suas lágrimas silenciosas trancadas em seu quarto só mostravam para o mundo o quão horrível foi a sua infância, salva apenas nos momentos em que sua avó estava. A única pessoa, naquele tempo, que ainda tinha disposição para escutá-lo, abraçá-lo e consolá-lo.

Talvez Tainá o lembrasse muito desse ente querido. O membro da família que, infelizmente, embarcou para o desconhecido, e não voltou mais.

Ela estaria muito feliz de ver seu neto assim, corajoso e determinado, como nunca havia o visto antes.

— Tá orgulhosa de mim, vó?

A única resposta foi o ruído de seu vizinho roncando em sua soneca pós almoço, e outros barulhos conflitantes em seus arredores.

De qualquer forma, ele sempre estaria ali, esperando pela resposta dela. Escutava milhares de vozes no rádio amadeirado que tinha do seu lado, mas nenhuma delas era aquela que ele buscava.

Foi em um breve momento em que finalmente escutava uma voz familiar. Já havia passado uma hora desde que terminou a refeição.

— Alessandro! — Gritava a voz, em sintonia com as batidas na porta. — Tá aí? Já já vamos começar!

As vozes no rádio eram silenciadas repentinamente, apesar do aparelho ainda estar ligado. Sua atenção se voltava apenas àquela voz feminina já conhecida.

— Teresa?! É...já vou!

Ele pulava do sofá, desligava o rádio e abria a porta.

Lá estava a mulher que havia visto antes mais cedo. Segurava vários papéis, alguns já jogados pela rua pedregosa, e tinha um sorriso estampado em sua face de ponta a ponta.

— Oi, Teresa! Já vai ser agora?

— Sim, sim! Tá pronto?

— É...sim! Eu acho...

— Perfeito! Pode já ir para a minha casa se quiser. Algumas das pessoas estão reunidas lá. Eu vou chamar o resto!

Ele logo pegava a sua chave, fechava suas janelas e a sua porta com uma animação relativamente inesperada. Pegava a chave, trancava a porta e colocava o chaveiro de volta no seu bolso, antes de correr disparadamente até a casa de Teresa, enquanto ela corria até outras casas com a mesma animação.

Logo, ele chegava lá. Ali, reunidos, havia jornalistas, estudantes, professores, todos os tipos de pessoas. Altos, baixos, de cabelos lisos, crespos, cacheados, enrugados e não enrugados, peles claras e escuras, todas unidas para lutar pela mesma causa.

Era uma família para Alessandro. Era a primeira vez que, em uma multidão, se sentia acolhido, se sentia como um deles. Ele era um deles.

— Bem vindo! Você deve ser o Alessandro, né?

— Sim, sim! Vocês já sabem meu nome?

— Sim! A Teresa já nos contou sobre você! É ótimo ter alguém como você aqui!

— Obrigado...

Era visível que ainda não era familiarizado com o ambiente. Ficava calado e um pouco isolado, mas passou a gradualmente conversar um pouco com as pessoas. Não havia feito

muitas trocas de palavras, no entanto. Nunca foi muito sociável. Nunca falou muito, mesmo se quisesse.

Após alguns minutos, retorna Teresa com algumas pessoas. Entre elas, estava a irmã.

O cabisbaixo Alessandro então sorria ao vê-la, enquanto ela se aproximava dele.

— Você realmente veio...

— Sim, Tainá!

— Desculpa, é que...é uma surpresa para mim ver você assim. Sorridente, saltitante e animado.

— Tainá...

— O quê?

— Você...tá feliz por mim?

Ela sorria, mas não sabia o que responder. Não queria acender o pavio curto de seu amigo, mas não queria o entristecer. Naquele momento, no entanto, a sua amizade de anos falou mais alto do que qualquer coisa em seu cérebro. Era uma batalha entre razão e emoção, mas a emoção emergiu vitoriosa.

— Sim...

Uma má conduta para uma psicóloga. Racionalidade deveria estar acima de tudo.

— Obrigado.

Os membros então saíram pela porta após o chamado de Teresa. Um amontoado de pessoas que gritavam, levantavam bandeiras, e pediam por liberdade.

Alessandro não era exceção nenhuma. Pelo contrário, foi ele uma das pessoas que levantava as bandeiras e os cartazes que verbalizaram os seus desejos, e os desejos de Tainá. Era uma sensação refrescante, uma que não tinha sentido depois de quatro anos de medo e silêncio.

Não demorou para que as balas das armas ali presentes fossem atiradas, e militares comesçassem a correr e bater nas pessoas que ali estavam, e que rapidamente cresciam em número na medida em que andavam.

O rebanho apenas crescia, e o arame se tornava cada vez mais afiado.

— QUEREMOS SER OUVIDOS!

Era um belo coro. Uma única melodia, um único hino, um único canto.

— NÃO VAMOS CAIR!

No entanto, a bandeira que Alessandro segurava caía enquanto suas mãos tremiam, assim como o seu corpo. Não machucou ninguém, por sorte.

— Não, não...

Tainá percebia isso, e rapidamente corria até ele, segurando as suas mãos.

— Alessandro! Alessandro? Consegue me ouvir?! Por favor, respire! Tenha calma! Eu vou te levar pra sua casa!

— Não, não! Eu consigo ficar aqui! Eu...argh!

A dor de cabeça do homem era insuportável. Lembrava das imagens horríveis de seus anos de prisão, dos rostos dos militares ali, e da risada daqueles que o viram terminar sua primeira vida em uma cadeira elétrica. Mesmo assim, os olhos de jade em sua frente o diziam para não desistir, para continuar lutando, mesmo com suas memórias enchendo sua mente como um alagamento.

— Você não consegue ficar aqui, Alessandro! Me desculpa! Eu não devia ter deixado você vir aqui! Eu tava tão feliz por você que...eu esqueci de como você reagiria quando isso acontecesse!

O trovão rugia, assim como a boca abaixo dos olhos de jade falava o contrário do que Alessandro via nessas jóias raras.

— Desculpa por...te decepcionar. Eu falhei contigo, Alessandro.

Ela corria de volta para a casa de Alessandro, segurando ele no braço. Sem dar explicações nem motivo algum para os outros que caíam no chão e sangravam, e para aqueles que ainda persistiam. Ela queria que Alessandro persistisse acima de tudo. Por um momento, esqueceu da irmã e dos outros amigos.

Um grave erro.

Quando finalmente chegaram, a rua estava quieta. Audíveis eram apenas os passos de psicóloga e paciente, e os gritos e tiros distantes e abafados. Aqueles que causavam tanto estresse em Alessandro.

Ele sentava na calçada de sua casa, e colocava a mão em sua cabeça enquanto Tainá sentava ao seu lado rapidamente.

— Por quê, doutora? Por quê você me trouxe até aqui?! Nós deveríamos ter ficado lá!

— E MORRER POR UMA CAUSA PERDIDA!?

Seu tom assustava e amedrontava Alessandro, que chorava leves lágrimas. Ela tapava a sua boca, e logo depois abraçava o homem.

— Desculpa, desculpa, desculpa, Alessandro! Eu falhei como psicóloga e como amiga! Eu não deveria ter deixado você ir pra lá! Eu deveria ter te impedido! Eu...

— ...não deveria ter ficado feliz por mim?

Ela escutava, na distância, um grito de uma voz infelizmente familiar.

— Não...Teresa!

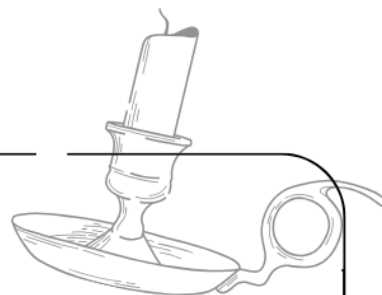
— O que aconteceu!?

Ambos levantaram rapidamente.

— TERESA! NÃO!

ATO 3 **uma boa noite de sono**

— **O desfecho de uma profissional
desqualificada e um paciente tolo.**



Durma com os anjos, meu querido amigo.

Tainá começava a chorar.

— Ela foi uma tola! Por que ela insistiu nisso?! POR QUE TODOS INSISTIRAM NISSO?! ATÉ EU!? Será que ela...

O homem surpreso então indagava.

— Foi para construirmos esse belo mundo que queremos do zero, não? Um mundo belo, sem repressão, sem-

— ESSE MUNDO NÃO PASSA DE UMA MENTIRA, ALESSANDRO! VOCÊ NÃO ENTENDE!? NÃO TEM COMO LUTARMOS CONTRA O QUE TÁ NA NOSSA FRENTE AGORA! E QUEM TENTOU...

Ela começava a chorar desesperadamente e correr de volta até a avenida.

— POR FAVOR, TERESA! AGUENTA!

A voz já ficava distante para Alessandro, que apenas assistia em silêncio, assim como Tainá havia o instruído.

— Uma...mentira? Não! Não, não, não! Eu vou torná-lo realidade! Se ninguém for, eu vou! NUNCA que isso seria uma mentira! NUNCA!

Ele então entrava em casa e rapidamente pegava uma faca. A mesma que usava para cortar seus legumes, e a mesma que usaria pra cortar esse regime em pedacinhos. Uma deliciosa receita.

Mas uma formiga não tem o poder de parar uma tempestade. Várias teriam uma mísera chance, mas uma solitária não seria párea, mesmo com toda a sua força de vontade.

Ela ainda seria esmagada.

Nos dias seguintes, Tainá estava devastada com a morte de sua irmã. Uma guerreira nata, tão corajosa e tão perto de realizar seu sonho, neutralizada tão facilmente por uma bala certa no peito. Por alguns dias, não fazia suas caminhadas matinais, nem tirava tempo para ver o sol. Apenas vivia em escuridão. A única família que tinha agora seria seu pai, que vivia na casa ao lado.

Ela não era mais a bela costureira de palavras que sempre seria. Seus panos e trapos eram sempre rasgados.

Alessandro, no entanto, estava comovido, mas sua cabeça estava convencida de que tinha mais o que fazer. Queria logo cessar o choro de Tainá, e não pararia por nada para alcançar isso.

Começava a assassinar famílias de militares e roubá-las, como havia sido roubado, privado de sua humanidade. Até mesmo matava os próprios militares desprevenidos com sua amada faca, que traria justiça e liberdade aos que ali viviam. Eles, afinal, seriam o obstáculo para o mundo que ele tanto queria. Não tinha mais noção do certo e do errado, e se tornava uma figura conhecida e amedrontadora na sua cidade. Passava a faltar o trabalho. Um comportamento um tanto inapropriado de um menino tão exemplar.

Era um apóstolo, um arauto daquelas terras nas quais sonhava em chegar, das vozes que sonhava em escutar e das coisas que sonhava em falar.

Sua mente fragmentada apenas o dizia para continuar, e ele seguia suas ordens e ensinamentos. Sua faca ensanguentada era guiada pela sua vontade de ter o bem maior, mesmo que o preço fosse a vida de tantas pessoas. Algumas até inocentes.

Para ele, o preço valia a pena.

Após duas semanas, no entanto, era um final da tarde normal como qualquer outro, interrompido apenas pelos batidos na porta de Alessandro em sintonia com os choros distantes das famílias que foram perdidas em sua mão sangrenta.

— Alessandro? Sou eu, Tainá...

Ele escutava a voz triste e andava até a porta, com sua xícara de café na mão esquerda. E logo, a maçaneta na direita.

— Oi, Tainá! Veio me ver? Ah, eu tô tão feliz em te ver!

— Eu também, Alessandro. Posso entrar? Minha cabeça tá uma bagunça...

— Claro!

Ela entrava, e a porta fechava. Sua expressão entristecida tomava o seu rosto como uma praga.

— Tainá, eu espero que esteja tudo bem. Eu sinto muito pelo que aconteceu recentemente. Com seus amigos, e...

— É. Ela. Obrigada. Eu tô...melhorando aos poucos. Eu ainda não acredito que ela morreu tentando realizar o maior sonho da vida dela...

Uma pena que Tainá não pôde levar o tiro pela irmã. Era o que ela mais desejava.

— Eu...não consigo imaginar como é essa sensação. Quer que eu pegue uma água ou alguma coisa pra você?

— Sim, por favor. Só uma água.

Ele então saía da sala e ia para a cozinha. A mulher, no entanto, olhava para a casa do amigo. Cada vez mais bagunçada, contrastando com o cenário de somente alguns dias atrás. Ele havia mudado, e ela sabia que seria por ela. Ela criou a pessoa que morava ali.

Nisso, ela vê um cabo de madeira em uma gaveta próxima, e decide ir investigar.

Aquele que abriu a Caixa de Pandora não sabia o que havia dentro. Seria riqueza? Seria infortúnio? Seria ouro? Seria apenas um pedaço de pão velho?

Não. Era o apocalipse. Era uma faca ensanguentada.

Um apocalipse aos olhos de Tainá, mas apenas um meio para atingir o paraíso aos olhos de Alessandro.

Ela tinha a faca em mãos. O objeto tão procurado naquelas duas semanas, o objeto que tirava a vida de tantas pessoas, tanto culpadas quanto inocentes, o objeto que guardava uma promessa vitalícia.

Ela via a reflexão de seu rosto no sangue seco no cabo e em alguns lugares da lâmina. Seus olhos não eram mais verdes, nem seus óculos seriam limpos.

— Alessandro, o que é isso...?

Ela virava lentamente para o homem com um copo d'água em mãos que saía da cozinha.

— Ah, isso? Droga, era pra ser uma surpresa, mas enfim.

Ele colocava o copo de água em uma mesinha próxima, com um sorriso sobrenatural em seu rosto, contrastante com o horror na face de Tainá.

— Eu tô fazendo isso por você! Todo esse tempo, eu finalmente percebi o porquê do nosso mundo ideal ser tão distante! É claro, pessoas como aqueles policiais que mataram a sua irmã existem! Eles devem saber o gosto do próprio veneno, e pararem de deixar esse mundo tão ridículo! O nosso mundo!

— NÃO, NÃO! POR QUÊ VOCÊ TÁ MATANDO TANTAS PESSOAS!? QUANDO, ONDE...

Seu desespero a impossibilitava de formar uma frase coerente.

— Não é simples, doutora? — Perguntava ele, rindo com uma voz assustadoramente calma.
— Isso tudo...é por você. É pra que o nosso sonho se realize, e pra que você não desista dele! Posso me livrar então dessas vozes que me atormentam todo santo dia, pois eu vou saber que estou livre! Que nós estamos livres!

Ela estava em choque.

— ...eu? Para mim?

— Sim, doutora! Não é você que sempre dizia para eu enfrentar os meus medos, e me livrar daquilo dentro de mim que me reprime? Tá esquecendo?

Ela lembrava de cada vez que eles sentavam na sala de estar dela, e olharam nos olhos um do outro. Jade encontrava Ágata Marrom, assim como suas vozes, seus medos e seus sonhos. Ela sempre tentou ao máximo evitar com que isso acontecesse, e sempre tentava fazer com que seus interesses não fossem demonstrados.

Mesmo assim, algumas tarefas são impossíveis. Não é fácil para uma amiga esconder algo de um amigo.

Ela realmente havia falado tudo o que ele disse.

— Sim, mas não era pra você ter interpretado tudo assim, eu...

— Tem alguma coisa errada, doutora? Seu rosto está assustado...

Ela ficava estática. Seu corpo duro como pedra, enquanto suas mãos seguravam a faca que tirava tantas vidas pelo seu nome, e seu sorriso. Sua boca não falava nada, mesmo que o amigo à sua frente quisesse uma resposta.

— O que aconteceu, Tainá? Fala! Por favor! Eu fiz algo de errado?

Seu sorriso rapidamente se dispersou no ar. Sua felicidade seria destinada a ser volátil.

— O que eu fiz, Tainá! Eu só fiz algo que deixaria você feliz! Eu...eu fiz algo de errado? Por quê você não fala comigo?!

Ele passava a chorar.

— Por favor! Fale comigo, me toque, me abrace como fazíamos antes! Por quê você tá fazendo isso comigo?

Estava claro que seu julgamento de certo e errado já estava perturbado demais. Tainá apenas olhava para ele estaticamente. Sua figura de estátua não desmoronaria em nenhum momento.

— Eu realmente cometi um erro tão grande que você não vai nem mais falar uma palavra comigo?! Por favor, me perdoe!

Mas não havia perdão para essa troca de palavras. Por esse mal entendido. Ele se aproximava dela.

— Tainá, por tanto tempo, eu fui criado nesse mundo sem direito de pensar nem gostar de nada. Eu sempre fui usado como um baú onde minha família guardava os desejos dela, e, quando eu finalmente tive a coragem de falar, eu fui torturado. Meus dias após a tortura eram ainda piores do que todos os dias antes dela. Foi então que você começou a me ajudar. Você começou a me escutar, a conversar comigo, e agora...você nem fala mais. Você foi a luz na minha vida, Tainá. Você me deu um sonho, um motivo para seguir em frente. Você é minha melhor e única amiga que eu mais amo em todo o mundo!

Ele agarrava no casaco de Tainá e se ajoelhava, mas ela continuava de pé, na mesma forma de antes.

— Eu só quero realizar esse sonho. O seu sonho.

A voz de Tainá finalmente quebrou o silêncio instaurado após essa fala.

— Por favor, Alessandro, me deixe sozinha. Eu...preciso pensar.

Ele soltava e ficava de pé.

— Tá bom...

O copo de água dela permanecia ali naquela mesa, intocado. A faca já estava caída no chão, e ela já estava indo para casa. A porta de Alessandro fechava, e toda a sua dúvida e sua angústia permaneciam trancadas junto com ele.

A expressão estática e cabisbaixa de Tainá se tornava uma expressão de choro incessante quando via o seu pai deitado na porta de sua casa ao chegar perto dela.

— Pai...PAI!

Ela corria até ele, e logo se ajoelhava em frente ao corpo espancado. Era frágil e enrugado, mas sempre tentava viver todos os seus dias restantes.

Mas suas chances já teriam acabado.

— Não, não, não! Isso não! Pai, por favor, me responde!

Ela era respondida apenas pelo som dos passos que vinham em direção a ela enquanto o corpo do pai era chacoalhado.

— Ele faleceu, dona Tainá.

Ela se assustava, e levantava.

— Quem é você, e o que você fez com o meu pai!?

— Sou um militar, dona Tainá. Sabe, colega de alguns que o seu amiguinho matou.

— Por quê você fez isso!? — Gritava, apontando para o cadáver do pai. — O que você quer de mim!?

— Que você me diga onde está Alessandro e seu grupinho. Caso não contribua, você irá morrer. Você irá ver ele. — Dizia em uma voz fria, apontando para o senhor caído. — Não é isso que você quer?

Ela foi surpreendida com o pedido. Ela não queria entregar o seu amigo nem a sua segunda família, mas não queria ver mais pessoas morrerem por conta dele. Era uma decisão difícil, e Tainá nunca quis quebrar nenhum sigilo psicóloga-paciente. Ela nunca quis quebrar a confiança de ninguém.

Mas nesse caso, era necessário. Não queria encarar o mesmo destino que o pai, por mais que falar com ele fosse o seu maior desejo.

— Tá, mas, por favor, me escute. Eu...tenho uma ideia.

Ela falava com relutância. Pedia perdão a seus amigos e irmã mentalmente. Questionava então sua profissão como psicóloga, e sua dignidade como pessoa.

— Eu não tenho mais nada a perder. — Pensou. — Eu falhei com todo mundo. Minha irmã morreu, meu pai morreu, e eu quebrei a confiança dele. Eu falhei como psicóloga, e falhei como pessoa. Não há motivo para esconder nada. Não sobre eles. Eu decepcionei a todos.

Seu sonho, para ela, já não tinha mais propósito. Se tornava a coisa que menos queria ser — egoísta.

Após um tempo, eles entraram em um consenso, e ela ganharia uma compensação monetária por entregar o seu amigo e o restante do grupo que sobrou. No entanto, ela não queria aceitar esse dinheiro. Apenas após muita insistência do policial que ela aceitou. Nenhuma quantia iria pagar a sua dívida com todos que havia traído, ou deixado para trás. O homem saía com o corpo do pai dela, e ali apenas permanecia Tainá em meio ao leve chuvisco.

— O papai sempre disse que eu seria uma ótima profissional, não importa o que eu quisesse fazer, e uma ótima pessoa.

Ela olhava para o céu nublado.

— Desculpa, pai. Eu não consegui ser a filha que você queria que eu fosse.

Ela entrava em casa e chorava incessantemente, assim como a chuva intensificou ao longo do tempo.

A manhã tão esperada havia chegado.

Tainá levantava da sua cama e andava até a cozinha. Sentia falta da presença do pai, que fazia o café delicioso que sempre soube fazer, e das suas risadas que compartilhavam com café e pratos.

Ela nunca mais saberia o ponto correto do café. Sempre era amargo demais, doce demais, e nunca perfeito.

Nisso, ela comeu sua breve refeição e saiu de casa até a casa de Alessandro. Bateu na porta, e foi recebida por ele com o mesmo calor de sempre, apesar da frieza e vazio no olhar do amigo.

— Bom dia, Alessandro. Poderia vir na minha casa?

— Bom dia, Tainá! Claro. Claro que vou.

Ela tinha uma expressão séria. Rosto sério, olhos um tanto tristonhos e uma boca triste criavam essa composição.

Eles logo saíram da calçada de Alessandro, e andavam em direção à casa de Tainá. A casa que nunca mais seria a mesma, apesar de nunca terem mudado nada em seus móveis nem paredes.

— Tainá, você...

— Vamos conversar lá em casa, por favor?

Seu tom frio cortava a frase do homem ao seu lado. Não sabia mais se poderia chamá-lo de amigo, nem paciente. Ele seria para ela um completo desconhecido naquele momento.

Finalmente, após um tempo, eles entraram na casa escurecida.

As janelas estavam fechadas, e havia dois sofás que se encaravam em meio à sala de estar.

— Tainá, por que sua casa tá tão escura? As janelas tão fechadas?

Ela apenas segurava o braço de Alessandro e colocava ele em um dos sofás em completo silêncio. Tinha ótima visão, mesmo que no escuro, com seus óculos. Apenas com o tato, soube determinar uma rota para chegar no local desse tratamento inconveniente.

— Vamos conversar agora, Tainá? Só, por favor, acenda a luz...

Uma pequena chama se acendia em uma vela que ficava em frente à Tainá e Alessandro, que estavam em assentos opostos. Apenas viam o rosto um do outro, e nada mais.

— Sim, Alessandro.

— Ótimo! Por onde começamos?

— Alessandro, como a sua amiga de anos, eu sempre procurei o melhor método para tentar ajudá-lo. Eu acredito que achei uma solução para parar com suas dores de cabeça, com suas alucinações e com tudo que lhe afeta.

— Sério!? De verdade? Eu, eu...nem sei como agradecer... — Dizia ele, com felicidade transbordante. — Finalmente vamos poder viver no nosso mundo juntos? No nosso sonho!?

Ela engolia a seco enquanto via os olhos marrons de seu amigo. Os mesmos olhos ingênuos e sem brilho algum. Uma gema que havia perdido todo o seu esplendor.

— Sim. Eu só vou demorar um pouco mais a estar nele. Mas, por favor, me espere. Eu não quero me aventurar nele sem você.

— Perfeito! Eu não acredito que finalmente, depois de tanto tempo...

— Eu só preciso que você fique bem quieto, e relaxe. Respire comigo...

Ela inspirava e expirava. O homem em sua frente fazia o mesmo.

— Perfeito. Agora, por favor, se deite.

Ele se deitava como um cão submisso ao seu dono.

— Ótimo. Você tá indo muito bem.

— Obrigado! Eu espero que esteja feliz comigo agora, depois de tudo o que eu fiz...espero que você consiga me perdoar.

— O que você fez foi...irreversível, Alessandro. Mas eu te perdoo. Todos merecem uma segunda chance. Só saiba que eu o amo, como a sua amiga de tantos anos. Você me fez rir, você me abraçou, você segurou minha mão e conversou comigo por tantos anos que eu não sei mais como seria a minha vida sem você.

— Obrigado, mas por quê você tá dizendo isso, doutora? Você...vai embora? Você vai me deixar aqui?

— Não. Na verdade, eu vou ficar aqui por muito tempo ainda.

— Ah, que bom!

Uma lágrima escorria do olho de Tainá.

— Mas, por favor, veja o meu sonho antes de mim. Você merece mais do que eu.

— O quê?

— Dorme, neném, que a cuca vai pegar...

— ...papai foi pra roça, e mamãe foi trabalhar.

— Que bom que você ainda lembra disso, Alessandro.

Ela então despejava mais lágrimas enquanto pegava em mãos um objeto metálico.

— Como que eu poderia esquecer?

— Agora, tá na hora de dormir. Boa noite, Alessandro. Dorme com os anjos, tá...?

— Isso é parte do tratamento?

— Sim, agora, feche os olhos...

— Boa noite, Tainá...

Foi em um pequeno instante no qual ele dormiu para sempre com o tiro em sua testa. Ele agora teria uma longa noite de sono.

— Boa noite, meu amigo.

Era incomum que ele caísse no sono tão rapidamente.

A bala penetrou o seu crânio. Ele não poderia mais falar, ouvir, respirar, nem ver as suas favoritas gemas de jade. Todas as vozes de sua cabeça finalmente se silenciaram e caíram em um bom sono.

O belo aroma floral se foi, mas Alessandro não ficaria mais triste.

— Bem feito, dona Tainá.

Da escuridão, saía um policial. O mesmo do dia anterior. Ele tomava da mulher a sua pistola.

— Desculpa, Alessandro.

— Sua compensação vai ser enviada dentro de uma semana. Obrigado por cooperar e tenha um ótimo dia.

Ela abria as janelas de sua casa e era iluminada novamente. Pela luz do céu que agora sempre seria nublado para Tainá, mesmo que ela tentasse ver o sol. Pela luz que viu Tainá e Alessandro caminhando juntos de mãos dadas. Pela luz que iluminava a sua vida agora repleta de arrependimentos.

Ela abria a porta, o policial saía juntamente com Alessandro, e ela fechava. Começava a chorar incessantemente por muitas horas. Havia perdido todos naquele momento. Todos que escutariam o seu pranto. Todos que perguntariam para a doutora como ela estava, e não apenas aguardavam que ela fizesse essa pergunta.

— Foi tudo por minha causa. O papai morreu por causa de mim, assim como muitos...

Ela lembrava da pistola que tinha em mãos. Um brinquedo nada confiável. Um meio para um fim. Mesmo que esse fim envolvesse o peso do arrependimento pelo resto da vida de Tainá.

— ...e Alessandro.

Dessa vez, não havia seu pai para dar suas palavras de consolo. Só havia ela na pequena sala de estar, e sempre seria assim. Teria seus pacientes, mas nunca dispersaria essa sensação de solidão que a assolava. Sempre estaria cercada de pessoas, mas sempre estaria sozinha.

Após um tempo, começou novamente a chover.

Nisso, ela ficava de pé ao lado da janela. Suas lágrimas se disfarçaram em meio à chuva, e seu óculos permaneceria na mesa ao seu lado.

— Eu espero que esse mundo venha logo.

Ela então se dirigia à mesinha entre os dois sofás. Um era verde como uma esmeralda polida, enquanto a beleza do outro era manchada por uma mancha enorme cor-de-rubi.

Tainá não era joalheira, mas não queria que suas esmeraldas permanecessem manchadas pelo rubi, assim como suas jades não ficassem manchadas com tudo que havia visto. Queria que ficassem limpas e impecáveis.

Mesmo assim, nem toda mancha pode ser limpa. Ela deveria saber disso mais do que qualquer um.

Ela então se agachava e soprava a vela que havia acendido. Apenas a fumaça dela saíria.

Seu óculos já colocado em seu rosto novamente. Ela se dirigia à porta de sua casa, e a abria.

Via a rua na qual havia crescido por tanto tempo. Via a rua na qual pessoas marchavam e corriam, e crianças brincavam de pega-pega à tarde. Ela sempre quis ser uma delas, mas sua mãe nunca deixava. Dizia que ela ficaria parecendo um menino.

— Eu sou a pessoa mais egoísta do mundo...

Ela nunca teria realmente abandonado seu sonho feio e estúpido. Ela ainda ficaria para esperar o dia em que o veria.

Até lá, aquela rua nunca mais seria a mesma.

OS CÃES e SUA BOLA

— Estão todos torcendo por você e eu.

ECO 3

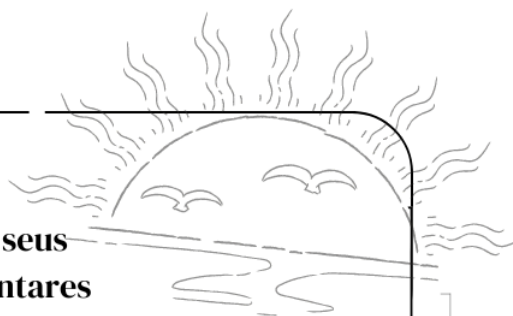
27 de Maio de 2008 — Favela do Sol Nascente, DF

um lugar mágico

— É comum que um cão ame o seu lar e seus brinquedos, por mais simples e rudimentares que sejam.

ATO 1

Entre tijolos e metais, um mundo completamente diferente existe.



As primeiras gotas do que provavelmente seriam uma longa chuva caíam naqueles meninos com os pés no concreto e na areia. Os pés descalços, seus chinelos ao lado.

— Ai, não! Já vai chover de novo? A gente nem chegou aqui!

— Afe! Ai, é melhor a gente ir logo, Ian. Eu que não vou ficar aqui e gripar.

— Nem eu! Vamo logo!

Ao mesmo tempo que os outros pequeninos nas proximidades corriam para debaixo de seus tetos. Telhas de metal, telhas de argila, paredes de tijolos, paredes de cimento, caixas d'água em lugares um tanto inusitados, e outras não.

Todos os tipos de atrações turísticas que alguém poderia ver em um lugar como aquele.

Os outros meninos já estavam um pouco afastados de Ian e Matheus, dando maus olhares para o primeiro. Cochichava entre si o bando de urubus ao ver a pomba.

— Matheus, por quê que eles tão olhando pra mim assim? — Indagava, olhando para Matheus com seus olhos escuros e castanhos. — Eles quase sempre olham pra mim desse jeito, com essa cara. O que que eu fiz pra vocês?

Perguntou a pomba para o urubu.

— Ian, não liga pra eles. Só porque tu é de...um grupo diferente do nosso, não quer dizer que a gente pode ficar te separando e te julgando. Não quer dizer que eu não vou poder mais jogar a bola pra ti quando a gente for jogar. Eles são só uns burros que não sabem o que tão fazendo.

— Acho que tu tá certo, mas, mesmo assim, eu não tô atrapalhando em nada mesmo não? Desde que eu vim passar mais tempo aqui, teus outros amigos quase não falam mais contigo...

— Não tá atrapalhando em nada, maninho. Eles nem são meus amigos direito.

— Mas tu conhece eles há mais tempo...

— Sim, mas ninguém me conhece como tu, Ian. Tu é o meu...melhor amigo.

— Entendi...

A chuva intensificava. Já não havia mais ninguém além dos dois garotos no meio do campinho. Em meio ao amontoado de casas, uma acima da outra. Ficava mais alto o barulho da água e suas pancadas no metal.

— Vamo logo, Ian! — Gritava Matheus, correndo. — Corre!

Os meninos ágeis e rápidos corriam em meio à chuva, para chegar em seu pequeno abrigo.

O menino Ian, um garoto de 10 anos. Estatura relativamente média, olhos castanhos, pele escurecida, cabelos cacheados não passando da nuca. Um rosto jovem, mãos criativas e animadas, olhos desatentos para o mundo tão vasto e repleto de coisas para ver ao seu redor. Olhos atentos apenas para o mundo tão limitado pela altura quase cegante dos amontoados de casas e corredores estreitos, apenas vendo-o completamente na laje de sua casa. Quando seu pai lá sentava em sua cadeira de plástico, há muito tempo atrás.

Ele não lembra mais da vista de cima da favela, nem da cadeira do seu pai.

E o menino Matheus, de 11 anos. Estatura pouco mais alta do que o companheiro, olhos verdes, pele parda, cabelos lisos e curtos. Um rosto também jovem, mas com muitas cicatrizes de cortes e outros ferimentos. Uma face lógica, pé no chão e realista, mais ciente do que vivia do que Ian, mas seus sonhos nem sua imaginação iriam tão longe quanto os céus que Ian já havia visto.

O céu que nunca parou para ver em nenhuma laje de nenhuma casa. Ele sempre pensava que o céu era só a pequena brecha das pequenas estradas cortadas por empilhamentos de lares e daqueles que viviam neles. Ele sempre pensava que o céu era aquilo que seu pai dizia — inútil.

— Já tô indo! — Gritava o outro, começando a correr em uma arrancada.

Após fugirem das gotas e dos olhares das janelas, os dois cachorros chegavam em sua casinha. Uma pequena brecha em um corredor era o suficiente para adentrarem em um pequeno espaço previamente abandonado. Suas pelagens estavam molhadas, mas não encharcadas. Eles não seriam tão descuidados.

— Finalmente! — Dizia Matheus, limpando seu rosto. — A gente chegou!

Era um pequeno cantinho com alguns colchões velhos, brinquedos sujos e uma iluminação um tanto fraca de algumas lâmpadas velhas. Não era muito. Quase nada, na verdade.

No entanto, era o mundo para os dois cãezinhos. O pedacinho de mundo deles, no qual estariam grande parte do tempo juntos. O pouco era excessivo, assim como a iluminação da fraca lâmpada acima deles já era muito mais do que eles poderiam pedir naquela tempestade.

— Ah...

Matheus então virava para o amigo aparentemente entristecido, que estava sentado em um dos amarelados colchões, com uma pequena bola nas mãos.

— O que foi? Tá triste que a gente não conseguiu jogar bola?

— ...sim. É que eu tava animado pra jogar naquele campinho, sabe. Com os outros meninos. Não é sempre que a gente vai lá. Quase nunca, na verdade.

Ian jogava a bola para Matheus, que a pegava e a segurava abaixo de seu braço.

— Sim, eu também. Mas não fica assim. A gente ainda consegue jogar aqui, né?

Matheus jogava a bola nas mãos de Ian.

— Sim, Matheus, mas não é a mesma coisa...

Ian jogava a bola nas mãos de Matheus. Já era claro que era algum tipo de microfone. Tal como aqueles que os repórteres que de vez em quando lá apareciam usavam. Os repórteres dos quais muitas vezes se escondiam, e não apareciam nas câmeras.

— Eu sei que não é. Mas a gente tem que trabalhar com o que a gente tem, né? E ainda, aquele campinho nem é tão grande.

Matheus jogava a bola para Ian. Aquilo havia se tornado um divertido jogo, apesar de não escutarem risada alguma.

— Me desculpa, Matheus. Eu sei que antes, tu ia pra lá um monte, mas...

— Sim, Ian. Mas eu só não vou mais tanto assim! Sei lá, eu...só parei, sabe? Não é culpa tua. Não é como se toda hora eu quisesse ficar naquele campinho. Na maioria do tempo, na verdade, eu quero ficar aqui, sabia?

— SÉRIO?

— Sim. É...melhor do que lá em casa. Lá eu me sinto sozinho demais. Talvez seja porque eu praticamente moro sozinho, mas...

Ele suspirava. Lembrava do rosto quase inexistente do pai, que aparecia apenas em esporádicos momentos em casa. No entanto, não lembrava do rosto da mãe. Não lembrava de seu cabelo, dos seus olhos nem do seu sorriso.

— ...não é uma coisa que eu ligo muito. Já me acostumei a ficar por aí e me cuidar. O pai sempre diz que eu tenho que amadurecer rápido.

A bola caía no chão, e Matheus andava junto com ela nesse percurso. Sentava no colchão ao lado de Ian. Ambos contemplavam a chuva.

— É. A mãe também.

— Sua mãe... — Dizia Matheus, virando o rosto para Ian. — Como ela é?

Ian parecia curioso. A interrogação era visível em seu rosto.

— Desculpa perguntar, é que...eu queria saber como é...ter uma mãe.

— Então era isso...? Tu nunca me perguntou isso antes... — Dizia, após uma pausa. — Bem, eu acho ela uma mulher linda, mesmo que ela não ache isso. Ela é engraçada, carinhosa, mas também ela é...medrosa.

— Ela tem medo de quê?

— De que a gente seja descoberto. Tu sabe, maninho. A gente é de facção diferente. Eu...nunca nem pude ficar aqui contigo. Ela sempre se preocupa pois a nossa família é dessa facção, enquanto praticamente todo mundo aqui é da sua.

— Eu...não sou de facção nenhuma. Ainda não. O pai sempre me fala que eu vou ter que aprender muita coisa ainda pra ser que nem ele.

O pai era um membro respeitado e forte. Um verdadeiro símbolo das operações que ali ocorriam.

— A mãe nunca disse isso pra mim. Na verdade, ela sempre dizia coisa sobre escola e ir pra escola. Ela sempre me fala disso. Sinceramente, parece ser um lugar tão bom...

— Escola? Eu...já fui pra uma. Mas me tiraram muito cedo. Meu pai dizia que não valia a pena, e que o que me ensinavam lá não ia prestar pra nada, e que eu tinha que aprender com ele.

— Tu já foi? Eu...nunca fui. Quem me ensinou a maioria das coisas que eu sei foi a minha mãe. Quando ela era mais animada com a vida, quando ela tava disposta, e não paranoica do jeito que ela tá.

O menino era sobrecarregado com a responsabilidade de cuidar da mãe e dos seus estresses. Muitas vezes, ela não sabia no que descontar tanto estresse, então acabava falando coisas para o garoto que depois se arrependia, e se desculpava.

Ainda assim, ela nunca mudaria de verdade. Viver com duas pessoas completamente diferentes já fazia Ian ser uma pessoa desconfiada. Desconfiada com as inconsistências e alternâncias do mundo ao seu redor, e confusa com todas as mudanças corriqueiras em seu cotidiano. Todos os dias, lidava com uma pessoa diferente da anterior. Nenhuma delas, no entanto, viria para ficar. Nem seu pai, nem sua mãe, nem ninguém. O menino já era ciente disso desde muito pequeno.

— Já, mas...eu não lembro de nada. Talvez o que tenham me ensinado lá realmente é inútil.

— Ah...mesmo assim, eu tenho vontade de ir lá, sabia?

— Eu imagino. Tu vive falando disso. Eu já desisti de tentar faz muito tempo. Meu pai nunca deixaria, de qualquer jeito. Eu aprendi a pegar as coisas sem me verem antes de aprender muito do que eu sei hoje. Eu não duvido que, qualquer dia desses, ele vai me dar uma arma, que nem as que ele tem.

Os garotos começavam a dar leves gargalhadas. Do tipo mais puro e genuíno. Uma melodia prazerosa para qualquer ouvido, e um abafador para os trovões ferozes de uma tempestade.

— Uma arma? Tipo aquelas que vira e mexe eu vejo gente usando? Rapaz, deve ser legal demais!

— É. Deve ser legalzinho mesmo. Imagina só? Talvez quando eu souber atirar quem sabe o pai fique lá em casa por mais tempo, né? Aí ele vê como eu sou bom de verdade!

A risada genuína de Ian se tornava uma gargalhada de constrangimento. Vendo a situação, Matheus rapidamente arrancava o seu sorriso da boca.

— Desculpa. É só que, sei lá, às vezes, eu queria passar um tempinho com ele. Ele parece ser um cara tão legal...

Era visível o desconhecimento do filho acerca do seu próprio pai. Era visível o quanto Matheus não sabia sobre o seu ídolo, o seu modelo. Mesmo que partilhassem de algumas das refeições juntos, e de poucos momentos no dia-a-dia quando viam um ao outro. Matheus já era um menino crescido, afinal.

E que tipo de menino crescido iria tanto querer ficar com os pais? Matheus sabia se cuidar sozinho mais do que qualquer pessoa, então por quê ele insistia nisso? Talvez ele seja só uma criança alta, que ainda tem medo do escuro.

Ter medo, no entanto, era o maior sinal de fraqueza que Matheus conhecia. E ele não queria ser fraco. Ele nunca quis ser fraco.

Fraqueza só o traria rejeição. Era isso que seu pai dizia, pelo menos.

— Ai, que sono, viu? Acho que vou só me deitar aqui um pouco...

Matheus deitava no colchão e apoiava sua cabeça nos joelhos de Ian. Seus olhos tranquilos já estavam cansados, e queriam fechar logo.

— Matheus, tu vai dormir aqui mesmo? Tu não quer ir pra tua casa não?

— Mas eu já tô em casa. E mais, não vão nem perceber que eu não tô lá. O pai nem olha o meu quarto direito. Eu nem lembro a última vez que ele chegou em mim e me acordou. Ninguém vai perceber que eu fui embora.

Ian suspirava e apenas deixava os ruídos da chuva fazerem seu canto. O vento uivava, o trovão rugia, e as gotas caíam incessantemente no chão sujo de areia e outras sujeiras. Sujeiras nas quais aqueles pequenos cãezinhos viam valor, viam conforto, viam aconchego e acalento.

Após um tempo, Ian quase adormecia. Seus olhos quase sucumbiam para o sono e o cansaço que já tomavam conta do seu corpo. Seus olhos sonolentos e profundos como o oceano. O mar que esses olhos nunca viram.

Ciente disso, abria os olhos em um surto energético.

— Eu acho que já já vou ter que ir, sabia? Já tá ficando tarde, e a mãe fica preocupada com essas coi...

Ele virava para o seu joelho. Matheus nele dormia pacificamente.

Ian sorria, mas não queria interromper o que aparentava ser o bom sono do amigo. Cuidadosamente, colocou a cabeça dele no colchão, e ficou de pé.

Procurou um dos lençóis velhos que tinha, e embrulhou o amigo. Não queria que ele ficasse com frio em uma noite chuvosa como aquela. Sua gentileza e espírito protetor não o permitiriam.

— Boa noite, maninho.

Após um último olhar para o garoto adormecido, Ian partiu rumo ao seu lar. Ficava molhado, tinha frio e estava sonolento, mas era persistente. Persistiu até chegar na casa de sua mãe, na qual era agraciado pela mãe adormecida pacificamente no sofá ao lado.

Era um cenário um tanto raro.

— Ela já tá dormindo, e eu nem consegui dar boa noite... — Pensava, fechando a porta silenciosamente. — A TV tá ligada, mas ela nem tá assistindo...

Ele pegava o controle e desligava a televisão cuidadosamente. As vozes dessa grande caixa metálica eram finalmente silenciadas.

— Eu cheguei tão tarde assim pra mãe dormir no sofá...?

Ele não deveria ter deixado ela esperando por tanto tempo.

Logo, ele iria com silenciosos passos para a cozinha. A lâmpada estava acesa, com um pequeno e fraco brilho, mas visível pelo pequeno corredor. O garoto relativamente faminto passava a mão pela barriga, e lá chegava.

— Deixa eu ver o que tem...

Repentinamente, um papel solitário na mesa situada no meio da cozinha chamava a sua atenção.

— Hã? O que é...

Ele pegava o papel com suas mãos leves.

“Oi, filhote. Eu fiz um carreteiro e ainda tem um pouco sobrando pra tu na panela ali no fogão. Eu devia ter feito mais, mas o arroz não deu. Não comi muito, mas não se preocupa comigo. Eu não tava com fome.

Desculpa por não ter feito do tanto que tu ia gostar. Vou tentar ir comprar um arrozinho amanhã pra gente.

*E, por favor, não volta tarde, tá?
Beijos. Te amo.”*

— Tudo bem, mãe. Não se preocupa comigo...te amo também. — Sussurrou, colocando a carta no bolso de seus shorts. — Agora, na panela...

Ele foi até o fogão e via uma única e pequena panela metálica. Abria ela, e via mais da metade da panela com a refeição.

— Ela não comeu muito... — Pensava, pegando um prato de alumínio próximo. — ...vou comer e deixar um pouco pra ela.

Ela merecia mais do que ele. A mulher que tentava trabalhar duro para tentar mudar de vida, e mudar a vida do filho. A mulher que, se desse um passo errado, diria adeus para o seu sonho distante pelo qual sempre lutou.

A mulher cujo marido deu esse passo errado, que não estaria mais ali para vê-la. A mulher que tinha medo de dar qualquer passo.

Após comer, Ian lavou o seu prato, guardou a panela na geladeira próxima e apagou a pequena luz da cozinha. Foi até o quarto em frente da cozinha, e estava em frente da cama de casal que ocupava o centro do cômodo.

Batia nas colchas com um travesseiro, e logo deitou. Ligou o pequeno e velho ventilador que já fazia um ruído muito familiar. Não demorou muito para cair no sono.

Após algumas horas, uma voz feminina se aproximava.

— Ian, acorda!

O garoto virava para o lado após um grunhido.

— Vamo, Ian! Levanta! Já tá de manhã!

— Ai, mãe... — Dizia, com uma voz cansada e arrastada. — ...tá, tá bom. Já acordei...

Ian coçava os cantos de seus olhos com os dedos, e sentava na beirada da cama, contemplando o nada.

Os olhos que ainda acordavam não viam nada. Apenas um canto onde parede e chão se encontravam. Não havia nada ali de especial, e, mesmo assim, ele ainda admirava o pequeno local com seus olhos.

Uma virtude um tanto venerável — ver beleza naquilo que outros não veriam. Ver beleza na simplicidade.

— É melhor eu ir tomar banho...

O garoto levantava, e andava no corredor até o banheiro no final dele com passos lentos.

De grão em grão, a galinha enche o papo.

Após uma jornada um pouco mais longa que o normal, Ian chegava ao banheiro. Lá, tomava banho, e escovava seus dentes. Trocava sua roupa do dia anterior com outra.

Um simples short de poliéster e uma regata branca.

— O café tá pronto!

Ecoava a voz da mãe na casa. O garoto havia sido chamado. Ele, já acordado, andava até a cozinha e sentava na cadeira próxima. A mulher abraçava Ian, e dava um pequeno beijo na cabeça dele.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia, Ian.

Ela se sentava.

Ian sentia que hoje seria um bom dia. Ela aparentava estar estável. Ela aparentava ser alguém que ele conhecia.

— Ian, que horas tu voltou ontem?

— Eu...não sei. Acho que umas nove horas.

— Eu já te falei, Ian. Não volta tarde assim. A mãe fica preocupada.

— Desculpa, mãe. É que...tinha começado a chover, aí eu demorei um pouco.

— Entendi. Leva o guarda-chuva da próxima.

— Ei mãe, a senhora comeu ontem?

Uma pergunta inusitada, um tanto inapropriada para a situação. Ainda sim, a mulher, hesitante, respondia.

— Sim, por quê?

— Eu cheguei ontem, e parece que a senhora não comeu muito daquela panela de arroz que a senhora deixou. Parece que a senhora comeu quase nada, na verdade.

Os olhos da mulher arregalaram por um instante.

— Deixa de ser besta, Ian. Eu te disse na cartinha que eu não tava com fome, então não comi muito! Simples! Não precisa se preocupar comigo.

Era perceptível a insegurança na voz da mulher, que terminava o seu último gole de café. Ian, conhecendo a figura como ninguém, sabia disso mais do que tudo. Não era muito raro que ela deixasse de comer para alimentar o filho. No entanto, ficaria calado.

— Ian, tu pode ir ali e fazer um favor pra mim depois que tu terminar de comer? — Perguntava, tirando um dinheiro do bolso dos shorts que vestia. — Acho que uns 30 reais dá. Compra ali um pacote de arroz.

O garoto pegava o dinheiro, terminava de comer o seu sanduíche e andava até uma mercearia próxima com o dinheiro no bolso. Rendia alguns olhares, mas ele seguia seu percurso sem dar muita atenção.

Após a compra, ele voltava para casa, entrava e deixava o pacote de arroz e o troco na mesa da cozinha. Escutava os barulhos de seu chuveiro através da parede, e sabia que a mãe estava tomando banho.

— Manhê! Eu vou ali brincar, tá? Comprei o arroz e tá na mesa junto com o troco!

— Tá! Brigada! E toma cuidado, viu?

O menino saía de casa rumo ao lugar tão familiar. O pequeno esconderijo de colchões e panos velhos, mas sempre novas conversas, risadas e imaginações.

Após uma caminhada, ele finalmente chegava ao seu destino.

— Matheus? Matheeeeeus!

No entanto, ninguém respondia. O parceiro não comparecia à reunião matutina de dois cães. A luz ainda estava acesa, mas não havia ninguém em casa.

— Estranho. Será que ele tá na casa dele? Pior que eu nem sei onde que é...

O menino sentava e via a bola no mesmo lugar que havia deixado ontem. Intocada.

Ele então sentava no colchão mais próximo, e ficava jogando a bola na parede. Jogava, batia e jogava novamente. Um padrão repetitivo de tédio que cessaria pouco após o início.

— Ian? Tá aí já? Chegou cedo hoje, né?

Ian virava com a bola em mãos.

— E aí, maninho! Foi em casa?

O garoto com estatura pouco maior agora era visível. Somente sua voz não denotava mais a sua presença.

— Fui. Nem lembrei que tinha dormido aqui, sabia? Só soube quando eu acordei.

Matheus sentava com o que parecia ser uma pequena vasilha plástica ao lado do amigo.

— Adivinha o que eu tenho aqui?

Ele a abria para revelar alguns pães com um molho dentro. Salsicha, carne e outros temperos. Um verdadeiro banquete.

— Mentira! Cachorro quente! — Dizia, pegando um pão. — Pior que eu já comi antes de vir...

— Fica tranquilo! A gente deixa aqui guardado!

Uma refeição um tanto fácil de preparar. Principalmente para uma criança solitária e autodidata.

Os garotos comiam a sua comida e compartilhavam risadas abaixo do céu ensolarado. Abaixo das telhas de metal, entre as paredes de tijolo e cimento, e acima dos colchões rasgados. Entre o vasto céu e a terra.

Conversavam sobre a vida, sobre amizade, sobre os “outros” amigos, sobre a família, sobre tudo. Era uma relação tão repleta de confiança que ambos sabiam cada detalhe da vida de si mesmos. Na hora que era para ser um almoço de arroz e feijão, comiam os cachorros-quentes de manhã. Um prazer simples mas revigorante.

Mesmo assim, Ian nunca soube como era o lar de Matheus. Como era o seu ninho.

Já era quase o pôr-do-sol quando chegaram nessa conversa.

— Tu...nunca foi lá em casa? Cara, eu podia te levar lá. Tipo agora.

— Sério?

— É. Lá tem uma laje em cima bem grande. Vamo?

Ambos se levantavam.

— Tá. Vamo, então...

Eles andavam sorrateiramente, tentando evitar ser vistos. Matheus não tinha medo. Sabia como atravessar os atalhos e caminhos dali como ninguém. O amigo, por outro lado, apenas o seguia, sem perguntas nem dúvidas. Apenas um pouco de aflição.

Ao chegarem, Matheus abria a porta de casa e revelava um cenário um tanto familiar para ele. Uma casa cheia de móveis, mas, ainda assim, vazia.

— Ótimo. Ele não tá aqui. Como sempre. Vem, Ian!

Ian entrava, admirando os seus arredores. Não tinha tempo de falar nada, mas era visível que estava impressionado com o que já não seria tanto para Matheus. Seria apenas o de cada dia.

— Vem aqui, Ian! — Dizia, andando em direção a uma escada atrás da cozinha. — É aqui! Por aqui! Vem comigo! Tu olha isso aí depois!

Ian e Matheus corriam um pouco, mas chegavam logo na laje.

— É grande mesmo!

— É. Não tem muita coisa aqui.

Apenas uma mesa de plástico, algumas cadeiras e uma churrasqueira apagada. Sem qualquer carvão ou carne. Sem nenhuma fumaça. Apenas a paisagem clara e limpa dali de cima.

Eles chegaram bem na hora.

— Olha, Matheus! — Exclamava Ian, se apoiando nos pequenos muros da laje, apontando para tudo o que via e mencionava. — Ali é o campinho, ali é o mercado, ali é a minha casa, e ali...

Ian apontava para o magnífico sol poente.

— ...é o sol. É o céu. Ele tá lindo hoje...

Matheus se aproximava e segurava o muro com suas duas mãos.

— É...eu não sabia que o céu era tão lindo. Eu nunca parei pra ver ele. Tu tava certo, afinal. O céu é lindo. Mais lindo do que eu só imaginava quando tu falava dele.

— Eu amava ver o céu assim com o pai de vez em quando.

— Eu queria que o meu tivesse me mostrado o céu. Pelo menos uma vez.

Silêncio dominava o lugar. Até o sol completamente desaparecer em meio ao horizonte, ao infinito. Às árvores e prédios distantes, e às colinas e morros ao lado.

Uma vista deslumbrante como nenhuma outra. Os olhos dos garotos brilhavam como nunca. Matheus finalmente viu o que existia além das casas empilhadas, além dos prédios distantes, além das árvores, além do que o pai dizia.

Não era um indivíduo de muitos sonhos ou ambições. Mesmo assim, essa sensação estrangeira de realização era sentida por ele.

Ele conhecia o desconhecido.

uma arma em mãos

ATO 2

**— Ela pode ser o brinquedo favorito de
uma criança ignorante, e o melhor presente
para um aniversariante.**



Uma brincadeira de mau gosto.

— Matheus, tu sabe o que é aquilo?

Ian apontava o dedo da mão direita para depois da favela. Para o caminho que não havia sido revelado ainda.

— Não. Eu nunca nem soube que tinha alguma coisa além daqui.

— Eu também não. Minha laje é bem mais baixa, eu não consigo nem ver fora daqui. Eu imagino como é que é por lá...

— Tu tem vontade de ir lá?

— Um pouco, sinceramente. A mãe faz de tudo pra gente ir pra lá.

— Então tu quer sair daqui?

— Eu...não sei. Eu tenho vontade de ir pra escola que ela fala que existe lá fora. Eu tenho vontade de ir ver o mundo lá fora, e tudo isso aqui que a gente consegue só ver daqui do alto. Mas eu não tenho vontade de te deixar aqui, sozinho. Tu foi meu primeiro amigo aqui, e meu único amigo até hoje. Eu não teria coragem de te deixar aqui. — Dizia, virando o rosto para Matheus. — E tu? Tu tem vontade de sair daqui?

Matheus suspirava.

— Não. Foi aqui que eu cresci, foi aqui que eu fui criado, foi aqui que eu conheci as melhores pessoas da minha vida, e é aqui que eu vivo. Eu não quero deixar esse lugar que eu amo tanto. Eu não quero deixar as pessoas que eu gosto. Eu ia me sentir um traíra. Aqui é o meu mundo inteiro. Eu nasci aqui, vou crescer aqui, e morrer aqui. E eu queria fazer isso tudo contigo do meu lado mais do que qualquer coisa.

Matheus não queria viver no “outro” mundo. Ele queria viver apenas no seu. No seu lar, com seus amigos, com as mesmas estradas e os mesmos olhares.

— Eu espero que a gente consiga fazer isso tudo.

— Eu também.

O sol se pôs, mas a ventania que soprava as camisas e os cabelos dos garotos ainda persistia.

— Vem. É melhor a gente descer agora, Ian.

Ambos os garotos desciam as escadas e saíam de casa.

Ao descerem, faces familiares para Matheus se aproximavam.

— O que é que tu tá fazendo aí com esse tampinha aí, Matheus?

— Nada, Heitor. Não é da tua conta.

As mesmas faces que julgavam Ian no dia anterior. Os mesmos olhos. As mesmas guilhotinas.

— Bora, rapaz! Eu quero saber! Tu nunca mais contou nada pra gente! Só vem de vez em quando pra jogar uma bola ou brincar de alguma coisa! Quase toda hora tu tá com esse menino aí!

— Eu fui levar ele só pra ver ali em casa. Não foi por muito tempo. Se vocês quiserem brincar de alguma coisa, eu brinco, mas só se o Ian brincar também.

— Matheus, o Ian tá só falando besteira pra ti. Tu vai mesmo acreditar nas besteiras que ele deve falar pra ti? Esse moleque aí é da outra facção, e tu ainda insiste em ficar brincando com ele? Parece até que tu esqueceu da gente.

— Eu...

— Eu o quê, hein? Já vai dar outra desculpa? Esse menino aí é perigoso, não é pessoa que preste. O pai dele já morreu por mexer com a gente, e, se ele mexer, tu vai junto com ele, viu?

— Para de falar assim do Ian! Nunca que isso é verdade! Só porque ele é de outra facção não quer dizer que ele é uma pessoa ruim!

— Tá, Matheus, tá. Vai falando aí. Todo mundo sabe que ele não presta. Ele tá só te levando pro mau caminho. Agora, bora jogar logo!

— Eu só jogo se o Ian for.

Ian cortava o amigo.

— Não, Matheus! Não precisa! Eu...só vou pra casa! Pode ficar aí!

— Não digo eu! Tu vai ficar aqui, sim! Eles que não vão falar nada contigo!

— Matheus, Matheus. Escuta o teu amiguinho, que pelo menos um tico de senso ele tem. Ou tu joga, ou tu não joga.

— Se for pra vocês ficarem assim com o Ian, eu nem jogo. Vamo, Ian.

Matheus pegava no pulso de Ian com firmeza e andava até o pequeno pedacinho de mundo.

— Vai lá então! Vai lá no teu cantinho, e fica lá logo! Não quero mais olhar pra tua cara, Matheus! Não enquanto tu tiver andando com essezinho aí!

Matheus não ligava mais, mas Ian ainda olhava para trás.

Logo, eles chegavam, e Matheus se jogava no colchão.

— Matheus, por quê tu não ficou com eles? Desculpa se for por causa de mim, eu posso só...

— Não, Ian. Tu não tem culpa de nada. Eles que são uns chatos. Eu não vou te deixar na mão assim. Se for pra brincar, ou ninguém brinca, ou todo mundo brinca.

Ian se sentava ao lado de Matheus, e ele o fazia uma pergunta.

— Matheus, teu aniversário é amanhã, não é?

Uma informação já esquecida, novamente lembrada. Um tesouro escondido, escavado depois de tanto tempo.

— SIM! Meu Deus, verdade! Meu aniversário é amanhã!

— Tu...vai fazer alguma coisa? Alguma festa, ou...

— Pior que eu não sei, sabia? O que eu mais queria era que o pai me acordasse e me desse um bolinho, ou alguma coisa, mas eu não sei. Acho difícil ele lembrar também. Ele tá tão ocupado que nem deve lembrar mais do meu aniversário, nem do dele...

Matheus não lembrava da última vez que recebeu um parabéns do pai, muito menos da última vez que o cantou para ele.

— Entendi...

— Bem, mas isso nem interessa. Tô nem ligando muito. Só quero que seja um dia legal, e sem estresse algum.

— É...de qualquer jeito, vamo jogar alguma coisa?

Os dois então pegavam alguns brinquedos que tinham espalhados. Dominó, adedonha, UNO, muito mais do que alguém poderia pensar. Uma brinquedoteca magnífica em um ambiente inconvençional. Um lindo coro de risadas e felicidade.

O tempo voava naquele pequeno quarto. Naquele dia não houve exceção.

Voava até o infinito, até o fim do arco-íris, até o fim do riacho, até o fim do horizonte. Era uma bela ave com belas asas.

Ela voou, e Matheus bocejava.

— É...eu já cansei.

— E eu. Eu acho que vou pra casa.

— Eu também.

Matheus escondia ansiedade em uma voz cansada.

— Então, vamo pra casa? Já tá ficando tarde.

— Beleza. Boa noite pra ti, viu!

— Boa noite!

Matheus e Ian, apesar de estarem no mesmo lugar, foram para lados opostos. Sempre foi assim, e sempre será.

Ao chegar em casa, Ian andaria direto para a sua mãe, que estaria na cozinha.

— Chegou cedo dessa vez, ainda bem! Passou o dia todo fora. Almoçou, pelo menos?

— Sim! O Matheus levou cachorro-quente!

Ela sorria com alívio.

— Graças a Deus.

— Falando nele, mãe, tem como eu lhe pedir uma coisinha só?

Ela virava para o garoto que se sentava na cadeira da cozinha.

— O quê?

— Amanhã é aniversário dele, né? Eu tava pensando em...

Um cochicho curto. Um pequeno segredo, com palavras de afeto.

— Ah, tudo bem! Dá tempo sim!

— Eba! Ele vai ficar tão feliz!

— Ele merece. É um ótimo menino, pelo que tu me diz. Quer me ajudar?

Ian levantava.

— É claro!

Juntos, mãe e filho faziam uma pequena surpresa para Matheus. Não demorou muito para que estivesse pronta.

— Olha só! Eu acho que ele vai amar. Tu acha, Ian?

— Eu tenho é certeza!

Os dois riam, e colocavam o objeto na geladeira, fechando-a logo em seguida. Beleza em pura simplicidade.

Não era muito grande, mas a intenção era maior que o mundo, e apenas isso importa.

— Ufa! Eu tô cansado. E a senhora?

— É...um pouco. Eu vou assistir a novela um pouquinho, viu? Se quiser ir dormir, pode ir já. Eu já espanei a cama.

— Eu vou dormir agora. Hoje foi cansativo.

— Então vai lá, Ianzito. Boa noite.

Ela abraçava e beijava o filho, em um gesto carinhoso.

— Boa noite, mãe.

Ele deitava, e dormia. Já sonhando com o dia seguinte. Os travesseiros abraçavam a sua cabeça, que viajava até todos os lugares do universo dentro daquele pequeno quarto.

O mesmo pássaro de antes voava novamente.

— Bora, Ian, levanta!

Uma voz estressada o acordava.

— Bora, bora, bora! Tô sem paciência! Vai lá fazer alguma coisa, vai!

Ele não conhecia aquela pessoa, mesmo que já a conhecesse muito bem.

— Sim, mãe. Tô indo...

O garoto sonolento levantava e tomava banho. Escovava os dentes, e pulava para a cozinha. Não havia atrasos, apenas reclamações de uma voz estressada e familiar.

— Bora, menino! Tá demorando demais!

— Calma, mãe! Tá terminando!

O cuscuz estava pronto. O café já estava nas canecas, e o pedaço de queijo coalho já estava assado e cortado. Um pequeno banquete para uma pequena família, e uma pequena mesa.

— Pronto!

A mulher estressada andava até a cozinha e jogava seu corpo na cadeira. O pedaço de cuscuz era colocado em seu prato, juntamente com alguns pedaços de queijo, e o procedimento era repetido no prato vazio à frente.

— Graças a deus tu acertou o ponto dessa ve-

Tomando seu café, ela era interrompida pelo amargor dele. Uma sensação inesperada, não condizente com seu gosto pessoal.

— TÁ AMARGO! EITA NEGÓCIO AMARGO! TU NÃO ADOÇOU NADA NÃO?!

Ian era surpreendido com o grito repentino. Seus ouvidos eram perfurados, e sua cabeça estava a ponto de doer.

— D-desculpa, mãe! Eu esqueci de adoçar... — Gaguejava, levantando da cadeira em direção ao pacote de açúcar. — Eu vou adoçar!

Ele colocava, com mãos trêmulas, um pouco de açúcar na xícara da mãe.

— Agora sim, tu fez uma coisa que preste. Eu ein...

O pouco, mas perfeito. A quantidade perfeita.

O garoto terminava de comer, e fazia uma pergunta incompleta para a mãe raivosa.

— Mãe, eu posso-

— Vai lá, vai. E vai logo. Zero paciência pra olhar pra tua cara.

O garoto pegava a surpresa na geladeira e saía de casa. O mesmo percurso de sempre.

Matheus não estava, novamente.

— Ai, que bom que ele não tá aqui! Agora é só pegar e... — Pensava, sentando no colchão com o bolo em mãos. — ...esperar.

Não esperou por muito tempo.

Matheus chegava em um movimento quase saltitante.

— Eita, que quando o Ian ver isso, ele vai-

— SURPRESA!

Ian tinha um pequeno bolo de chocolate em suas pernas. Não havia nenhuma vela, nenhum confeito, nem nada, mas a intenção compensava tudo. A pureza dela.

— Tu trouxe...um bolo?

A surpresa na voz de Matheus era óbvia. Não era como as emoções que ele muito escondia.

— É! Eu e a mãe fizemos!

— Pra mim? É...

Matheus ajoelhava em frente ao bolo, e deixava no chão um objeto metálico. Com suas mãos trêmulas, pegava o doce com uma firmeza contrastante.

— Eu...nem sei como agradecer. Brigadão, amigo, de verdade...

Matheus colocava de lado o bolo, e abraçava o amigo. Uma demonstração genuína de carinho, após tantas vezes mentir sobre o que sentia. Ali não era um espaço onde normalmente mentiras fluíam.

Era um espaço de mais pura verdade, amizade e fraternidade, independentemente do que ocorresse fora dali.

— Ahhh...não foi nada.

— Vamo comer esse bolinho então. — Dizia, com um tom de felicidade extrema na voz e um pedaço de bolo nas mãos, que havia tirado com elas. — Foi tua mãe que fez?

— Sim! — Respondia Ian, com outro pedaço na mão. — Eu e ela, na verdade.

— Tá muito bom! Diz pra ela que tá show!

Ian lembrava da fúria da mãe de manhã cedo, e deu uma risada constrangida, mas Matheus não dava muita atenção. Apenas continuavam comendo.

Após algumas mordidas, Ian, com alguns farelos na boca, apontava para o objeto que Matheus havia trazido.

— Aquilo é...

— Ah! Isso aqui? — Perguntava Matheus, virando para o lado e pegando o dito cujo. — Sim! É uma arma! Meu pai me deu um presente de aniversário, e foi uma arma! Ele também deixou uma cartinha. Tá aqui no meu bolso, eu nem li ainda.

— SÉRIO! MEU DEUS, QUE LEGAL!

— Deixa eu ler aqui...

Matheus desdobrava a carta do bolso.

“Matheus, pro teu aniversário de 12 anos, toma aqui essa arma. Tu já tá se tornando um homem, e tu vai precisar disso aqui pra ser que nem eu.

Parabéns pra ti, Matheus.”

Um curto silêncio tomou conta do espaço.

— Pelo menos ele sabe quantos anos eu tô fazendo. Já é um avanço.

Não havia um “eu te amo” nem nada na carta, aparentemente escrita com pressa. Matheus já estava acostumado com isso. Ele já se acostumou faz muito tempo.

Mesmo assim, algo nele ainda queria escutar essa frase do pai. Algo nele queria escutar um “estou orgulhoso de você”, ou qualquer coisa que expressasse orgulho e afeto por parte da figura paterna. Algo que ele tentava reprimir com todas as suas forças.

Esse dia nunca chegaria, no entanto. Por hora, tinha de se contentar com esse presente um tanto inusitado para alguém que acabou de completar 12 anos.

Os meninos começaram a mexer com a arma, e ver todos os seus mínimos detalhes. Os mínimos detalhes desse brinquedo metálico.

O brinquedo que Matheus e Ian sonhavam em ter, e o brinquedo que residia no pesadelo de muitos outros. Um sinal de agressão, autodefesa, força, status, e contra-ataque.

Ninguém teria coragem de mexer com eles agora. Em suas mentes, eram imbatíveis. Alguma pessoa vinha e perturbava eles? Só puxar o gatilho, e o estresse iria embora.

Para eles, essa era a verdadeira definição de paz.

Após mexerem com a arma por um tempo, Matheus levantava e pegava a bola do chão.

— Vamo brincar um pouco no campinho, Ian? Eu acho que os meninos não vão pra lá pra te perturbar. Não essa hora.

Ian levantava, com a pistola no bolso de seu short.

— Vamo lá!

Ambos andavam debaixo do sol abafado pelas nuvens. Em pouco tempo, chegavam no campinho.

Vazio. Apenas Ian e Matheus naquele lugar desolado. Completa paz e tranquilidade, interrompida apenas pelos uivos esporádicos do vento.

Jogavam a bola um para o outro com tremenda habilidade. Habilidade nata, e já datada de anos, apenas aperfeiçoada ao longo do tempo.

Mesmo assim, Matheus era apenas melhor do que o amigo. Tinha mais habilidade, mais força, mais atenção, mais tudo.

Isso não era sinal de que Matheus não poderia jogar com Ian, como muitos pensam. Na verdade, Ian era ansioso para jogar contra Matheus, pois aperfeiçoava suas habilidades a cada dia que passava. Perdia, mas Matheus não o ridicularizava. Ao invés disso, Matheus segurava as mãos de Ian, e incentivava ele a tentar novamente.

Ian estava cada dia melhor, e Matheus tinha orgulho de ver o crescimento do amigo. A derrota, para alguém que ainda está aprendendo, ensina mais que a vitória, afinal.

Levou um tempo considerável para que a calmaria do campinho fosse perturbada. Algumas horas após o almoço, para mais exatidão.

— Ahhhh, olha quem tá aqui! Se não é o Matheus e...o cachorrinho dele? Eu já não falei que não queria ver a cara de vocês aqui?! Xispa!

Matheus revirava seus olhos e ia até os garotos que se aproximavam do campinho. Tinham uma bola nos braços, assim como ele.

— Eu não vou sair daqui. Só saio se o Ian jogar pelo menos uma partidinha com a gente.

Ian se aproximava, mas estava um pouco encolhido. Era visível o medo em sua postura.

— E tu, meninozinho, tua mãe, ou melhor, o teu pai não te ensinou nada sobre respeito não? Ah é! O teu pai...

Ian se entristecia rapidamente e ficava cabisbaixo. Crueldade não é reservada apenas para os adultos, infelizmente. Uma criança guiada pelas pessoas erradas pode se tornar mais cruel e fria do que muitos que são mais velhos.

— Cala a boca, Heitor! Deixa o Ian em paz!

— E o que tu vai fazer, hein?

Heitor empurrou Matheus no chão, arranhando seu corpo. Matheus era resistente, e tolerava a dor como muitos não o fariam.

— MATHEUS!

Em um momento raro onde Ian levantava o tom, seu rosto era de surpresa, e logo depois de raiva. Ele colocava a mão no bolso, e se aproximava de Heitor e dos três meninos que estavam perto dele.

— Olha só! Ele tem uma arma! O que será que ele vai fazer com ela, hein? Aposto que tu nem sabe usar ela, tampinha!

— CALA...A... — Gritava, apontando a arma para Heitor. — ...BOCA!

Ele puxou o gatilho. Um tiro certo. Bem no abdômen.

Ao contrário do que muitos pensavam, ele soube atirar. Ele soube usar esse brinquedo um tanto complicado.

parabéns pra você

— Todos estavam celebrando, mas ninguém
cantou parabéns. Ninguém o desejou felicidade.



ATO 3

Ele nunca teve más intenções.

Heitor tentava formular uma frase, mas sempre sucumbia à agonia e à dor. Ele caía nos braços de seus amigos, que o levavam de volta de onde vieram.

— Não! NÃO! Desculpa, Heitor! Eu não queria...

Ian estava desesperado. Com a arma em mãos, correu, juntamente com suas lágrimas.

Aquele brinquedo deixava de ser divertido. Passava a ser destrutivo. Características apenas aproximadas pela quarta letra do alfabeto, ao mesmo tempo tão opostas.

Matheus levantava com um pouco de dificuldade, e rapidamente corria atrás de Ian, deixando a bola que segurava no chão.

— IAN!

Ian entrava então no pequeno esconderijo, e Matheus o acompanhava.

Encontrava Ian abraçando os joelhos, chorando silenciosamente. A arma estava sentada ao seu lado, mas não era uma figura de consolo ou conforto. Pelo contrário, era uma figura que lembrava o garoto choroso do que havia feito — do que não poderia desfazer.

— Ian...

Matheus pegava a arma e a afastava, dando lugar para ele mesmo sentar ao lado do amigo.

— Eu juro, Matheus! Eu não queria fazer nada! Eu só...não sei! Veio uma coisa dentro de mim e...e...

Ian sentia uma dor em sua garganta. Um nó que nunca desataria.

— Ian, o que tu fez ali...não foi muito legal. Talvez, eu nunca nem tivesse merecido ganhar essa arma. A gente nunca soube como mexer nela, e agora...

Talvez o objeto fosse só mais uma das tralhas que o pai de Matheus achava por aí e dava para ele.

— Não, Matheus! Fui eu quem peguei essa arma e atirei! Fui eu que...fiz aquele buraco vermelho e...fundo na barriga do Heitor! É por minha causa que ele tá sangrando agora! Eu nunca devia nem ter pego nesse negócio!

Um simples brinquedo, assim como pode gerar uma birra entre duas pessoas que o querem, pode também corromper as mãos daquele que o segura.

— Calma, Ian. Eu sei que vai dar tudo certo, eu...

Matheus não tinha palavras para sequer tentar aconselhar o amigo. Por um lado, nunca foi um bom conselheiro, e nunca foi bom com palavras de conforto. No outro, queria proteger Ian mais do que tudo.

Ele não conseguiu nenhuma dessas duas coisas.

Ele apenas abraçava o amigo, e os dois não falavam nada por um bom tempo. Um silêncio ensurdecedor.

Logo, começava um chuveiro. Já era antecedido pela chuva que corria dos olhos nas bochechas de Ian.

— Eu...devia ir agora, Matheus. Tá ficando tarde, e...

— Vai, Ian. Tua mãe vai se preocupar se tu demorar mais. Eu fico aqui por um tempinho. Não se preocupa.

Ian saía correndo e chorando até a sua casa, enquanto Matheus ficava ali, pensando.

— Eu...nunca imaginava que ele faria isso. E agora, o que vai acontecer com ele...e amanhã ainda é...

Um susto tomou conta de Matheus.

— ...ANIVERSÁRIO DELE! EU QUASE ESQUECI! Tenho que arranjar um presente pra ele!

Com a arma na mão, Matheus levantava e corria até sua casa. Ao chegar, não havia ninguém. Uma oportunidade perfeita.

— Ótimo! Agora, o que eu vou dar pra ele...

Acendendo a luz e fechando a porta, Matheus olhava para todos os cantos e não achava muita coisa. Não queria dar os brinquedos usados no seu quarto, nem os docinhos que havia comprado com um trocado que achou embaixo da cama. Sabia que Ian não iria gostar tanto deles.

Logo, olhava para a geladeira, e teve uma ideia.

Cachorros-quentes. Ainda sobrava um pouco de molho do dia anterior. Ele logo começou a cortar pães e colocar o molho dentro deles, para então empacotá-los com plástico e colocá-los em uma pequena caixinha agora destampada de plástico.

Não era muito. Não podia oferecer muito. Mesmo assim, sabia que arrancaria um sorriso de Ian ao presenteá-lo com sua comida favorita.

— Agora, é só colocar na geladeira, e esperar até amanhã. — Pensava, guardando a pequena caixa na geladeira.

Ele então passava a assistir um pouco da televisão que tinha na sala. Pegou um ventilador, e o colocou encarando o menino. Logo, ele caía em um sono, do qual só acordaria no próximo dia com um som um tanto familiar.

Um som que ele não havia escutado há muito tempo.

— Bom dia, Matheus. Vamo acordar?

Matheus abria levemente seus olhos e via uma figura conhecida — Seu pai.

— Pai?! Bom dia...o que o senhor tá fazendo aqui?

— Ué, aqui é minha casa, né não? O que mais eu taria fazendo aqui? — Perguntava, rindo.

— É que...eu nunca...

— Me vê aqui? É. Talvez seja porque tu acorda às nove horas. Tu acorda tarde, e fica dizendo isso. Enquanto eu trabalho dia e noite pra te sustentar, e sustentar essa casa. Pra sustentar todo esse lugar.

Matheus deixava de deitar e passava a sentar no sofá enquanto a figura raramente vista por ele andava até a mesa da cozinha.

— Matheus, sobre ontem às cinco da tarde, tu tem algo a me dizer?

Matheus engolia a seco. Como ele teria descoberto?

Facilmente. Um homem tão influente quanto ele tem suas conexões em todos os lugares, todas as horas do dia.

Matheus tentava negar o inegável, mas sua voz trêmula e gaguejante o denunciavam antes mesmo que o próprio pudesse falar a verdade.

— N-nada, pai.

— Agora a verdade, Matheus. Eu não te criei pra ser um mentiroso.

Matheus estava derrotado. Tinha de entregar o melhor amigo, mesmo que não quisesse.

— Eu tava brincando com um amigo, eu...

— Ian? O filho do...

— Sim. Dele mesmo.

— Continue.

Essa era a conversa mais longa que eles dois tiveram.

— Aí o Heitor alguns amigos dele chegaram, e começaram a me confrontar. Me empurraram no chão e...

— Tu caiu, né?

— Sim...

Era visível a desaprovação no rosto do pai.

— Depois a gente conversa sobre isso. Então...?

— O Ian tentou me defender. Ele tava com a arma no bolso, e, sem querer, atirou no Heitor. Os amigos dele levaram ele, mas aí...

— Sem querer? Ou será que ele já tava com raiva deles, e quis logo dar o troco? Se quis, ele conseguiu. O Heitor morreu, Matheus. Uma pena que seu amiguinho é...diferente. Eu vi potencial nele, assim como vejo em ti.

Matheus estava em choque absoluto. Mesmo que não gostasse muito dele, ambos já foram amigos. Em um tempo já distante. Ele ainda lembra dos bons momentos dos quais partilhou com Heitor, e sentia um pouco de tristeza. Não conseguia se concentrar no que achava que era um elogio do pai. Uma relíquia rara, sem sombra de dúvidas.

— O Ian...matou ele?

— É. Eu imagino que dessa parte tu não saiba, mas ele sangrou até morrer. Ele não conseguiu ajuda a tempo. — Anunciava, sentando ao lado de Matheus. — Isso é uma coisa imperdoável, sabia, Matheus? Mas, a gente sempre tem que ter uma maneira de revidar.

— ...revidar?

— Sim. Levanta. — Dizia o homem, levantando e indo até a porta. — Eu vou te ensinar a “revidar”. Assim como, daqui em diante, eu vou te ensinar muita coisa.

Preocupado, Matheus logo levantou.

— Pra onde a gente vai?

— Pra casa do teu amiguinho. É aniversário dele, né? Eu lembro de tu dizendo isso enquanto dormia. Tu pelo menos preparou um presente pra ele?

Matheus era um pouco sonâmbulo.

— Sim, pai. Eu fiz a comida favorita dele. — Dizia, indo para a geladeira e pegando a caixa de cachorros-quentes que havia guardado no dia anterior. — Eu...não sei onde é a casa dele, na verdade.

— Não se preocupa com isso. Eu sei onde a mãe dele mora, e onde o pai dele morava.

A caixinha de plástico estava um pouco mais pesada do que o normal.

Ao fechar a porta, Matheus andava seguindo o pai. Passava pelas estradinhas pelas quais Matheus e Ian por muito tempo correram, ao lado do campinho no qual brincavam, ao lado do corredor estreito que dava até o esconderijo...

...e ao lado da casa de Ian. A porta estava aberta.

— É aqui. Vamo entrar.

Matheus entrava logo após o pai no ambiente desconhecido, ao mesmo tempo familiar.

— Matheus! Oi...

— Ian, tu tá...

Ian estava aflito. Com medo, assim como a mãe ao lado dele. Estavam cercados por dois dos capangas do pai, e tremiam levemente. Tentavam manter a calma, mas não era possível.

Não é possível que um peixe deixe de nadar. Não é possível que medo deixe de ser inerente ao ser humano. É apenas natural, biológico. Mesmo que tentemos negar.

— E tu trouxe...cachorro-quente? Brigado! Eu amei esse presente!

Uma voz imponente cortava o ar como uma lâmina afiada.

— Ian, meu filho fez esses cachorros-quentes. Vem comer um. Essa caixa todinha foi feita pra ti.

Ian se aproximava com um pouco de hesitação.

— Obrigado, Matheus. De verdade. Eu... — Dizia, enquanto pegava um dos cachorros-quentes e via um objeto metálico embaixo deles. — ...hã?

A dupla olhava para a pequena caixa azul com surpresa. Havia outro presente para o pequeno Ian além da deliciosa comida.

— Pai, o que...é isso?

— O quê? Eu achei que ele iria querer isso mais do que ninguém.

Matheus tirava a arma e a segurava, em choque.

Ian olhava fixamente para o objeto, não dando nem uma mordida na comida que segurava.

— Vambora, Ian. Dá só uma mordidinha. Meu filho fez isso aqui com tanto carinho, e tu vai só ficar assim?

O menino trêmulo que morava naquela casa comia do aperitivo. O mesmo gosto que ele sempre amou. A mesma carne, a mesma salsicha, o mesmo pão, o mesmo molho. Algumas coisas nunca mudam.

— Você gosta mesmo disso, né? Vamos ver se você vai gostar do outro presente que eu separei pra ti. Poderia por favor deixar o cachorro-quente na mesinha aí, por favor?

Ian seguia as ordens com rapidez.

— Ian, pegue essa arma e atire nela. — Ordenava, apontando para a mulher aflita que estava mais distante. — Do mesmo jeito que você fez ontem.

— IAN, O QUE TU FEZ ONTEM?!

— Senhora, isso não é algo que você precise saber.

Não é como se ela fosse lembrar disso por muito tempo.

— Agora, Ian, atire nela.

Com lágrimas nos olhos, o pequeno apenas seguiu as ordens do homem silenciosamente.

— NÃO! FILHO!

Ele ainda tinha a mesma precisão, o mesmo manejo do gatilho, e a mesma mira impecável.

— Tio, por quê? — Perguntava Ian, chorando e virando para o homem frio e estoico ao lado do horrorizado Matheus. — Por quê isso? O meu pai morrer não já bastava?

— Não, não bastava. E eu...ainda estou insatisfeito. Ian, venha aqui e me dê essa arma.

O menino choroso e trêmulo dava a arma para ele, que era dada para Matheus. Ele agora segurava a caixa de presente em uma mão, e a pistola em outra.

— Pai, o que você tá fazendo...?

— Eu? Nada. Só esperando pra ver o que VOCÊ vai fazer.

— Pai, por favor, não...

Matheus era uma pessoa inteligente. Para bom entendedor, meia palavra basta.

Uma virtude admirável. Mas, no momento, era uma virtude que fez uma criança crescer rápido demais.

— Faça ou eu vou fazê-lo, filho.

— Matheus, o que tu vai fazer comigo?

Ele não fazia ideia do que estava acontecendo. Quando soube, era tarde demais. Sua mente ingênua o enganava com o que não seria a realidade.

A arma fria e resoluta era levantada por um braço hesitante e assustado. A primeira chance que Matheus teve de demonstrar o seu valor para o pai era inundada em tristeza.

Não era assim que Matheus queria conhecer a casa de seu melhor amigo.

— Ian, por favor, me desculpa...

— Matheus...MATHEUS! NÃO! Por favor, não faz isso comigo!

— Desculpa, Ian. De verdade...

— Tu foi a primeira pessoa que me acolheu, falou comigo, e virou meu amigo depois de tanto tempo! Por favor, lembra de quando a gente ria, a gente conversava, quando a gente brincava, quando...

Ian tentava andar para trás, mas tropeçava. Estava caído no chão, completamente indefeso.

— Eu sei, Ian! E, por mais que eu não queira fazer isso...eu vou ter que fazer. EU NÃO TENHO ESCOLHA, MANINHO! SÓ FICA SABENDO QUE EU VOU SEMPRE LEMBRAR DE TI! TU VAI SER SEMPRE MEU MELHOR AMIGO!

Não havia mais sentido em resistir. Não havia mais sentido em tentar pedir por misericórdia.

Ian aceitava o desfecho de sua história, que teria vindo cedo demais. Ele ainda tinha muitas páginas para escrever.

— Eu também, Matheus. Atira logo. Puxa o gatilho. E...me desculpa por tudo, tá? Tu foi a melhor pessoa que eu já conheci...

Rápido, preciso e certo. Bem no peito.

A bala correu mais rápido do que as lágrimas de Matheus caíram no chão. Era esse o verdadeiro significado de revidar?

O presente de Matheus era a arma. O presente de Ian eram as balas dentro dela. É comum que confundam um com o outro.

Matheus olhava para o cadáver do amigo, e deixava a caixa com cachorros-quentes cair no chão. Um desmoronamento magnífico de um muro frágil.

Naquele momento, o céu nublado queria muito mesmo descarregar sua água, e por muito tempo. No entanto, não queria que o belo sol visse essa vergonha que ele passaria.

— Bora, Matheus. A gente tem muito o que fazer. — Dizia o homem, após olhar para Matheus com olhos orgulhosos. — Eu vou indo logo.

O pai de Matheus e seus capangas andavam até o local de trabalho do homem, e logo desapareciam da visão do garoto. Ele, no entanto, resolveu ficar e terminar o resto do cachorro-quente do amigo.

Talvez esses cães nunca realmente souberam brincar com a bola que a eles foi dada. Eles apenas corriam atrás dela, e não pensavam em como seria pegá-la com a boca, sentir a sua textura e mordê-la com os seus dentes. Quando souberam disso, já era tarde.

O pequeno filhote já tinha sido levado com a águia que sobrevoava a floresta que ele vivia. Apenas o irmão maior dele ficaria ali, contemplando os pinheiros e os carvalhos.

— Eu...vou sair daqui, Ian. E quando eu sair, eu vou te dizer o que eu achar, ou dizer como é a escola, e vou dizer tudo o que você quer saber sobre o mundo fora. Eu posso demorar um pouco, mas, um dia, eu vou dizer tudo pra ti. E a gente vai poder comer muitos cachorros-quentes. Mais do que a gente aguenta hoje.

Ele estava disposto a deixar tudo o que ele conhecia para responder todas as perguntas que o seu amigo curioso tinha para fazer. As perguntas que, depois de tanto tempo, passavam a ser perguntadas também pelo próprio Matheus. Eles queriam, mais do que tudo, achar a resposta dessas perguntas juntos.

Matheus levantava e saía, com lágrimas ainda manchando o seu rosto. Ia até o pequeno esconderijo uma última vez, e olhava para a parede ao lado, que tinha dois nomes ali escritos com carvão.

“IAN E MATHEUS”

Lembrava de quando tinha escrito isso.

Nomes que nunca seriam apagados daquela parede. Nomes que nunca seriam apagados da memória de Matheus.

O garoto então saía após ver os colchões no chão, os travesseiros empilhados, a pequena lâmpada, e os pequenos lençóis. O prato pequeno com migalhas de bolo, os plásticos sujos de restos de molho, e os brinquedos jogados no chão.

O amalgamado de pequenas coisas que formava uma doce memória, e uma paisagem verdadeiramente inesquecível. O doce paraíso da infância, confinado por paredes de concreto, cimento e tijolo.

Nenhum dos dois nunca realmente saiu daquele paraíso. Eles sempre voltavam para lá de vez em quando.

— Todos nós estamos no mesmo barco.

Canoa QUEB RADA

ECO 4

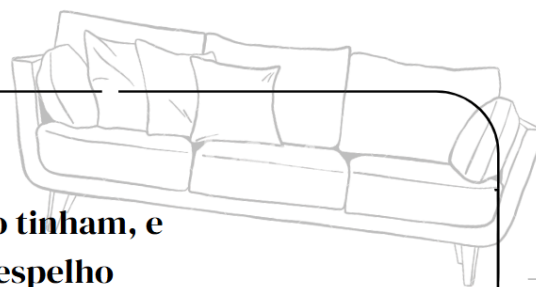
28 de Maio de 2024 — Novo Hamburgo, RS

uma televisão
antiga

— Ela apenas mostra o que eles não tinham, e provavelmente nunca teriam. Um espelho borrado de sua realidade.

ATO 1

Ela sempre quis dar o mundo e mais um pouco para eles.



— Oi, mãe! Chegamos!

As pequenas vozes alertavam a mulher que estava na cozinha. Um som que aliviava seus ombros tensos, que se mexiam na medida que ela passava a colher de pau em mãos dentro da panela de aço.

— Vão tomar logo o banho de vocês! Eu tô fazendo o almoço!

Os pequeninos em uniforme escolar saltitavam até o quarto que compartilhavam, e lá tiravam seu tênis um tanto sujo, jogando suas pequenas mochilas no chão. Ofegava um pouco e sentavam nas suas respectivas camas, situadas acima do linóleo e abaixo do gesso.

Uma caminhada relativamente cansativa. Travaram uma corrida quando estavam perto de casa para ver quem chegava primeiro, e apenas mancharam seus pés com a lama do dia chuvoso que antecedeu o hoje. Aquele que a eles pertencia.

No entanto, nunca souberam se o amanhã também pertenceria a eles. Nunca nem pararam para perguntar.

— Bah! Perdeu de novo, Júlio!

— Ai, Jéssica, tá bom. Mas quando eu ganhar de ti...

— Ah...tá. Tu vai muito ganhar de mim na corrida. Vai falando.

A pequena Jéssica ria em sua cama com lençóis rosados da Barbie, enquanto o pequeno Júlio resmungava na sua cama com travesseiros esverdeados. Uma leve brincadeirinha entre irmãos. Uma risada da mais pura virtude que uma criança poderia ter — inocência.

Jéssica pegava então a sua toalha da Minnie Mouse, que se agarrava em um prego fixo na parede acima de sua cama. Júlio fazia o mesmo, mas com a própria toalha. Ambos então corriam para cada um dos dois banheiros da casa, e fechavam as portas.

Enquanto isso, a mulher preocupada na cozinha terminava de mexer o que parecia ser um caldo em sua panela, e a fechava.

— Agora, só mais um pouco. O arroz já tá pronto, já tem salada, e agora é só esperar o frango terminar de cozinhar.

Ela então sentava na cadeira de madeira que tinha em sua frente, e pegava no seu celular. Cruzava suas pernas, e seus pés balançavam em um movimento quase involuntário. Não sabia controlá-lo.

Era uma mania que tinha desde muito cedo. Assim como as suas unhas levemente roídas indicavam.

Olhava um pouco os vídeos que a internet proporciona para apaziguar a sua mente relativamente agitada. No entanto, nada a fazia parar de pensar naquilo que provavelmente definiria o resto de sua vida.

Aquele concurso.

Uma maneira daqueles menos favorecidos conseguirem sustentar melhor as suas vidas. Uma oportunidade dada para aqueles cujas mãos não conseguiram segurar as mãos de uma vida próspera. Um pingo de esperança que caía do céu nublado juntamente com os outros milhares de pingos de chuva.

Janaína Fagundes Dietrich. Era esse o nome na inscrição realizada há algum tempo atrás. Era esse o nome da mulher cujos cabelos pretos e lisos formavam um pequeno rabo de cavalo que passava por pouco de sua nuca branca. Os cabelos jovens de uma dama de apenas 30 anos, os olhos azuis como o atlântico que a beirava, o nariz arrebitado e os lábios rosados e carnudos.

As características que formavam uma mãe, uma ex-esposa, uma concurseira, e uma lutadora.

Após um tempo, Júlio e Jéssica saíam do quarto, com roupas mais adequadas para sua permanência dentro de casa.

— Oi, mãe!

Os pequenos sorridentes corriam de braços abertos até a mulher sentada, que soltava o celular e abria os braços para eles.

Uma linda demonstração de afeto, conforto e união. A melhor maneira que uma mãe poderia proteger seus filhos da tempestade.

— Como foi o dia, gente?

— Foi bem legal! — Contava Jéssica, recuando um pouco dos braços da mãe, assim como o irmão mais novo o fazia. — A minha professora de história chata não foi hoje, então eu e minhas amigas ficamos brincando lá no pátio!

Até a madeira mais refinada pode ser desgastada por cupins. Ainda mais aquelas que eram molhadas pela chuva.

— Que...bom, Jéssica! — Exclamava, virando o rosto para o filho mais novo. — E o teu, Júlio?

— Foi legal. Não aconteceu muuuuuuita coisa.

Era um alívio ver os filhos sorridentes após uma manhã sem vê-los. O maior prazer que uma mãe poderia sentir. O prazer que não seria proporcionado por nenhuma quantia de dinheiro ou fama.

— Ótimo. Já já o almoço tá pronto. Vocês...não querem esperar um pouco? Fiquem lá na sala assistindo TV ou vão fazer alguma coisa enquanto o almoço termina de cozinhar.

Os pequeninos corriam até o sofá único e vermelho na sala, em todo o seu conforto e esplendor. Nele, estava a chave para uma criança arrancar o sorriso de seu rosto — um simples controle preto de televisão.

Jéssica não hesitou ao pegar ele e ligar a televisão cinzenta de poucas polegadas. Uma maior seria definitivamente um avanço, uma evolução, um passo à frente. Mas, no entanto, a pensão que o pai tão distante dos pequenos não deixava de pagar por pura obrigação e o salário desfavorável que recebia não eram o suficiente para que Janaína pudesse sequer sonhar em ter uma televisão nova.

No entanto, Júlio e Jéssica não viam problema nisso. Amavam os desenhos animados que passavam na televisão nada sofisticada. Não seria diferente nesse dia.

Riam, a risada era cortada por um pequeno comercial de uma linda boneca.

— Manhê! Vem aqui!

Janaína levantava e andava até a sala.

— O que foi, Jé?

— Tem como a senhora comprar essa boneca pra mim? — Indagava, apontando para o comercial na tela. — Por favooooor!

Por mais que a menina quisesse tanto o brinquedo, e a mãe quisesse mais do que tudo dá-lo para ela, simplesmente não podia comprá-la. Era muito cara. Custava mais do que poderia gastar.

Ela olhava para o preço, no final do comercial.

— Minha filha, não dá pra comprar. A mãe tá...sem dinheiro pra isso.

— Por favor...

A mulher resistia. Ela tinha que resistir.

— Desculpa, Jéssica, mas não dá agora. Eu prometo que eu vou comprar tudo o que vocês quiserem quando eu passar naquele concurso, mas agora não dá.

— Tá...

Jéssica ficava cabisbaixa e com um olhar tristonho. Era uma frase com a qual já deveria estar acostumada, dadas as tantas vezes que essa mesma situação já havia ocorrido.

É improvável que a audiência fique muito triste com uma atuação que já viu ocorrer dezenas de vezes no palco. Mesmo assim, a garota ainda se entristecia com esse mesmo roteiro.

Talvez fosse egoísmo. Mas ela e o irmão entendiam, mesmo que no fundo. A mãe não tinha condições para comprar os seus brinquedos mais desejados. Eles eram caros demais. Eles estavam no alto da estante, onde seus braços ainda pequenos não alcançariam com muita facilidade.

— Ai, o frango!

O susto da mulher fazia seu corpo saltar para frente do fogão. Por sorte, nada queimou. Estava tudo pronto para ser servido.

Ela pegava os pratos de um gabinete próximo, e começava a pôr as refeições nos pratos. Arroz, salada, e frango ao molho. Uma refeição deliciosa, feita por mãos aparentemente mágicas.

— O almoço tá pronto! Bora comer?

A mulher terminava de colocar os pratos e os talheres na mesa enquanto os filhos chegavam na cozinha. Quase se sentavam, mas eram interrompidos pela mãe.

— Lavaram a mão?

— Não...

Uma duplinha de vozes honestas, mas envergonhadas.

— Vão lavar ali na pia, então.

Uma professora que não tinha lousa, pincel nem giz. Apenas a sua voz. A voz que transmitia tantos ensinamentos que havia adquirido em seus anos de vida.

Logo, as crianças com mãos lavadas sentavam e começavam a refeição.

Era mais um almoço em família.

— Mãe, essa comida tá tão boa...

— Brigada, Júlio. Ainda bem que vocês gostaram.

Após um tempo, eles já estavam terminando seus pratos e seus copos de suco de laranja, originado de pequenos pacotinhos com um pó de cor semelhante.

— Mãe, quando a senhora vai viajar pra fazer o concurso?

— Amanhã, minha filha. Por quê?

— Já é amanhã? Ah...eu pensei que a senhora ia ficar aqui por mais tempo!

— O QUÊ?! JÁ É AMANHÃ QUE A MÃE VAI VIAJAR?!

— É, Júlio...

A mulher ria levemente.

— Relaxa, minha gente. Eu vou só ficar até domingo lá em Gramado.

— DOMINGO? MAS HOJE É TERÇA!

— Eu sei, Júlio, mas vocês não precisam se preocupar. Eu também queria ficar mais tempo aqui com vocês e queria até levar vocês junto comigo, mas não deu. A tia de vocês vai pra Gramado amanhã e ela me ofereceu essa carona.

Vendo o rosto triste dos filhos, começava a falar algo com um tom animador. Algo que tinha certeza que iria deixar o filho de 6 e a filha de 8 felizes.

— Maaaaaaas, vocês vão sabem pra onde? Pra casa da vó de vocês!

O feitiço teve o efeito esperado.

— O QUÊ? SÉRIO?

Ambas as crianças sorriam.

— EBA! — Celebravam, em coro.

— E quando que a gente vai? Amanhã ou hoje?

— Eu vou deixar vocês amanhã de manhã lá, e vou pra Gramado com a tia de vocês. Ela vai me buscar lá na casa da mãe.

Os pequenos terminaram de comer e beber aceleradamente. Era visível que mal conseguiam esperar para passar esses dias com a avó que tanto amavam.

— Lavem os pratos, viu?

O fizeram com obediência, antes de pularem para o quarto com duas camas, um armário e alguns brinquedos espalhados no chão.

A mulher levantou, guardou as panelas na geladeira e lavou a própria louça antes de aparecer na porta branca do quarto das crianças. Um realce claro em meio à parede azulada.

— Arrumem já as coisas que cês vão querer levar. Não esqueçam de nada. E também coloquem farda. O vô vai deixar vocês na escola de manhã, então nem inventem de ficar pensando que vão ficar sem ir pra escola, viram?

— Tá, mãe!

A mulher saía com um sorriso no rosto, e, antes de ir tirar uma soneca em seu quarto, via a porta da frente, e decidia ir trancá-la.

Ao chegar nela, apoiava a mão na porta marrom de madeira, e olhava para os céus.

Um pequeno chuveiro. A lama na calçada apenas aumentaria.

— Essas chuva tão ficando mais forte...que Deus abençoe e que não aconteça nada demais aqui, e que seja só uma chuvinha pequena, pelo menos hoje.

Ela então trancava a porta com sua chave, e andava até o quarto próximo.

— Ai, que soninho que deu agora, hein...

Ela se jogava na cama e ligava o ventilador em uma cadeira próxima. A cadeira que havia puxado da mesa repleta de livros que existia ao lado da cama.

A cadeira na qual sentava uma mulher estudiosa, determinada a mudar a vida dela mesma e dos seus filhos. Determinada a comprar a televisão que sempre quis, o celular que sempre quis, as bonecas que a filha via na televisão e os conjuntos de Legos que o filho tanto queria.

Ela faria de tudo por eles. Se precisasse, mataria e morreria. Se afogaria nas lagoas e rios próximos se significasse que seus filhos finalmente pudessem nadar e atravessar a correnteza.

Ela deixava o celular de lado, e fechava os olhos.

— Vou dormir só um pouquinho, e vou estudar...

Ela nunca se cansaria de estudar e revisar aquilo que precisava saber para a prova que faria no sábado. Ela nunca deixaria de segurar firmemente o braço que a esperança lhe estendia.

4 horas de sono. A mulher acordava com o vento que batia em sua janela fechada, e as pancadas de chuva que agrediram o solo, deixando apenas o cheiro agradável de terra molhada no ar.

— Que horas são... — Dizia, com voz sonolenta, pegando o celular. — ...SÃO 4 HORAS?!

Ela repentinamente levantava e sentava na beirada da cama. Havia extrapolado o único limite que havia imposto para si mesma.

— MEU DEUS! EU TINHA ERA QUE ESTUDAR AGORA! BURRA!

A mulher desesperada pulava da cama e corria para o banheiro lavar o rosto. Logo após, bebia um copo d'água, e questionava o silêncio vindo do quarto dos filhos no último gole.

Um silêncio anormal.

Ela andava lentamente até a porta, e a abria levemente. Por sorte, não rangia como tendia a fazer.

Lá estavam os filhos. Deitados em suas camas, com os olhos fechados. A mulher sorria.

Ao lado da cama de cada um, havia uma mochila com cores diferentes semiabertas. Dentro delas, haviam roupas amassadas, pulseiras, brinquedos e outras coisas. Ao lado delas, brinquedos e sinais de pura diversão entre os irmãos que ocasionalmente caçoavam de si mesmos.

A moça suspirava com alívio. Nem parecia o seu eu de segundos atrás, em desespero.

Pegava então as mochilas e levava elas até o seu quarto.

As roupas amassadas eram logo dobradas perfeitamente, e empilhadas. Os brinquedos colocados logo em cima, e os acessórios nos bolsos adjacentes. Uma bela organização, contrastante com o estado anterior da mochila.

Mesmo assim, algo nas roupas amassadas e os brinquedos metidos entre as roupas era encantador. Talvez a desordem e imprevisibilidade das mãos da infância tenha mais cor e beleza do que a ordem e organização de adultos.

Talvez seja mais belo ver um carrinho colorido de brinquedo no meio de uma sala, ao invés de um lençol branco dobrado no canto do quarto.

Em pouco tempo, as mochilas eram devidamente organizadas e colocadas de volta no seu lugar de origem, agora fechadas. Janaína então fechava a porta do quarto dos pequenos, e desligava a luz.

Nisso, ela tirava o ventilador da cadeira, que era pega com rapidez e colocada ao lado da escrivaninha de madeira.

Era hora de abrir os livros.

Anotava, lia, relia, assistia aulas em seu celular, e era apenas uma excelente estudante. Sempre foi, desde o seu período escolar. Uma das melhores da sala.

Sempre diziam que um futuro excelente estava na frente dela, mas ela só acreditava no ditado que escutou durante toda a adolescência quando se inscreveu naquele concurso. Mesmo assim, ela nunca parou de estudar. Ela nunca parou de tentar.

Após um tempo, ela tinha de começar a fazer a janta. Distantes eram as pancadas de chuva no chão e nas janelas, mas ainda permanecia um leve chuvisco, e o ar frio ao redor da casa.

Janaína finalmente fechava seus livros e seus cadernos após três horas e meia de estudo. Colocava o celular para carregar na tomada ao lado da mesa, e andava até a cozinha, começando a juntar a comida que havia sobrado do almoço na geladeira. As mesmas panelas, o mesmo frango, o mesmo arroz e a mesma salada. Havia feito o suficiente para almoço e janta.

Já conseguia escutar as risadas e os passos das crianças brincalhonas novamente, que andavam para fora do quarto até a sala, ligando a televisão e assistindo seus programas prediletos.

Após um tempo, as crianças ansiosas eram chamadas para jantar pela mãe, que já sentava na mesa com os três pratos de comida e três copos cheios de suco. Antes que pudessem sentar, lavavam as mãos, mas eram visíveis pequenos farelos marrons ao redor de suas bocas.

— Júlio e Jéssica. Vocês comeram o biscoito de chocolate que tinha na gaveta?

Jéssica virava.

— Sim. O Júlio não deixou quase nada pra mim! Ele pegou um monte de biscoito!

A mulher sintetizava uma expressão de choque e virava para o filho.

— É sério isso, Júlio? É muito feio não dividir, sabia?

— Mas mãe, eu peguei primeiro...

— Tu tem que aprender a dividir. Da próxima vez que eu ver vocês com um pacote de biscoito, eu quero que tu e a Jéssica comam o mesmo tanto de biscoito, ouviram?

— Mas mãe, ele comeu quase tudo! Eu não posso comer quase tudo também?

— Não, Jéssica. Vocês têm que dividir, e comer o mesmo tanto. Agora, sentem logo e comam.

— Tá...

Uma lição de como saber dividir. Um tópico já conhecido nos seus livros de matemática, mas ainda tinha que remeter seu significado aos filhos vez ou outra.

Agora, a refeição antecedida por essa lição de ouro.

Apesar do seu refrigeramento, a comida estava ótima como sempre, e rapidamente todos os pratos, copos e panelas eram lavados. A mesa estava vazia, ocupada apenas pela toalha de lã, que despia os pequenos cantos amadeirados.

A cozinha estava novamente em paz. As crianças não questionavam sobre a mochila misteriosamente arrumada, e apenas assistiam televisão.

— Gente, não durmam tarde, viu? Vocês vão ter que acordar bem cedo amanhã pra ir pra casa da vó.

— Tá bom, mãe! — Exclamava Júlio, com alguns dentes faltando. — A gente não vai demorar!

O sorriso e a animação dos meninos eram os mais belos possíveis. Janaína não achava que os sorrisos que via na internet, com dentes perfeitamente alinhados, eram os mais bonitos. Para ela, os melhores sorrisos seriam os com banguelas, os infantis, os verdadeiros.

Nisso, ela ia para o quarto e começava a arrumar as suas malas para seus dias em Gramado com a irmã. Não demorava muito. Apenas colocava o essencial.

Roupas, livros, canetas, documentos, entre outros recursos. Era uma mulher organizada.

Após terminar de arrumar tudo, colocou a mala no pé da cama, e pegou o celular que estava carregando, tirando o carregador da tomada e enrolando-o.

Com o celular em mãos, Janaína dava uma última olhada na internet por cerca de meia hora. Após isso, andava até a sala, e chamava as crianças para irem dormir.

— Bora dormir, gente?

A televisão já desligava antes que ela pudesse sequer dizer uma palavra.

— Vamo! Boa noite, mãe!

— Boa noite, Julinho. Dorme com os anjos, viu? — Dizia, abraçando e beijando o garoto na testa antes dele entrar no quarto.

— Boa noite, mãe!

— Boa noite, Jé. Bons sonhos, viu? Te amo — Dizia, abraçando a menina e a beijando da mesma maneira.

A velocidade incomum das crianças deixava sua ansiedade para os dias com os avós óbvia. Era uma rara oportunidade. Tanto para eles, quanto para a mãe.

Quando os pequenos entraram no quarto, Janaína apagava a luz da sala e da cozinha, e entrava no próprio quarto. Conseguia ver pela brecha da porta que a luz do quarto dos filhos estava apagada. Sabia muito bem que eles estavam mais felizes e animados do que nunca.

Ela então colocava em seu celular um alarme para 6 horas da manhã, e deixava ele ao lado. Pegou a cadeira na qual estava sentada, colocou o ventilador em cima dela e o ligou em sua direção.

Seu dia acabava ali. Descansava sua cabeça no travesseiro único da cama, e se embrulhava com um pequeno lençol antes de apagar as luzes e adormecer pela noite.

Um som alto e perfurante rompia com o sono pacífico de Janaína, que acordava um tanto incomodada.

Já estava de manhã.

Ela acordava e colocava a mochila na sala, indo então acordar os filhos.

Eles levantavam na medida que ela abria a porta da frente de casa, e já estavam prontos, com suas mochilas nas costas.

— Bom dia, mãe! A gente já tá pronto!

Vendo os dois filhos lado a lado e sorridentes, ela não deixaria também de sorrir.

— Que bom. Eu também já tô arrumada. Vou só trancar todas as portas. Já guardei tudo que precisava guardar ontem.

Ela rapidamente trancava as portas dos quartos e dos banheiros com a chave que tirou do bolso. Nisso, ela pegava a sua mochila e colocava em suas costas, assim como faziam os filhos. Em pouco tempo, todos estavam na calçada, e a porta da casa já era trancada.

Ninguém mais entraria lá até Janaína voltar.

— Pegaram os brinquedos que vocês gostam? Não querem mais pegar algum lá dentro antes da gente sair?

— Sim, a gente pegou. — Dizia Jéssica, balançando a cabeça em um movimento afirmativo. — E mais, lá já tem brinquedo!

— Beleza.

Então, ela pegava a moto que estava guardada em um beco ao lado da sua casa, e a tirava de lá, logo fechando e trancando o portão gradeado branco novamente.

Ela subia, e os filhos também. Seguravam a mãe com todas as suas forças, e saíram.

Após alguns minutos, lá chegavam. A avó já estava no portão, esperando ansiosamente.

As crianças na moto acenavam, com um sorriso de ponta a ponta. A senhora acenava de volta. Isso até eles chegarem no portão e pararem.

— VÓ! — Gritavam, correndo até ela para abraçá-la. — Que saudade!

Todos ali sorriam. A felicidade de encontrar um parente querido em sua mais pura forma.

— JÚLIO! JÉSSICA! — A senhora gritava, sendo abraçada por eles e abraçando-os de volta.
— Ôhhhhh, que saudade que eu tava!

— Oi, mãe!

— Oi, Janaína! Já faz um tempo, né, minha filha?

Estendendo a mão direita, Janaína pedia as bênçãos da mãe, que beijava a mão da filha e a abençoava. Colocava a moto dentro da garagem dos pais, e descia dela.

Logo, uma buzina cortava o ar.

O carro vermelho parava ao lado dos muros beges da casa. Dele, descia a irmã de Janaína com passos rápidos.

— Oi, mãe!

— Oi, Silvana! Como que tu tá, minha filha?

Silvana pedia as bênçãos da mãe, assim como Janaína teria o feito.

— Eu tô bem. Só apressada. Cadê a Janaína?

— Tô aqui, Silvana! Tô indo!

Janaína saía da garagem e ia até a calçada, na qual estava a mãe, a irmã e os filhos. Uma curta reunião de família, sem nem ao menos um jantar.

— Vamo, Janaína?

— Vamo, Silvana.

Na medida que Silvana voltava para o carro, Janaína trocava algumas palavras com a mãe.

— Brigada por ficar com eles. Eu não arranjei ninguém pra ficar com eles, e eu não ia conseguir levar nenhum pra ir comigo, e...

— Relaxa, filha. Não esquentar. Eu já tava querendo ver eles faz um tempo. Pode ir lá, querida.

— Tá. Beijo, mãe! Qualquer coisa me liga!

As crianças davam um último abraço na mãe de estatura muito maior.

— Tchau, mãe! A gente vai sentir saudade!

Ela se agachava, comovida. Abraçava os filhos de volta.

— Eu também. Vocês podem mandar mensagem quando quiser do celular da vó, tá? Beijinhos! Amo vocês muito!

Ela andava até o carro, e limpava a única lágrima que corria na sua bochecha. Entrava no banco do passageiro, e estava pronta para embarcar nessa jornada. O carro ligava, e Janaína abaixava a janela ao lado do assento do passageiro uma última vez para acenar para os filhos.

— Tchauuuuu!

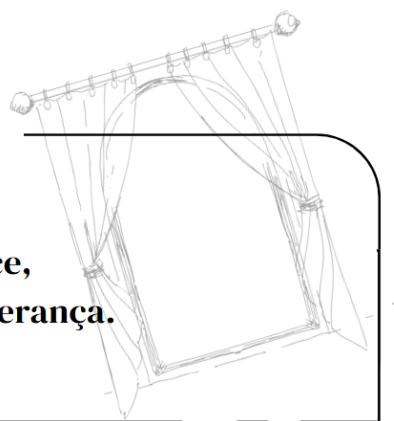
A mãe e os filhos acenavam de volta.

A paisagem do seu mundo agora se tornava distante na medida em que o carro seguia em frente pelas ruas e avenidas, pelos altos e baixos.

Ela havia dado adeus ao seu mundo. Ao mundo que até então conhecia como a palma de sua mão.

aquela janela trancada — ATO 2

**— Sua fechadura esconde uma nova chance,
uma oferta irrecusável e uma lasca de esperança.**



Não me diga que você nunca quis saber o que tem atrás dela.

— Daqui pra lá é quanto tempo, Silvana?

— Uma hora e meia. Não acho que a gente vá demorar muito.

— Tu vai fazer o concurso também, Silvana? É por isso que tu tá indo?

Ela suspirava com as mãos no volante.

— Sim. Não é só por isso, mas sim. Lembra da tia Susana?

Janaína então lembrava do rosto distante da tia enquanto colocava a mochila em suas costas no banco de trás do carro, repleto de outros objetos.

— Lembro sim. Já faz um tempo que eu falo com ela.

— Ela tava precisando que eu ajudasse ela num negócio lá, e que era pra eu ficar alguns dias com ela. E, na minha agenda, só dava pra ir hoje.

Janaína tinha um pouco de inveja dos planejamentos da irmã, tão bem-sucedida e tão ocupada. Uma advogada bem abastada, casada com um policial famoso pela região. Sua vida era, no mínimo, invejável.

Não havia dúvidas que a mãe tinha um pouco de favoritismo quanto à Silvana. Mesmo assim, Janaína nunca deixava de ser amada, apesar de acreditar no oposto desde pequena. Silvana não faria o concurso por necessitar de uma oportunidade. Faria apenas por fazê-lo.

Era esse o muro que dividia as irmãs, sentadas lado a lado no carro que era banhado pelo céu nublado acima e pelas folhas das árvores, que caíam no vidro de tempos em tempos.

— ...entendi.

Era uma viagem silenciosa. A música baixa no rádio e os buracos na estrada eram as únicas coisas que faziam essa viagem ser uma linha um tanto curva, ao invés de uma linha completamente reta. O ar-condicionado apenas esfriava a relação já fria das irmãs.

Uma pena. Elas eram tão próximas.

Janaína então olhava para a janela do carro e contemplava todo o aglomerado de coisas que formavam o mundo. Árvores, casas, terra, céu, nuvens, o sol invisível, tudo para ela já não era novidade. Ainda sim, queria mais que tudo ficar nesse mundo, o qual muitos acham arruinado, apodrecido, corrompido.

Eles não estão completamente errados.

O mundo pode ser cruel, na mesma medida que pode ser belo. Janaína sabia disso mais do que ninguém. Ou, pelo menos, é o que ela deveria saber. Algumas coisas podem ser boas demais para serem verdade.

Após uma hora, os leves e finos pingos d'água respingavam na parte externa do vidro grosso. Deixavam neles cicatrizes, que logo cobriam todos os vidros do carro.

Cicatrizes essas que, no vidro da frente, eram limpas pelos para-brisas pretos, que revelavam a distante cidade de Gramado.

Elas estariam perto de seu destino.

— Janaína, a gente tá chegando. Tu já pode ir pegando tua mochila, se quiser. A gente não vai demorar pra descer.

Janaína pegava a mochila preta com seus pertences, e olhava novamente para a janela limpa pelo para-brisa.

Via um mundo mais ainda dominado pela arquitetura alemã do que o seu. Raras eram as vezes que era levada para Gramado e via esse belo cenário. Um museu com quadros magníficos, feitos pelos mais talentosos artistas. Via as igrejas, os lares, os prédios, os hotéis, as lojas, as árvores, tudo que fazia aquele lugar ser único e especial para ela. Uma doce lembrança de raros momentos da infância, e a chave para iluminar o próprio futuro.

Após um tempo, Silvana estacionava na calçada de uma casa relativamente média, contrastante com todas as construções altas e esplendorosas que haviam visto no caminho.

Mas aquela casa também era esplendorosa, apenas de sua própria maneira. Ainda se assemelhava com as outras casas próximas, mas ainda tinha uma sensação especial. Uma sensação aconchegante e calorosa em meio ao frio do vento e do pequeno chuvisco que molhava o asfalto nos pés de Janaína e Silvana.

— Chegamos. Vou ligar pra tia. Enquanto isso, fica aqui esperando. Eu não quero que tu fique gripada.

Era perceptível que elas ainda se importam uma com a outra, mesmo que fossem tão distantes. Laços de família são coisas que nunca seriam rompidas por distância ou lâmina alguma, afinal.

— Alô, tia? — Dizia Silvana, segurando o telefone no ouvido com o ombro enquanto pegava sua bolsa. — Sim, sim. A gente já chegou. Abre aqui, por favor. Brigada.

Ela desligava na medida que pegava dois guarda-chuvas secos no banco de trás, e dava um na mão da irmã. O carro desligava, Silvana guardava a chave na bolsa, e as duas saíam, segurando seus respectivos objetos para se protegerem da chuva.

Andaram até a calçada, e foram agraciadas pela tia.

— Oi, Silvana! Tudo bem, minha querida? — Dizia, abraçando a sobrinha mais velha. — E tu também, Janaína! Como vão? Como vai a vida? Bora entrar!

As sobrinhas abraçavam a tia, e entravam rapidamente na casa.

Era difícil esconder a angústia na voz de Susana.

— Gente, muito obrigada, de verdade, por virem aqui.

Susana fechava a porta de sua casa após as sobrinhas terem entrado. Seu rosto logo se transformava repentinamente na medida que Silvana e Janaína sentavam no sofá cinzento e confortável. Uma casa linda, repleta de belas e caras decorações e móveis delicados. Vasos de porcelana, pequenos elefantes dourados abaixo da extensa televisão, balcões e mesas de mármore e os quadros elegantes eram a prova real de que Susana era uma pessoa, no mínimo, bem abastada.

Janaína estava cercada por uma realidade distante. Uma realidade desconhecida e sufocante que a pegava pelo pescoço e a mostrava o que poderia ter se o destino tivesse dado a ela o mesmo que deu nas mãos de praticamente todo o resto da família.

No entanto, ele teve diferentes planos para ela. Talvez se ela tivesse estudado mais, ou não tivesse se envolvido em um relacionamento tão cansativo e desgastante desde os seus 20 anos, ela teria sido mais favorecida.

A única coisa realmente boa que sobrou daquele relacionamento foram as duas bênçãos em sua vida — Júlio e Jéssica.

— O que aconteceu, tia? Tu parece que tá triste...

— Ai, como que eu explico isso pra vocês...

A senhora com idade avançada ficava de pé, com a mão apoiada na parede ao lado.

— ...o tio de vocês tá no hospital. Ele...se acidentou.

A expressão de Silvana era uma de choque e tristeza, transmitidas de forma menor pelo rosto de Janaína.

— HÃ?! — Questionava Silvana, com uma voz trêmula. — COMO? O que...o que aconteceu?! Ele tá bem?

— Silvana, eu não sei direito. Me disseram que...ele tava dirigindo no carro dele pra ir no mercado de noite, mas aí um cara lá que tinha bebido pegou e bateu no carro dele. Foi bem na frente...

A senhora, já com lágrimas nos olhos, tentava formular frases em meio aos gaguejos.

— Me ligaram do hospital, e...e disseram que ele tava desacordado. Isso ontem, sendo que ele se acidentou lá no sábado, que foi quando eu pedi pra tu vir.

— Mas ele se machucou muito?

— Pior que eu não sei disso também... — Dizia, começando a chorar de vez. — Eu...não sei de...NADA! Eles...não me contam!

Silvana levantava e abraçava a tia. Janaína deixava sua mochila no sofá e ia fazê-lo também.

— Calma, tia. — Dizia Janaína, em uma voz calma. — Eu tenho certeza que o tio Otílio tá bem. Ele vai acordar logo.

— Deus te ouça, Janaína. Deus te ouça, fia.

Elas soltavam a tia, que limpava as lágrimas e o rosto com as mãos, mas continuava com a voz trêmula.

— Eu...arrumei o quarto de hóspedes pra vocês. Só passar pelo corredor, que vocês acham ele. Na última porta.

— Tá, tia. — Dizia Janaína, enquanto pegava a alça da mochila com a mão. — Muito obrigada por me deixar ficar aqui.

— Não precisa agradecer. Eu vou ali passar um café pra gente tomar.

A senhora saía, e as irmãs pegavam seus pertences e entravam no quarto.

Nada muito extravagante se escondia atrás da porta marrom, e das paredes brancas. Apenas duas camas, separadas por uma pequena e fina mesa de madeira com uma lâmpada e um tapete de lã verde-menta, que era iluminado pela janela de vidro na parede. Suas longas cortinas brancas abertas tocavam suavemente o grande armário que ia do chão ao teto, da mesma forma que o sol tocava no horizonte ao final da tarde.

— Lembra, mana? Desse quarto aqui? A gente dormia muito nele quando a gente vinha nas férias. — Relembrava Silvana, colocando seus pertences ao lado da cama mais próxima. — Saudades daquele tempo...

Todo adulto ocupado e estressado sente falta dos seus tempos despreocupados de infância. A vida era mais fácil em muitos parâmetros. Pelo menos para Silvana.

— Lembro...saudades. Mas, infelizmente, é um tempo que não volta mais.

Janaína fechava a porta do quarto e sentava na cama que restou, como sempre havia feito.

— Janaína, eu queria conversar contigo. — Dizia Silvana, com a voz ainda um pouco triste. — Lá na sala, quando a tia Susana tava falando do tio Otílio, tu tava com uma cara tão...sei lá. Parece até que tu não tava triste de verdade.

— Eu? Eu tô triste sim, Silvana. Tu acha que eu sou o quê? Uma doida?

— Não, Silvana, não é isso. É que...sabe...

Janaína conhecia a irmã. Tinha um olho atento para a maioria dos detalhes que muitos deixariam passar, e definitivamente não deixaria passar o rosto de Janaína.

— Sabe, Silvana... — Dizia, após um suspiro. — Não é como se eu tivesse feliz, mas, sinceramente, eu não tô muito triste com isso. Tanto a tia Susana quanto o tio Otílio sempre deram menos atenção pra mim e mais pra ti quando a gente ficava aqui. Principalmente o tio Otílio.

— Quê? Não!

É sempre fácil falar quando não é você a vítima.

— SIM, SILVANA! Sempre foi assim! — Gritava, antes de levantar da cama.

— NUNCA! NUNCA NA VIDA!

Uma briga entre irmãs. Não era algo muito raro, até mesmo depois de adultas. É o maior símbolo de irmandade que duas pessoas podem ter.

— SIM, SILVANA! PARA DE FALAR QUE NÃO, PORQUE FOI SIM!

Silvana se calava e permanecia estática, sintetizando uma expressão claramente chateada em seu rosto. Era agora uma ouvinte silenciosa.

— Tu sempre foi a favorita de tudo! CLARO QUE TU NÃO VAI PERCEBER COMO EU ERA TRATADA! E eu sempre me calei, eu sempre esperei a minha hora, mas ela nunca chegava! Mas agora, Silvana, finalmente eu vou ter o que EU SEMPRE MERECEI! Eu estudei, estudei e estudei QUE NEM LOUCA pra esse concurso no sábado, E EU NÃO VOU DEIXAR TU TOMAR ISSO DE MIM E DIZER PELA MILÉSIMA VEZ QUE EU SOFRO PORQUE EU SOFRI! POR MUITO TEMPO!

Silvana era uma estátua. Uma estátua que permanecia em choque em frente da irmã, que chorava após descarregar tanto peso de suas costas.

Logo, ela passava a se mexer para abraçar a irmã, e fornecê-la um ombro para chorar. Ficava apenas em silêncio, tendo recebido essa enxurrada de lágrimas e emoções secretamente guardadas por tanto tempo.

Um comportamento um tanto estranho para uma estátua de mármore.

— Eu tenho inveja de ti, sabia, Silvana? Sempre tive.

— E eu tenho mais. Desde sempre.

— O quê?

Era surpreendente tal comentário aos olhos de Janaína.

— Sim, Janaína. Tu é uma pessoa tão madura, tão decidida, tão forte, tão determinada, e eu sou assim. Sou só bem sucedida na vida. E eu não acho que ter dinheiro seja melhor do que

ter qualquer uma dessas características maravilhosas que tu tem. Às vezes, eu queria ter uma vida simples que nem a vida que a gente tinha, e que nem a tua.

Uma ofensa? Talvez.

— Como assim, Silvana? Tu quer ter uma vida cheia de sufoco ao invés da vida linda que tu tem? Tu quer ter uma casa que parece que vai cair com qualquer vento e chuva que dá? Tu quer mesmo viver no meu lugar?

— Sinceramente, às vezes eu prefiro uma vida simples do que a vida toda atarefada e ocupada que eu tenho. Tu sabe que...eu sou infértil. Eu não consigo engravidar, e meu marido não...quer adotar ninguém. Ele é grosseiro como sempre quando a gente toca nesse assunto. Sei lá, tem vezes que eu só queria alguém pra me abraçar, e me dar um presente de dia das mães na escola. Eu trocaria todo o dinheiro que eu tenho pra sentir como é amarrar o dente mole de uma criancinha numa maçaneta, e puxar a porta com força. Pra me sentir realmente viva e feliz. É muito bom ser advogada, mas tem horas que eu quero só...sumir.

Ambas eram comovidas pelos próprios discursos. Pelas próprias bagagens que acabavam de descarregar, apesar de suas mochilas já estarem no chão antes mesmo de terem trocado uma palavra sequer. Apenas ficavam lá, se abraçando por muito tempo.

Janaína, no entanto, ainda tinha um pouco de raiva. Essa ferida era antiga, mas nunca iria cicatrizar, e nela doeria para sempre. Mesmo assim, momentos com esse aliviavam a dor ardente.

— O CAFÉ TÁ PRONTO!

As duas se soltavam, e Janaína limpava seu rosto. Saíam pela mesma porta que tanto abriram e tanto fecharam, e andavam até a sala, na qual estava situada a tia.

Estava muito mais calma. Nem uma única gota de café era derramada no chão, e suas mãos não tremiam mais. Havia xícaras sofisticadas e outros pequenos aperitivos prontos para as irmãs.

Parece até que já estava tudo pronto, apenas esperando para o bater das sobrinhas no portão.

— Brigado, tia. Eu nem tomei café da manhã direito. Acordei, deixei os meninos na casa da mãe, e vim logo com a Silvana.

— Nem eu.

— Pois então comam, podem comer!

As mulheres então partilhavam de uma deliciosa refeição. Bolinhos de queijo, pedaços de bolos maiores e café faziam parte desse momento de relaxamento em meio à chuva que caía no mundo exterior.

Nisso, a atenção de Susana era chamada pelo tocar de seu telefone, que estava em seu bolso. Ela o pegava, e não conseguia segurar a sua surpresa.

— O que foi, tia? Quem é? Que cara é essa? — Perguntava Silvana, com um bolinho na mão.

— É...o hospital.

Ela atendia.

— A-alô? Sim, sim. SÉRIO? MEU DEUS, EU NÃO ACREDITO! Sim, sim. eu vou agora mesmo!

Ela desligava, com um sorriso incomum no rosto. Um sorriso genuíno, que falhava miseravelmente em esconder a surpresa em sua voz, e que lavava completamente a angústia em sua face previamente nervosa.

Algumas surpresas são boas escondidas, e outras são ainda melhores quando reveladas antes da hora.

— O que foi, tia? O tio Otílio tá bem?

— Pelo que parece, ele acordou!

Todos ali sorriam enquanto terminavam seus goles de café. Após comerem, todos foram até o hospital no carro de Susana.

Após um percurso de média distância, elas finalmente chegaram na frente do prédio andavam logo até o quarto no qual ficava o paciente acidentado, que acenava para a família e era abraçado por cada uma das mulheres ali.

Até mesmo Janaína. Até mesmo a sua suposta “menos favorita”.

Ele ainda ficaria lá por um tempo para se recuperar. Até o domingo, mais especificamente. O dia que as irmãs tinham de ir embora.

Ao terminarem a visita, Silvana olhava o celular, e tinha um rosto um tanto preocupado e deprimido.

— O que foi, mana? Aconteceu alguma coisa?

— Não, Janaína. Nada. Só...o meu marido me falando uma coisa aqui. Nada demais.

Era óbvio que Silvana escondia algo, mas decidiu não revelar nada.

Após algumas horas, Janaína estudava no quarto, não deixando de olhar o celular esporadicamente. Apenas via a hora rapidamente, no entanto. Não via notícias, e nem tinha vontade de vê-las. Até as vídeo-aulas que assistia ficaram em casa.

— Estranho, eles nunca mandaram nada. É. Deixa eles. Devem se divertir tanto lá que...esqueceram de mim. — Pensava Janaína, quase se perdendo em seus pensamentos preocupados. — Não! Deixa esse celular de mão! FOCO!

Ela desligava o celular e o afastava.

Isso se repetiria todos os dias até a fatídica prova. Silvana era cada vez mais preocupada e angustiada, mas ninguém queria dizer nada para Janaína. Não queriam tirar o seu foco do concurso que mudaria sua vida. Não queriam desconcentrar uma garota tão inteligente.

No que parecia ser um piscar de olhos, chegava aquele dia. O dia pelo qual Janaína tanto esperou. O dia que semeou esperança dentro daquela pequena casa em Novo Hamburgo, e naquelas pequenas crianças.

O dia em que a janela antes trancada finalmente se abria, após Janaína tanto tentar tirar seus cadeados.

Janaína acordava e era levada pela irmã na universidade na qual seria aplicado o concurso, e logo chegava lá. Não seria uma viagem longa.

— Vai lá, Janaína. Eu...sei que tu consegue. Tu estudou muito pra isso, e vai dar tudo certo.

— Com fé em Deus. Tu também consegue, irmã.

Ambas apertavam as próprias mãos, que seguravam canetas, garrafas de água, celulares e algumas frutas. Logo, as usariam para dar um último abraço antes da prova.

Entravam na sala de aula, mostravam os documentos e guardavam seus pertences nos devidos lugares antes de sentarem, e esperarem pelo exame.

Após um tempo, todos já com suas canetas em mãos, as provas eram entregues.

Como esperado de Janaína, ela fazia a prova com o que aparentava ser facilidade. Seus anos de estudo renderam tudo e mais um pouco naquela pequena carteira de madeira. Marcava com assertividade e certeza.

Mas ainda havia algo que segurava a outra ponta de sua caneta. Sua preocupação era aumentada cada vez mais em relação à mãe, à Júlio e à Jéssica.

Era pelos filhos que ela fazia aquela prova, lia aquelas questões e marcava aquelas respostas. Era pelo seu futuro. É normal que ela se preocupe com os filhos, que estranhamente não falavam com ela durante todos esses dias.

Seu foco destoava dali de tempos em tempos, mas ela sempre voltava ao chão após flutuar.

Depois de um tempo, ela e a irmã finalmente saíam, e iam de carro até a casa da tia, debatendo as questões feitas no caminho. Duas concurseiras, duas sobrinhas, duas mulheres e duas irmãs. As irmãs que tão friamente foram para Gramado, e que conversando voltariam.

Janaína então chegava juntamente com a irmã e se jogava na cama em que dormia. Havia ficado a madrugada praticamente inteira acordada estudando. Suas olheiras eram grandes, assim como seu sono e sua determinação. Tinha a garra de um leão, que finalmente descansava após o dia pelo qual tanto aguardou sentada.

Acordava faminta e com sede à noite. Saía do quarto finalmente, e se encontrava com tia e irmã conversando sentadas, com rostos preocupados.

— O-o que aconteceu? Que caras são essas, minha gente?

Elas logo disfarçaram os rostos preocupantes. Silvana voltava a assistir a série que gostava na televisão da sala, enquanto Susana rapidamente voltava para a cozinha, na qual fazia o jantar.

— Alguma coisa aconteceu...

No momento que Janaína pegava o seu celular, descobria que estava descarregado completamente. Colocava logo para carregar em uma tomada no quarto, mas cada passo seu era repleto de ansiedade e nervosismo.

Mas pelo quê? Ela fez a prova da sua vida, e estava segura de suas respostas. Só tinha agora que ir embora, e esperar pelos resultados em sua amável casa, com os filhos dos quais tanto sentia falta.

Sentia falta dos abraços, das risadas, dos beijos, e das suas vozes.

Logo, sentava ao lado da irmã e assistia junto com ela, esperando o jantar. Talvez isso apaziguasse sua mente turbulenta.

Após um tempo, o jantar estava pronto, e todas ali se sentaram na mesa de jantar de mármore e vidro. Um luxo, sem sombra de dúvidas.

— Ahhhh, vocês já vão amanhã? Esses dias passaram tão rápido...

— É, tia. Eu queria poder ficar aqui, mas eu tenho muita coisa pra fazer lá no escritório. E a Janaína vai comigo.

— Pois é. Mas eu espero que vocês tenham gostado daqui. É legal receber visita de vez em quando.

Elas terminaram de comer e, após um tempo, foram dormir.

Uma noite mal dormida por Janaína e sua mente ansiosa e preocupada. Algo não estaria certo, mas tentava não pensar muito sobre isso. Não queria se colocar para baixo.

Elas logo acordavam, tomavam café, pegavam suas bolsas e já estavam no portão da casa de Susana. Da mesma maneira que chegaram lá.

— Então a gente já vai, tá, tia?

— Tá bom, Janaína. Tchau, meus amores. Vou sentir saudade de vocês.

Todas se abraçavam, antes de cada uma dizer seu adeus para a tia. Colocavam as bolsas no carro, e logo percorriam o mesmo percurso para voltar para Novo Hamburgo.

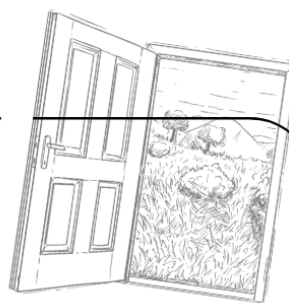
Janaína ainda não conseguia acreditar que conseguiu. Conseguiu fazer o que queria e conseguiu ter a chance de mudar o mundo daqueles que mais ama. Conseguiu mudar o seu mundo.

Finalmente viu o sol atrás da janela que estava tão alta, tão fora de seu alcance. Empilhou os livros de pouco em pouco, e finalmente chegou lá.

Mesmo que o seu mundo já tivesse mudado para sempre.

aquela porta aberta

— É a mesma porta de antes. Abra! Você agora tem a chave. Eles sempre dizem que devemos experimentar novas coisas, afinal.



ATO 3

Não há lugar como o nosso lar.

Após um tempo, o carro finalmente estacionava. Mas não estacionava em frente à casa de Janaína, à casa da mãe ou à casa de Silvana.

Estacionava em uma estrada mais elevada em meio às fortes pancadas de chuva. Dali, conseguiam ver por pouco a parte mais baixa da cidade.

— Silvana, o que aconteceu? Por quê tu parou aqui do nada?

Silvana começava a chorar silenciosamente.

— Desculpa, Silvana. Eu...não consigo mais dirigir daqui.

Silvana caía nos braços da irmã, que olhava confusa ao redor.

— O que foi? Tá sem gasolina? O que aconteceu?

— NÃO, JANAÍNA! OLHA AO REDOR!

— É...tá um temporal mesmo. Já tô acostumada.

— Não, Janaína. Dessa vez é diferente.

Silvana pegava um guarda-chuva e saía do carro ligado. Nisso, ia para a porta da irmã, a abrindo suavemente e estendendo a mão.

Era uma estrada vazia.

Janaína pegava na mão de Silvana e levantava.

Silvana então a levava para um lugar no qual poderia ver a cidade.

Um belo mirante, que olhava fixamente para um cenário destruído pela fúria das águas.

— Não...

Janaína olhava em choque. Sua inexpressividade lentamente se transformava em loucura e tristeza extrema na medida em que colocava suas mãos em seu cabelo antes penteado, e colocava os dedos próximos aos olhos previamente secos.

— ...NÃO! NÃO! O QUE ACONTECEU?! JÉSSICA! JÚLIO!

A voz da chuva falava mais alto do que seus gritos, que se aproximavam da área alagada.

— Janaína, volta! Não tem motivo pra tu ir lá! Não vale a pena!

Janaína gritava com todas as suas forças, mas ninguém respondia.

— EU...EU VOU BUSCAR VOCÊS!

Silvana corria até a irmã que já havia saído debaixo do guarda-chuva.

— NÃO! Janaína, por favor! Não vai! Tu vai...

Janaína virava, com seus cabelos e roupas molhados pela água.

— Eu...

— Janaína, eu sinto muito por tudo. Isso tava acontecendo já, mas...

A irmã se enchia de raiva.

— ISSO JÁ TAVA ACONTECENDO?! E POR QUÊ TU NÃO ME CONTOU NADA?

— EU NÃO QUERIA ATRAPALHAR TEU CONCURSO! TU TAVA ESTUDANDO TANTO QUE...EU...

— QUE SE LASQUE ESSE CONCURSO! — Gritava, ofegante, enquanto lutava contra o vento para pegar uma pequena canoa que havia visto ao lado. — Eu...EU VOU PEGAR MEUS FILHOS!

— O QUÊ? NÃO! NÃO! JANAÍNA!

— TU NUNCA VAI SABER COMO EU TÔ ME SENTINDO AGORA! EU PRECISO IR BUSCAR ELES! EU PROMETI QUE IA DAR UM FUTURO PRA ELES! EU PROMETI QUE IA DAR TUDO PRA ELES!

Silvana se aproximava e puxava o braço da irmã, mas ela a empurrava para o chão.

— Por favor...me deixa ir lá buscar eles.

Vendo que não adiantava mais lutar, apenas permitia essa tentativa. Tinha que respeitar a decisão da irmã.

Janaína via sua vida toda ali. Seus vizinhos, as lojas em que comprava suas coisas, a escola em que seus filhos estudavam, e todo o seu mundo. Em ruínas.

Tentava levar a canoa um tanto desgastada até a casa de sua mãe com as suas últimas esperanças de ver a luz após a tempestade. Ela queria que as crianças também a vissem.

Janaína sempre esperou pelo momento que faria essa prova, mas, no momento mais crucial, deixou ela de lado. Deixava o motivo pela sua lasca de esperança de lado.

— JÚLIO! JÉSSICA! MÃE! EU TÔ CHEGANDO! ME ESPEREM, POR FAVOR!

Ela via a reflexão de seu mundo desabando na água lamacenta. Via o corpo de conhecidos, amigos e colegas flutuando na água. Via geladeiras, brinquedos, televisões, e todos os tipos de objetos.

Mas ela nunca quis ver nada disso. Ela quis apenas ver o rosto sorridente de seus filhos. O rosto inocente que tinha anseio por ter o que tanto queria.

Após um tempo usando todas as suas forças para navegar, conseguia ver a casa da mãe, mesmo que apenas uma porção. Ela a reconheceria de qualquer lugar.

— EU TÔ AQUI! VENHAM PRA CÁ, POR FAVOR!

Ela já chorava muito. Suas lágrimas se misturavam com a água marrom aos seus pés. Uma mistura de cores um tanto questionável.

Nisso, ela via um sapato familiar na água. Ela finalmente sorriu, mesmo que por uma fração de segundo.

— JÉSSICA! É TU AÍ? VEM-

O corpo da menina já morto flutuava para fora da casa.

A mulher horrorizada tentava pegar o corpo da garota com todas as suas forças, mas já era fraca demais.

— JÉSSICA, SEGURA! POR FAVOR, SEGURA, MENINA!

Ela não escutava, e nem era respondida. Soltava involuntariamente o corpo da pequena garota, que flutuava para longe. Flutuava pelo cemitério que aquela cidade tão viva e bela havia se tornado.

Até as covas seriam engolidas pela água.

Nisso, o corpo pequeno de Júlio também era revelado, e, logo após, o da mãe.

— JÚLIO! MÃE! VOCÊS...

Ela já aceitava que eles haviam morrido. Mas nada mais importava. Ela ainda tinha que se agarrar à remota esperança de que sua família ainda estaria viva e que conseguiria falar com ela uma última vez, mesmo que não fosse o caso.

Chorava e gritava descontroladamente.

— POR FAVOR! VOLTA! EU VOU DAR TUDO QUE VOCÊS QUEREM! EU FINALMENTE FIZ A PROVA! POR QUÊ VOCÊS TÃO INDO EMBORA?

Ninguém aplaudia. Não havia nem um mísero cochicho entre a plateia inexistente.

Nisso, a pequena canoa começava a quebrar. Água começava a rapidamente entrar nela.

— Não! Não! NÃO!

Ela sabia que teria de nadar. Não tinha forças, mas tentaria. Ela faria de tudo para abraçar os filhos pela última vez.

Então, ela pulou na água.

— Eu sei que eu não vou embora daqui, mas...

Ela tentava flutuar até o corpo da mãe. Não era habilidosa em nadar, no entanto.

— MÃE! Eu tô...eu tô...quase lá...

Ela sempre esteve quase lá. Mas só dessa vez que conseguiu chegar em seu objetivo.

Abraçava então o corpo da mãe já frio.

— Me desculpa, mãe, por tudo. Eu...te amo.

O corpo de Júlio tocava Janaína. Seus pés lentamente paravam, e ela lentamente sucumbia às forças da água.

— Agora eles...vão ter finalmente tudo o que eles quiseram. Tá orgulhosa de mim, mãe? Que eu me tornei uma pessoa tão boa quanto você? Uma mãe tão boa? Tu me deu tudo o que eu pude querer, e agora...

Os pés paravam. Seus olhos fechavam. As mochilas das crianças estavam abertas, e alguns brinquedos flutuavam, assim como as suas curtas vidas. Uma pena que Janaína não pôde dar para eles brinquedos mais duráveis.

— Eu quero retribuir.

O seu mundo ideal finalmente estava de portas abertas para Janaína. O mundo no qual Júlio e Jéssica nunca mais chorariam por nada, nem ela se perguntaria quando poderia acabar com essas lágrimas.

O mundo cuja porta estava trancada. Talvez apenas ali, em seu apocalipse, é que sua tranca perderia qualquer tipo de força, e a porta abriria, e revelaria a luz do sol em meio ao céu nublado, e o anil atrás das nuvens cinzas e raivosas.

Ela não chorava mais. Nem ninguém. Todos os sons eram abafados pela água. Finalmente descansava seus olhos após tanto estresse, e tanto sufoco.

E finalmente conseguia respirar.

Seria ela um peixe? Afinal, todo o seu lar está agora abaixo da água. Um belo aquário, repleto de escamas desgastadas e algas mortas.

Obrigado por ler até aqui. —

*O pássaro, a ovelha, o cachorro
e o peixe. Sim, a Arca de Noé
agora está pronta.*

**E agora, as cortinas se fecham.
Não há aplausos, e os atores não pegam de
volta suas cabeças caídas no chão.
Apenas restam os ruídos da chuva.
Sem facas, sem armas, sem tristezas,
apenas um simples fenômeno da natureza.**

PÓS-FÁCIO

DE ROSIANE NASCIMENTO

Este livro precisa ser apreciado por todos os leitores, a fim de fundamentar uma construção crítica mais eficiente do meio social em que está inserido. Ao longo de quatro histórias, a obra trata com grande relevância as problemáticas vivenciadas da maneira mais comum, embora desvendadas de modo impactante pelo leitor. No entanto, quando esses fatos fogem da perspectiva social em que tal sujeito está imerso, refere-se a uma leitura que provoca certo desconforto. Assim, é válido lembrar que a tarefa do autor aqui não é nada fácil, porém pensar em algum momento acerca disso, é um falso olhar interpretativo, afinal, a maior tarefa dele é prender a atenção do leitor e, nesse labor, ao longo de todas as tramas, o grande autor Henzo Alexandre consegue transmitir esse feito com maestria, provocando e mantendo o interesse leitor bem aguçado, principalmente, pelas escolhas temáticas abordadas e o enredo empregado.

Atualmente, vive-se numa sociedade marcada pela presença de sujeitos marginalizados em contextos diversificados. A obra ECOS DE TODOS OS TEMPOS – a areia da ampulheta cai como gotas na chuva – remonta – nos às camadas sociais, marcadas pela desigualdade entre classes e toda as mazelas existentes, infelizmente, comuns no âmbito contemporâneo, tais como: violência contra a mulher, relacionamento abusivo, assédio seguido de estupro de vulnerável, assassinatos, violência doméstica, doenças mentais, sonhos inalcançáveis, péssimas condições de vida e alta vulnerabilidade social. Trazer essas situações à mostra e desnudar o contexto social brasileiro em suas camadas mais aparentes é a majestosa e trágica missão do autor aqui. É sobre “desromantizar” o papel resiliente do povo brasileiro, vendido como um povo sofrido, porém combatente. Esse rótulo precisa ser desmistificado já!

Diante disso, sabe-se que o homem é um ser ativo e social que necessita de suas interações para se manter saudável, tanto nos aspectos físicos, como mentais e sociais. No entanto, na presente obra, o autor permeia a face já adoecida desse homem e, em conformidade com o pensamento de Hobbes que afirma: o homem é o lobo do próprio homem – esta menção consiste em metaforizar sobre a prática humana ser capaz de provocar altas atrocidades contra elementos de sua própria espécie e contra ele mesmo em sua vivência cotidiana e coletiva. Aqui, o tempo ecoa literalmente sobre essas faces sociais, na verdade, máscaras sociais humanas que representam a sociedade de forma intrínseca, profunda... Nos mais variados contextos, há sempre opressores e oprimidos.

Contudo, Henzo Alexandre – o autor – permite nos refletir sobre a sociedade caótica, porém real. Há muitas Marias Serafinas por aí no mundo... vivendo os mesmos contextos, amargando a mesma história triste. Há homens como Alessandro por toda a

parte, enclausurado pelas pressões sociais e adoecido por não conseguir lidar com todos os desafios que o cercam. Os jovens Ian e Matheus ainda tão imaturos se deparam com a criminalidade no exato momento em que uma arma muda toda a trajetória de vida deles. A mulher de nome Janaína visualiza nos estudos, na busca pelo funcionalismo público - a possibilidade de alterar a realidade dela e da família, notando rapidamente que a sua história é afetada por um desastre que a faz perder a família e, posteriormente, a vida. E o que permanece? O caos... rememorando João Cabral de Melo Neto com a metáfora dos Severinos, aquele sujeito sem singularidade que representa todos os cidadãos na mesma situação, aquele que não consegue se autodefinir.

Logo, o autor nos incube da séria tarefa de refletir sobre a sociedade atual...De emitir as nossas concepções, mesmo havendo o distanciamento de alguns conflitos não compartilhados. Ser “humano”, na sociedade atual, é uma tarefa árdua, desumana e equivocada. Falamos de humanos sem humanidade, sem respeito, sem empatia, sem zelo... Estamos na falência do “sentir”. Há raízes amargas em tantas Serafinas, tantos Alessandros, tantos Ians, tantos Matheus e tantas Janaínas que nem somos capazes de imaginarmos. Não estamos prontos para recuar, muito menos para agir e seguir, mas precisamos alterar a nossa (sobre) vivência. A inércia não nos pertence... Ainda extasiada, extraída da minha zona de conforto, porém impactada, despeço-me com honradez da leitura e gratidão pelo convite.

Professora Rosiane Nascimento

BIOGRAFIA

Nascido em Teresina - PI, filho de Hélio de Paula e Marianne Adrianine, Henzo Alexandre Moraes de Brito é um aluno do Colégio Pro Campus Júnior, e, no ano de lançamento deste livro, cursa o segundo ano do ensino médio, e também faz parte da AJULE (Academia Juvenil de Letras). Tendo escrito seu primeiro livro solo — Donzela — em 2023, ele agora escreve Ecos de Todos os Tempos como seu segundo livro solo.

Comentário do autor:

Realmente espero que vocês que leram tenham gostado, pois foi uma experiência muito gratificante ter escrito esse livro que amo, apesar de alguns apesares. Não posso agradecer o suficiente a todos aqueles que me apoiaram, principalmente os meus pais, minhas queridas professoras Jéssica e Rosiane, e alguns amigos. Obrigado por fazerem essa ideia se tornar realidade.



Sinceramente, não tenho muitos feitos interessantes para contar aqui. Não como os feitos na biografia da minha querida orientadora, que segue na próxima página. Sério, ela é um amor de pessoa.

Obrigado por ter lido, do fundo do meu coração.

Jéssica Mineiro é graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí e mestre em Literatura pela Universidade Federal do Piauí.

Pesquisadora dedicada ao universo da literatura infantil e juvenil, explora a riqueza e a complexidade dos textos literários específicos para as novas gerações. Além de suas atividades científicas, atua como professora de literatura e interpretação textual em Teresina - Piauí, instigando a reflexão sobre a força e a beleza da palavra escrita.

(outro) Comentário do Autor:

Viram? Ela é um amor mesmo. Tô falando pra vocês.



DIAS *chuvosos*

São eles a testemunha de tudo.

São eles que contam e guardam os segredos.

São eles os espectadores reticentes da vida.

*São eles que refletem em suas gotas os mais
amargos gritos.*

E as mais doces memórias.

Por favor, seja cuidadoso (a) com este guarda-chuva.